

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional
Curso de Psicologia



Trabalho de Conclusão de Curso

**Pistas conceituais para cartografar uma ontologia fractal: interfaces com a
filosofia da diferença e esquizoanálise**

Miguel Delanoy Polidori

Pelotas, 2023

Miguel Delanoy Polidori

Pistas conceituais para cartografar uma ontologia fractal: interfaces com a filosofia da diferença e esquizoanálise

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Kreutz

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

P766p Polidori, Miguel Delanoy

Pistas conceituais para cartografar uma ontologia fractal : interfaces com a filosofia da diferença e esquizoanálise / Miguel Delanoy Polidori ; José Ricardo Kreutz, orientador. — Pelotas, 2023.

93 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Psicologia. 2. Ontologia fractal. 3. Esquizoanálise. 4. Cartografia. 5. Geometria fractal. I. Kreutz, José Ricardo, orient. II. Título.

CDD : 150

Miguel Delanoy Polidori

Pistas conceituais para cartografar uma ontologia fractal: interfaces com a filosofia da diferença e esquizoanálise

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Psicologia, pela Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 28 de setembro de 2023

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Ricardo Kreutz (orientador)

Prof. Ma. Laís Vargas Ramm

Prof. Dr. Domenico Uhng Hur

Agradecimentos

Meu pai Maurício e minha mãe Simone: é difícil escolher palavras que amparem a ênfase que quero dar no agradecimento a vocês. Pai, tu és uma fonte nômade de inspiração para todas as dimensões da vida. Lembra do que tu cantava para mim na bicicleta? “Procurando au-aus”. Pois bem, como podes ver, nunca deixarei de procurá-los. Mãe, o tempo se rói com inveja de ti, ele te vigia querendo aprender. E eu aproveito, me aproximo, e aprendo junto. Vocês pegam a vida pelo braço e a ensinam a cantar, dançar, tocar, rir, chorar, sentir – enfim, a viver. Tenho orgulho de ver as existências de vocês, e é um prazer que transborda de poder ser parte disso.

Agradeço às minhas três irmãs, Maria, Estela e Lara:

Maria, minha mana cantante, teu companheirismo e parceria se transformam em uma curiosidade sobre o universo que me fazem querer ir sempre além. Foi tu quem me apresentou ao Palomar, personagem protagonista deste trabalho. És combustível para minhas criações;

Estela, minha mana dançante, que sempre esteve ao meu lado partilhando o dia-a-dia. Os anos foram muito mais ricos com nossas piadas, séries, filmes e jogos;

E Lara, minha mana Skye, não para nunca de voar, nem quando a tempestade alcançar a ponta da tua saia. O mundo é teu.

Fernanda, obrigado por ser minha parceira de fusca, skate, violão, comidas e até de artigos. Que a gente ainda faça disso tudo muito mais.

Natália, obrigado por me mostrar diariamente como o amor pode ser leve e suave. Me enche o coração de alegria te sentir ao meu lado. Teu companheirismo é, simultaneamente, um lugar seguro e uma inspiração para novas aventuras.

Aos meus amigos Juliano, Vinícius, Luis e Greg, que me ensinaram o que é amizade antes mesmo de eu aprender a ler e escrever: obrigado pelos infinitos momentos juntos. Vocês me mostram que a gente sempre pode criar um universo todo nosso, seja numa tarde de taco ou numa noite de jogos – em qualquer lugar, independentemente da distância que nos separe.

Leonardo, Chico, Isabella, Letícia e Luiza: talvez um dia eu consiga expressar para vocês o quanto nossa amizade e nossos vôleis mudaram minha vida, e me fortaleceram para encarar o último ano da graduação. Contem comigo para tudo, dentro e fora de quadra.

José Ricardo, tu me ensinaste, entre tantas outras coisas, que companheiro é aquele que partilha o pão. Partilhamos muito mais que isso. Tive a sorte, o privilégio ou a sincronicidade de te encontrar – é aquele papo esquisito de destino. Eu não poderia pedir por orientações e supervisões melhores. O que era um vínculo com um professor acabou se transformando em profunda admiração, companheirismo e amizade. Pude contar contigo durante todos os anos da graduação e, como já te disse, se um dia tiver ao meu alcance fazer por um aluno o que fizeste por mim, “já tô feito”.

Aos colegas que me acompanharam durante a graduação, sem vocês a coisa toda não teria o mesmo brilho. Lincoln e Tiffani, com a alegria da nossa amizade, a dureza acadêmica evaporou. Marco, tua amizade e parceria desde os trabalhos em grupo até os papos sobre tudo um pouco me fizeram seguir adiante no curso. Anne, obrigado por ter apoiado minhas ideias desde o início, e ter sempre insistido para que eu seguisse adiante. Eu segui.

Camila, foste a professora que me abriu os caminhos no universo da psicanálise, me fortalecendo para transitar por todos os ambientes da psicologia. Te agradeço muito pelos ensinamentos.

Rosiene, obrigado por ser a pessoa que me mostrou na prática o que é a psicologia desde meus primeiros passos neste universo que escolhemos carregar pela vida afora. Teu profissionalismo, ética, carinho e cuidado são porto seguro às minhas trajetórias.

Por fim, agradeço aos integrantes da banca. Professora Laís, tuas aulas tão sensíveis e enriquecedoras sobre psicologia social e institucional foram decisivas para chegar até este trabalho. Professor Domenico, tua generosidade de partilhar o conhecimento trouxe ainda mais consistência à minha graduação. A leitura cuidadosa de vocês foi um inigualável afeto, combustível às minhas invenções acadêmicas. Obrigado por terem aceitado compor esta pesquisa.

Resumo

POLIDORI, Miguel Delanoy. **Pistas conceituais para cartografar uma ontologia fractal: interfaces com a filosofia da diferença e esquizoanálise**. Orientador: José Ricardo Kreutz. 93f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) – Curso de Graduação em Psicologia, Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

O presente trabalho consiste em uma investigação da aparição e utilização de conceitos provindos da geometria fractal – uma geometria não-euclidiana do campo de estudos da matemática e das ciências exatas – na filosofia da diferença e na esquizoanálise. Para realizar tal investigação, utilizamos o método da cartografia, que nos permite ir além de uma racionalização e sistematização dos conceitos investigados, apostando também em uma experimentação a partir dos conceitos. Dessa forma, o trabalho utiliza-se de Palomar, personagem conceitual que atravessa os cenários da cartografia, inicialmente operando com uma imagem-onda e posteriormente com uma imagem-cidade. Primeiramente, é feita uma revisão da geometria fractal, desde seu nascimento na matemática passando por Benoit Mandelbrot, até sua primeira aparição nos textos de Deleuze e Guattari, em Mil Platôs. Em seguida, tendo como questionamento central “*como pensar sobre isso?*”, o pensamento da filosofia da diferença de Deleuze e Guattari é investigado em conjunto de uma primeira leitura de uma ontologia fractal, a partir da fractalização dos fenômenos. Diante das características paradoxais e subversivas de uma geometria não-euclidiana que auxilia a apreender os fenômenos da natureza em suas irregularidades e complexidades, nos aproximamos com maior consistência da utilização feita por Deleuze e Guattari da geometria fractal para apreender os movimentos do desejo e, conseqüentemente, dos modos de subjetivação. Assim, operando com a imagem-cidade, partimos para uma investigação sobre o próprio método da cartografia, entendendo-o em dois momentos: um enquanto método das ciências humanas capazes de acompanhar as transformações e funcionamentos dos modos de subjetivação, e outro a partir da utilização singular da ontologia fractal em Guattari nas suas cartografias esquizoanalíticas, em que o autor a conecta com conceitos como estratos, agenciamentos, máquinas e enunciação, apontando também as repercussões ético-estético-políticas de tal ontologia em uma práxis analítica sobre os territórios existenciais. Por último, é investigada a importância dada por Guattari ao conceito de afeto e como isso potencializa que suas cartografias esquizoanalíticas possam ser pensadas hipertrofiando os conceitos em volta dos processos de fractalização, especificando diferentes tipos de fractalização e seus modos de utilização.

Palavras-chave: Ontologia fractal. Filosofia da diferença. Esquizoanálise. Cartografia. Geometria fractal. Subjetivação.

Abstract

POLIDORI, Miguel Delanoy. **Conceptual clues for cartographing a fractal ontology: interfaces with the philosophy of difference and schizoanalysis.**

Advisor: José Ricardo Kreutz. 93p. Term Paper (Bachelor in Psychology) – Psychology, University of Medicine, Psychology and Occupational Therapy, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2023.

The present work consists of an investigation into the appearance and use of concepts originating from fractal geometry – a non-Euclidean geometry from the field of studies of mathematics and exact sciences – in the philosophy of difference and schizoanalysis. To carry out this investigation, we use the cartography method, which allows us to go beyond a rationalization and systematization of the concepts investigated, also focusing on experimentation based on the concepts. In this way, the work uses Palomar, a conceptual character who crosses the cartography scenarios, initially operating with a wave-image and later with a city-image. Firstly, a review of fractal geometry is made, from its birth in mathematics through Benoit Mandelbrot, to its first appearance in the texts of Deleuze and Guattari, in *A Thousand Plateaus*. Then, with the central question “*how to think about this?*”, the thought of Deleuze and Guattari's philosophy of difference is investigated together with a first reading of a fractal ontology, based on the fractalization of phenomena. Faced with the paradoxical and subversive characteristics of a non-Euclidean geometry that helps to understand the phenomena of nature in their irregularities and complexities, we approach with greater consistency the use made by Deleuze and Guattari of fractal geometry to understand the movements of desire and, consequently, , of the modes of subjectivation. Thus, operating with the city-image, we set out to investigate the cartography method itself, understanding it in two moments: one as a method of human sciences capable of following the transformations and functioning of modes of subjectivation, and the other from the Guattari's unique use of fractal ontology in his schizoanalytic cartographies, in which the author connects it with concepts such as strata, assemblages, machines and enunciation, also pointing out the ethical-aesthetic-political repercussions of such ontology in an analytical praxis of the existential territories. Finally, the importance given by Guattari to the concept of affection is investigated and how this enables his schizoanalytic cartographies to be thought of by hypertrophying the concepts around the processes of fractalization, specifying different types of fractalization and their modes of use.

Key-words: Fractal ontology. Philosophy of difference. Schizoanalysis. Cartography. Fractal geometry. Subjectivation.

Lista de Figuras

Figura 1: frequência da palavra fractal e derivações nos livros de Deleuze e Guattari.	13
Figura 2: quadro com fotos do diário de pesquisa.	14
Figura 3: primeira foto e medição da onda.	23
Figura 4: segunda foto e medição da onda.	24
Figura 5: terceira foto e medição da onda.	25
Figura 6: Conjunto de Mandelbrot	27
Figura 7: iteração do fractal de Cantor.	28
Figura 8: iteração da Curva de Koch.	28
Figura 9: compilado de objetos fractais.	29
Figura 10: visibilizando as direcionalidades da fractalização – musgos Selaginella.	31
Figura 11: primeira utilização da geometria fractal por Deleuze e Guattari.	33
Figura 12: a borda é a dobra, e as dobras criam bordas.	43
Figura 13: visualização do mapa da internet de 2003.	51
Figura 14: dispositivo sobre a apreensão dos fenômenos.	54
Figura 15: primeira imagem de uma ontologia fractal.	56
Fonte: do autor.	56
Figura 16: Joquim, Elda e o avião “Cidade de Pelotas”.	64
Figura 17: transbordamento dos estratos.	67
Figura 18: Palomar na imagem-onda, observando de fora.	78
Figura 19: Palomar na imagem-onda, adentrando a água.	79
Figura 20: Palomar na imagem-cidade, do topo do terraço.	80
Figura 21: Palomar na imagem-cidade, no encontro com Joquim.	81

Sumário

1. Introdução e contextualização do problema	9
2. Metodologia	17
5. Palomar e o método da cartografia	45
5.1. A cartografia: um método entre a produção de subjetividade	49
5.2. Cartografias esquizoanalíticas e a ontologia fractal	56
5.3. Afeto, o combustível da ontologia fractal	73
6. Conclusão	84
Referências	89

1. Introdução e contextualização do problema

O texto que segue é um de Trabalho de Conclusão de Curso que tem por objetivo/desafio fazer uma revisão teórico conceitual acompanhando uma “verga”/“linha”/“trilho” que começa na filosofia da diferença, passa pela geometria fractal e termina na psicologia social/esquizoanálise. Este trilho ganha força no terceiro semestre de minha graduação em Psicologia na UFPel, quando tenho o primeiro contato com a filosofia da diferença, a partir do clássico Rizoma. Desde então, busco articular conceitos dessa filosofia com a geometria fractal, junto de meu orientador e alianças criadas durante a graduação. Em 2019, articulando o conceito de rizoma ao fractal (POLIDORI e KREUTZ, 2019); em 2020, em que fazemos um esforço filosófico para entender o conceito de resiliência a partir de sua dimensão de deformação (POLIDORI, STONE e KREUTZ, 2020); em 2021, transitando entre o conceito de ritornelo e pensamento com a geometria fractal (POLIDORI e KREUTZ, 2021); e em 2022, aproximando o método da cartografia e a atenção do cartógrafo aos processos de fractalização (POLIDORI e KREUTZ, 2022).

Antes de cursar Psicologia e desenvolver estes trabalhos recém citados, cursei Ciência da Computação pela UFPel. Fui até o quinto semestre e então tomei a decisão de mudar de curso, e levei comigo uma misteriosa memória afetiva que constantemente remetia, em minhas novas experiências, ao mundo da computação, aos algoritmos de ordenação, à programação orientada a objetos, à inteligência artificial, aos cálculos, às linguagens formais, à lógica aristotélica, aos autômatos finitos e infinitos... são tantos espectros de uma fábrica de mundos completamente diferentes do “mundo real”, mas que, ao mesmo tempo, fabricam cada vez mais o tal do “mundo real”. Para pôr em prática tantas formas de manipular os *softwares* e *hardwares*, era necessário pensar de outra forma, definitivamente diferente da que eu estava acostumado a pensar. Ainda assim, se trata de uma área de ciência dura: nada pode ficar fora do lugar, um ponto e vírgula e o código não compila e, conseqüentemente, não executa. Não executando, era necessário *debugar* seu projeto, passando por cada algoritmo e subrotina, até encontrar onde sua programação estava falhando. Com o tempo, o corpo se

acostumava a pensar naquelas linguagens, fossem linguagens de programação, fossem linguagens dessas que dizemos serem nossa matéria-prima na Psicologia.

Saí deste mundo, mas este mundo não saiu de mim. Ao entrar na Psicologia, somos bombardeados nos primeiros semestres com as várias linhas teóricas que podemos seguir. Percebi semelhanças em algumas delas com aquilo que vivi na Computação. Algumas diziam sobre o cérebro ser como um complexo computador; outras entendiam a dinâmica de comportamentos através de algoritmos envolvendo estímulos e respostas; outras ainda aproximando-se de uma inteligência artificial adaptativa, tentando encontrar paralelos entre IA e o funcionamento cerebral. E no meio disso tudo, estavam a esquizoanálise e a filosofia da diferença. Li o texto Rizoma (DELEUZE e GUATTARI, 1980a) e pensei “o que é isso que estou lendo?”. Sentia que não conseguia nem começar a pensar sobre tudo aquilo, mas, de alguma maneira, tinha a certeza de que eram textos como esses que mais me aproximavam do que entendia como existência, vida, mundo real, vários nomes que isso pode receber. Logo aí, ao ler Rizoma, uma das entradas que tive ao texto – sem somente passar desafetado por ele, como estava acontecendo com as outras linhas teóricas da psicologia que estudava – era aproximando os mistérios e inquietações que eu trazia da computação e articulando-os aos conceitos esquizoanalíticos. E assim o fiz, percebendo que haviam algumas coisas que poderiam ser pensadas ativando especialmente a geometria fractal, campo que estudei algumas aplicações na computação. Mas dessa vez era diferente, não se tratava mais de uma replicação de algoritmos prontos para lidar com problemas exatos computacionais, e sim da criação de conceitos para lidar com as produções desejantes.

Algum tempo depois, me deparo com a entrevista que Jô Gondar e Rogério da Costa fizeram com Guattari em 1992, onde o perguntam sobre o porquê de utilizar tantas noções e conceitos provindos de ciências duras como a computação, o cálculo e a física. Guattari responde que seria totalmente arbitrário seguir utilizando referências como a literatura romântica, e que nossas experiências e nosso “mito existencial está impregnado pela ciência. Então não se trata de dizer: eu não quero saber nada da ciência, da tecnologia; ao contrário, estou imerso nela, ela faz parte de nosso romance familiar atual” (DA COSTA e GONDAR, 1992, p, 8). É dessa maneira que me sinto ao desenvolver este trabalho, não buscando aproximar os conceitos da psicologia e da esquizoanálise da geometria fractal para

equalizá-los e deixá-los em um mesmo patamar científico de validação. Muito pelo contrário, a ideia é mostrar como estes conceitos, compondo nosso mito existencial e nos produzindo subjetivamente, podem ser trabalhados em prol de uma complexificação dos processos que o investigam. Como aponta Lapoujade, o desejo produz mundos através de movimentos aberrantes (LAPOUJADE, 2015), movimentos estes muito mais próximos de paradoxos, irregularidades e transbordamentos do que de movimentos previsíveis e regulares. Há na geometria fractal características paradoxais e subversivas de uma geometria não-euclidiana que nos auxilia a apreender os movimentos do desejo.

Dessa forma, deparando-me com tamanha implicação subjetiva na trajetória acadêmica, fui sendo impactado por problemas reais, e tal impacto convocou toda essa produção de subjetividade para filosofar, ou seja, criar conceitos. Tais conceitos, que vibram e repercutem entre si, habitam um plano de consistência, que corta e traça um continente para que se possa transitar na complexidade resultante entre o caos e o cosmos (DELEUZE e GUATTARI, 1991). Eis um primeiro território de estudos, o da *filosofia da diferença*.

O intuito, neste primeiro momento, é de evidenciar o problema de pesquisa a que este trabalho se propõe a investigar, seus objetivos e qual será a metodologia utilizada para tal. Os capítulos serão visitados em aliança com Sr. Palomar, personagem conceitual inspirado em personagem de mesmo nome, criado por Ítalo Calvino. Será Sr. Palomar quem concretizará os conceitos em formas de encarar os fenômenos, sejam eles de natureza teórica ou prática.

A definição de um conceito nunca é uma tarefa simples. Cada conceito compõe uma paisagem conceitual, ressoando com os conceitos vizinhos, podendo inclusive transitar entre territórios do saber e vindo a criar novos territórios transdisciplinares. Quando um conceito deixa seu ninho e passa a ser utilizado em outro campo do saber, ele pode conectar-se a outros arquipélagos conceituais nunca antes imaginados, configurando um plano conceitual completamente novo. Como viajar por estes arquipélagos?

Deleuze e Guattari, provavelmente os autores que mais aparecerão neste texto, pensam os conceitos como “centros de vibrações, cada um em si mesmo e uns em relação aos outros. É por isso que tudo ressoa, em lugar de se seguir ou de se corresponder.” (DELEUZE e GUATTARI, 1991, p. 31). Para os autores, em seu livro *O que é a filosofia?*, é papel da filosofia a criação de conceitos singulares para

a resolução de problemas também singulares. Entendemos a singularidade neste cenário como a erupção de uma multiplicidade no seio de uma época, de um local e de um tempo, de uma perspectiva sobre o conhecimento, de um saber específico... quer dizer, os conceitos e os problemas serão únicos em cada um de seus territórios de “nascimento”, pois cada destes territórios possuem características únicas em seu interior e em suas fronteiras com outros territórios, o que sempre provocará encontros diferentes e irreversíveis. Nenhum conceito é estático ou estanque, o que impossibilita qualquer definição universal sobre si.

Toda criação é singular e o conceito, como criação propriamente filosófica, é sempre uma singularidade. O primeiro princípio da filosofia é que os Universais não explicam nada, eles próprios devem ser explicados. (DELEUZE e GUATTARI, 1991, p. 13)

Um conceito não ter neutralidade quer dizer que conceitos são imateriais que se materializam nos corpos, a partir de seus usos. Durante toda a obra de Deleuze e Guattari vemos conceitos operando com diferentes usos, sempre permeados por processos de invenção e criação conforme as realidades e os problemas singulares provocados. Alguns através de novas palavras, como desterritorialização, outros “contrabandeados” de outras disciplinas e saberes, como rizoma, ritornelo, corpo-sem-órgãos. São conceitos que passam pela biologia, filosofia, psicanálise, da música, teatro, cinema, computação, física, matemática... e é nesta última que está a linha de entrada para o atual trabalho. Entre os conceitos da matemática utilizados na vasta obra dos autores está o de fractal, provindo da geometria fractal, um ramo das geometrias não-euclidianas. Desde que o neologismo fractal passou a ser utilizado na matemática por Benoit Mandelbrot (1982) em 1982, Deleuze e Guattari passaram a utilizá-lo em seus livros, em especial Guattari em seus livros ao fim da década de 80. Utilizam-se da palavra fractal, mas também de derivações como fractalização e fractalidade. É possível perceber, entretanto, conceitos que reverberam com o de fractal em obras anteriores, como em *Diferença e Repetição* (DELEUZE, 1968).

O conceito de fractal, que inicialmente me instigava a criar articulações nas primeiras leituras de Deleuze e Guattari, mostra que tem um espaço importante em vários livros dos autores, o que me surpreendeu e fez apostar ainda mais neste estudo para cartografar suas aparições no decorrer da pesquisa. A geometria fractal tem sua primeira aparição na obra dos dois autores em *Mil Platôs*. A partir daí, aparece em um outro livro da dupla, um somente de Deleuze e em dois

somente de Guattari. Abaixo, um quadro com a frequência da palavra fractal e derivações nos livros:

Ano	Livro	Prefixo FRACT	FRACTAL / AIS	FRACTALIZAÇÃO	FRACTALIZADA	FRACTALIDADE
1980	Mil Platôs vol. 5	4	4			
1988	A dobra - Leibniz e o Barroco	1	1			
1989	Schizoanalytic Cartographies	131	91	36	3	1
1991	O que é a filosofia?	9	5	3	1	
1992	Caosmose	12	10		1	1

Figura 1: frequência da palavra fractal e derivações nos livros de Deleuze e Guattari.

Fonte: do autor.

As “descobertas” dos usos da geometria fractal no decorrer destes trabalhos citados não foram um caminho fácil e guiado, pelo motivo de não haver revisão bibliográfica sobre essa relação. O que há, como recém visto, são usos dispersos, tanto em Deleuze e Guattari quanto nos outros autores. Na trajetória de estudos percorrida desde 2019 até o ano atual de 2023, passo a utilizar um diário para registrar as movimentações feitas pelas obras, livros e artigos. Além do valor afetivo, o diário se mostra importante por ser um braço da cartografia que se debruça sobre o terreno da filosofia da diferença, esquizoanálise e psicologia, mas principalmente sobre um processo de aprendizagem, e, por que não, um processo de subjetivação.

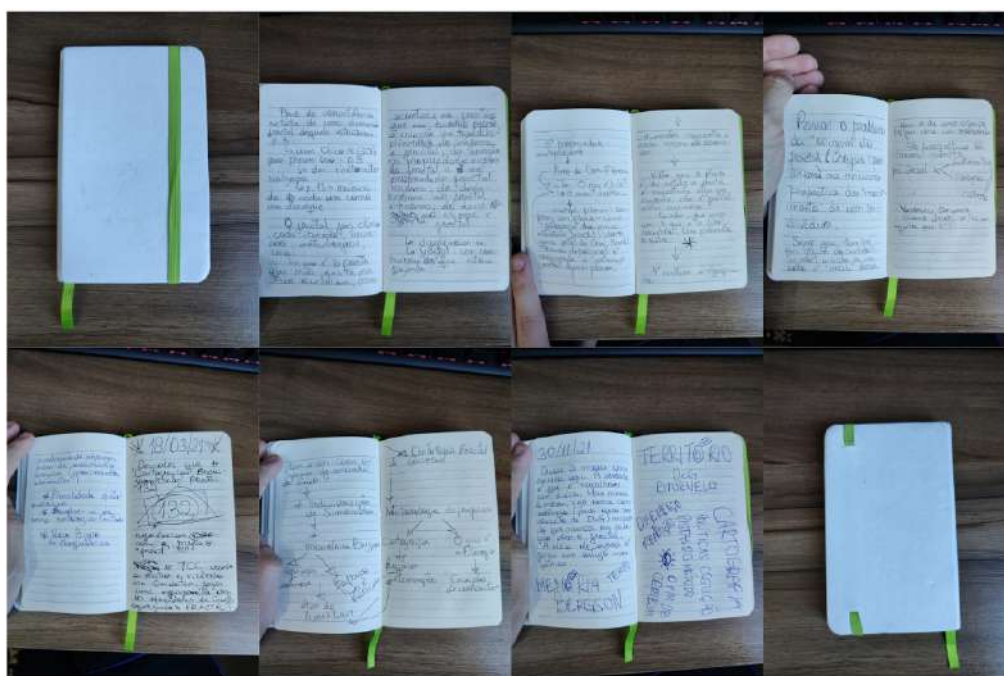


Figura 2: quadro com fotos do diário de pesquisa.

Fonte: do autor.

Guattari nos dá uma pista importante de como trata a geometria fractal em seus últimos escritos ao dizer que “valeria a pena abordar a análise fractal além dos quadros da geometria e da física em que ela foi criada e aplicá-la à descrição de certos estados limites do psiquismo e do socius.” (GUATTARI, 2012, p. 259). Diante deste cenário, há uma possível justificativa que se desdobra em quatro pontos para suscitar a pesquisa que compõe este Trabalho de Conclusão de Curso:

1) A criação de conceitos pode estar a serviço de uma homogeneização dos fenômenos, enquadrando-os e buscando uma resposta universal para justificar seus funcionamentos. A filosofia da diferença e a esquizoanálise buscam justamente o contrário, propondo a criação de conceitos singulares para problemas singulares. Parece ser justo, portanto, investigar um conceito que possa ampliar os horizontes de entendimento sobre os fenômenos, adotando uma postura não-reducionista;

2) A aparição em vários livros da dupla Deleuze e Guattari, especialmente nos últimos trabalhos de Guattari, de conceitos que operam explicitamente o *fractal*, e a utilização das peculiaridades dessa geometria (uma geometria das irregularidades e da natureza) para abordar seus objetos de estudo. Entretanto, nas obras dos autores o conceito de fractal é sempre apresentado às pressas, às vezes recebendo um ou outro parágrafo sobre sua origem nas matemáticas (GUATTARI, 2012), outras vezes recebendo uma breve explicação em uma descrição de imagem (DELEUZE e GUATTARI, 1980c, p. 210). Dessa maneira, evidencia-se a importância de um aprofundamento na geometria fractal antes de adentrar nas particularidades de seu uso transdisciplinarizado pelos autores;

3) O fato de haver na obra de Guattari um apreço especial pelo conceito, em que o autor o articula explorando diferentes potencialidades da geometria fractal, chegando a evocar a necessidade de se trabalhar com uma ontologia fractal (GUATTARI, 1992);

4) A escassa produção bibliográfica na filosofia da diferença e esquizoanálise acerca deste conceito e de seu campo de vibração com outros conceitos que se articulam.

Apesar da escassez de produção, conforme apontada no item 4 acima, destaco alguns trabalhos de impacto sobre o assunto, que se detiveram a investigar aspectos filosóficos da ontologia fractal. São eles: a dissertação de William S. Jaques (JAQUES, 2013) sobre a leitura de uma ontologia fractal em Deleuze e artigos de Elizabeth de Freitas (FREITAS, 2016) investigando as repercussões matemáticas na filosofia deleuzeana e aspectos contemporâneos. Estes dois autores não trabalham diretamente com a esquizoanálise de Guattari. Por outro lado, Pierre Lévy (LÉVY, 2003) possui um importante texto intitulado *Plissê Fractal*, uma referência importante para pensar a ontologia fractal a partir dos trabalhos de Guattari.

Diante de tal escassez bibliográfica e da hipótese de que estamos diante de um conceito importante capaz de movimentar e complexificar o repertório científico e ético-estético-político de nosso campo do saber, o problema de pesquisa deste trabalho pode ser sintetizado da seguinte maneira: deparar-se com o complexo estudo de Deleuze e Guattari exige uma imersão e constante esforço de articulação em outros campos do saber, como a matemática. Nesse sentido, tendo como principal recorte o conceito de fractal que se transdiscipliniza, caberá a este trabalho dar algumas pistas de como opera a geometria fractal na esquizoanálise e na filosofia da diferença, e como a teia de conceitos que se cria é capaz de expressar e apreender os fenômenos da produção de subjetividade e das pulsações do desejo no campo social. Muito se fala sobre a superação de dicotomizações nos campos de pesquisa e intervenção, em especial nas ciências humanas e na psicologia. Com este trabalho, acredito que será possível hipertrofiar um conjunto de conceitos-ferramentas para dar um passo além desta crítica, propondo novas maneiras de apreender estes movimentos da natureza e da subjetividade, munidos da geometria fractal.

A partir deste complexo problemático, o objetivo geral deste trabalho será o de investigar um conceito – o de fractal provindo da geometria fractal – desde sua aparição na matemática, passando pelas primeiras aparições e usos na filosofia da diferença até chegar em seu uso por Guattari na esquizoanálise. Na trilha do objetivo geral, quatro objetivos específicos podem ser pensados, cada um dando o tom de cada capítulo que constrói este TCC. São eles:

- 1) Aproximar-se e entender as peculiaridades da utilização da ontologia fractal defendida por Guattari em suas últimas obras, em especial *Caosmose*

(GUATTARI, 1992) e Cartografias Esquizoanalíticas (GUATTARI, 2012). São obras que investem em um paradigma ético-estético-político sobre os modos de investigação e apreensão dos processos de produção de subjetividade, e a ontologia fractal aqui se articula a conceitos como estratos, agenciamentos, máquinas e enunciação. Entretanto, antes de percorrer tal objetivo específico, será necessário criar uma bagagem conceitual que dá consistência a outros três objetivos específicos;

2) Para aproximar-se do uso do fractal na esquizoanálise, será necessário realizar uma leitura e revisão da geometria fractal, desde sua aparição na matemática com Mandelbrot, até a primeira aparição nos textos de Deleuze e Guattari, em Mil Platôs. Este objetivo será trilhado no capítulo 3, em que construirei uma primeira leitura de uma ontologia fractal dos fenômenos, ainda sem uma articulação explícita à ontologia fractal utilizada por Guattari;

3) Após ter construído uma primeira leitura ontológica dos fenômenos a partir da geometria fractal, o desafio é de situar como o conceito de fractal pode ser utilizado na filosofia da diferença e na esquizoanálise. Para isso, é necessário investir em *formas de pensar* diferentes das tradicionais, pois tanto estes campos do saber quanto a geometria fractal convocam o leitor a pensar a partir de outras lógicas que não a partir do tradicional *cogito* cartesiano. “*Como pensar sobre isso?*” e “*Como criar um pensamento sem imagens a partir de uma geometria que, justamente, trabalha com imagens?*” são as perguntas que atravessam este objetivo específico. Visto a problemática do pensamento, o capítulo 4 fará uma imersão na filosofia de Deleuze, em especial na obra Diferença e Repetição, buscando criar uma aproximação entre os processos de fractalização dos fenômenos na natureza com a filosofia da diferença e o pensamento da diferença;

4) explicitar a potência que pode haver ao se hipertrofiar os processos de fractalização no uso do método da cartografia. Para isso, o capítulo 5 fará uma breve revisão de como opera o método da cartografia nas ciências humanas, em seguida na psicologia e na esquizoanálise, para enfim aproximar-se das *cartografias esquizoanalíticas* de Guattari, conforme o objetivo específico 1. Neste último capítulo ainda apresentarei um conceito, o de afeto, que serve de combustível para uma cartografia esquizoanalítica, e que complexifica ainda mais o uso do fractal, propondo o entendimento da formação dos territórios existenciais diferenciando tipos de fractalização.

2. Metodologia

O que está proposto aqui é, em síntese, *cartografar um conceito*, entendendo-o como este centro de vibração que movimenta a si e a outros, pedindo passagem e permitindo a apreensão de suas movimentações. Ao utilizar do método da cartografia, será possível transitar com maior potência na produção de subjetividade e de conhecimento que acontece entre o sujeito pesquisador e seu objeto de estudo, não mais entendendo-o como separado, como poderíamos fazer com uma metodologia clássica revisão de literatura, por exemplo. Não quero dizer com isso que um método se sobrepõe em qualidade ao outro; a questão é sobre a implicação desejada na construção desses saberes, ao passo que com a cartografia a história de vida, referências culturais, reverberações subjetivas dos encontros gerados através dos estudos habitarão a cartografia, hibridizando-se e criando novas paisagens conceituais a partir de um estudo rigoroso das obras. Não abre-se mão da rigorosidade, já que estamos falando de uma criação de conceitos e o uso deles nas pulsações do desejo e produção de subjetividade no campo social. Nesse sentido, de territórios para se habitar. Ao estar implicado na produção destes conhecimentos, acaba-se por lidar diretamente com as formas de vida e suas propagações nas ecologias sociais, ambientais e subjetivas. Produções artísticas, poemas e canções terão lugar neste trabalho, já que para a cartografia não há hierarquia entre o que cada matéria de expressão enuncia, cada uma podendo vir a compor uma linha que traça a multiplicidade do complexo campo teórico que será adentrado.

Para cartografar o conceito de fractal e suas diferentes aparições, adotarei o seguinte procedimento: a criação de um personagem conceitual e a utilização de duas imagens/cenários: uma imagem-onda, que atravessará os capítulos 3, 4 e 5, e uma imagem-cidade, que atravessará da metade em diante do capítulo 5. O personagem conceitual que habitará este trabalho e nos fará experienciar a cartografia será o Sr. Palomar. É um personagem que encarna a subjetividade cartesiana em seus atos, e o esforço em um primeiro momento será de apresentá-lo à geometria fractal e sua primeira aparição em Mil Platôs, na discussão sobre os espaços lisos e espaços estriados (capítulo 3). É possível pensar neste trecho como a preparação de uma bagagem para encarar o caldo transdisciplinar que queremos agitar. Daí em diante, com o Sr. Palomar sempre à

espreita formulando experiências para “testar” a teoria às suas maneiras peculiares, guiarei a discussão para a filosofia da diferença a fim de aproximar o fractal do pensamento conforme teorizado por Deleuze, para auxiliar-nos a responder as perguntas que Palomar viverá na pele: “*Como pensar sobre isso ou aquilo?*”. Tal aproximação permitirá também apreender se há alguma reverberação entre a geometria fractal e a obra de Deleuze antes mesmo do neologismo fractal ter sido criado (capítulo 4). Ainda operando com a imagem-onda, Palomar passará pelo método da cartografia (capítulo 5), para enfim aprofundar-se em uma dimensão do método trabalhado especialmente por Guattari em suas Cartografias Esquizoanalíticas. É então que a imagem-cidade será acionada, para auxiliar a pensar sobre como a esquizoanálise faz a leitura de uma ontologia fractal para pensar a heterogeneidade que compõe os territórios existenciais e suas transformações, a partir de diferenças, repetições e diferentes processos de fractalização (capítulo 5). A complexificação de diferentes tipos de fractalização abrem espaço para operar com o conceito de afeto, conforme trabalhado por Guattari, agora retirado de paradigmas tradicionais *psí* e entendido a partir de um paradigma ético-estético-político.

A escolha da imagem-onda foi proposital para pensar a geometria fractal em seu “habitat natural” na matemática, qual seja, o de uma geometria descritiva dos fenômenos da natureza, de uma ontologia fractal da natureza (do mar, das ondas, do vento, das placas tectônicas, dos animais). A imagem-cidade vem para articular aos fenômenos da natureza as dimensões do desejo, da linguagem e do que envolve os processos de produção de subjetividade. Não quero dizer com isso que há um preciosismo na imagem-cidade, como se fosse o objeto ideal de uma esquizoanálise. Muito pelo contrário. Dou um exemplo¹: reconheço que há nas subjetividades rurais e camponesas territórios tão complexos e que nos provocam a cartografar, podendo tranquilamente servirem-nos de imagens-campos, imagens-quilombos, imagens-rurais. Ao fim do trabalho, a esquizoanálise mostrará como a fronteira entre o que as duas imagens se propõem a evidenciar não é bem

¹ O motivo de escolher uma imagem-cidade talvez tenha a ver com parte de meu percurso na Computação, em que fui bolsista do Laboratório de Urbanismo da FAUrb. Neste período, pude trabalhar com meu pai, um arquiteto e urbanista assim como minha mãe, e fez parte de meu crescimento ouvir discussões sobre a cidade e estudar/jogar no computador ao lado do de meu pai, que passava ligado vinte e quatro horas por dia rodando softwares de simuladores de crescimento urbano de cidades (POLIDORI, 2005).

delimitada, e a natureza se mistura com o desejo, o mar com a cidade, a onda com a produção de subjetividade. O diferencial de uma concepção como a nossa para uma teoria holística ou mística do universo está na compreensão sobre *como* isso acontece, *como* essas camadas (ou estratos) se atravessam e se interconectam.

As imagens são entradas na experimentação. Mais do que uma racionalização com o uso de conceitos para desvendar sentidos ocultos, a cartografia aposta na experimentação pelo/com o conceito. A geometria fractal, por se tratar de uma área da matemática não convencional pertencente às geometrias não-euclidianas, apresenta-se como solo fértil para experimentação conceitual, principalmente se um dos objetivos é articulá-la transdisciplinarmente para dar conta da produção de subjetividade. Como podemos experimentar o conceito? Costa (2014) diz que com a cartografia vemos que as questões não simplesmente vêm das nossas cabeças, mas que questionamos na medida em que criamos encontros com aquilo que nos faz questionar. Se “Cartografar é estar, e não olhar de fora” (COSTA, 2014, p. 75), ao utilizar esta metodologia desejo estar e caminhar pelo universo da geometria fractal, da filosofia da diferença, da cartografia e da esquizoanálise.

Ao estudar a cartografia, percebo que há reverberações com conceitos da geometria fractal, que poderiam auxiliar a pensá-la. Por conta disso, este capítulo não fará uma incursão no que é a cartografia, somente evidenciará como o método será utilizado neste trabalho. Isso porque este trabalho terá um momento exclusivo para pensar sobre essa reverberação cartografia/fractal. Ainda mais: como a geometria fractal é de fato parte da construção teórica do que Guattari chama de *cartografias esquizoanalíticas*, a metodologia aqui utilizada terá dois momentos para ser discutida enquanto teoria. Primeiramente, o capítulo 5 falará especificamente sobre o método da cartografia nas ciências humanas e na psicologia, enquanto um potente caminho de investigação dos modos de subjetivação. Esta discussão abrirá caminho para que a cartografia esquizoanalítica possa ser pensada a partir de uma hipertrofia da presença e da utilização da geometria fractal, como feito por Guattari (1992, 2012). Palomar nos ajudará a perceber essas diferenças, passagens, movimentações e transformações entre os conceitos, ao passo que transforma o próprio método e produz o corpo subjetivo deste trabalho, através da experimentação.

Ítalo Calvino, escritor italiano nascido em Cuba, é quem nos apresenta ao senhor Palomar, cujo nome é o mesmo de um observatório astronômico localizado em San Diego, Califórnia (EUA), contendo um dos maiores telescópios do mundo. Entretanto, diferentemente do telescópio em sua mais específica funcionalidade, senhor Palomar não se apega aos grandes mistérios extraterrestres, mas sim pelos pequenos e sutis momentos da rotina de sua vida na superfície da Terra. Seu desejo, no decorrer de seus causos, é o de encontrar respostas capazes de solucionar os “mistérios” por trás de fenômenos que nos deparamos no decorrer da vida. Há uma subjetivação nítida que cria o personagem: a constante tentativa de encontrar respostas visando uma compreensão universalizante de este ou aquele acontecimento, fenômeno ou coisa. No primeiro capítulo do livro, Sr. Palomar vai à praia para realizar a leitura de uma onda.

“Em suma, não são ‘as ondas’ que ele pretende observar, mas uma simples onda e pronto: no intuito de evitar as sensações vagas, ele predetermina para cada um de seus atos um objetivo limitado e preciso.” (CALVINO, 1994, p. 1). Sua tarefa é concisa, delimitada, guiada por um racionalismo límpido e sempre disposto das melhores ferramentas de precisão máxima. Se se envolve em demasia com o objeto que se propõe a pensar sobre, sofre. Se sua predição do movimento do objeto foge aos seus parâmetros previamente estabelecidos, sofre e tenta fixar novos parâmetros, somente para vê-los falharem novamente em alguns instantes. E assim sintomatiza sua angústia, sofrendo de neurastenia, como quem está sempre prestes a infartar.

Sr. Palomar é nosso *personagem conceitual*. Para Deleuze e Guattari (1991), o personagem conceitual é um bloco de afetos atuando no plano do pensamento. São pensadores que pensam em nós, se confundem com os autores. Eles não são representantes dos autores, muito pelo contrário: os autores que seriam incitados a pensar através dos personagens. Como diz a dupla, os personagens conceituais “são os ‘heterônimos’ do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens.” (DELEUZE e GUATTARI, 1991, p. 86). Pensaremos através do personagem, ou, mais precisamente, o personagem pensará através de nós.

O senhor Palomar vê uma onda apontar na distância, crescer, aproximar-se, mudar de forma e de cor, revolver-se sobre si mesma, quebrar-se, desfazer-se. A essa altura poderia convencer-se de ter levado a cabo a operação a que se havia proposto e ir embora. Contudo, isolar uma onda da que se lhe segue de imediato e que parece às vezes

suplantá-la ou acrescentar-se a ela e mesmo arrastá-la é algo muito difícil. Em resumo, não se pode observar uma onda sem levar em conta os aspectos complexos que concorrem para formá-la e aqueles também complexos a que essa dá ensejo. (CALVINO, 1994, p. 7).

E assim segue suas tentativas de realizar sua leitura da onda. Não lhe interessa a criação de nenhum conceito novo, como Deleuze e Guattari poderiam sugerir. Tampouco lhe interessa refletir sobre seu método de observação.

Se não fosse pela impaciência de chegar a um resultado completo e definitivo de sua operação visiva, a observação das ondas seria para ele um exercício muito repousante e poderia salvá-lo da neurastenia, do infarto e da úlcera gástrica. E talvez pudesse ser a chave para a padronização da complexidade do mundo reduzindo-a ao mecanismo mais simples. (CALVINO, 1994, p. 9).

Sr. Palomar é a encarnação do método científico tradicional. O provoco: como seu método lidaria com as “ondas” que nós da psicologia estamos constantemente tentando entender? O que Sr. Palomar entende por subjetividade? Uma subjetividade isolada, como *uma* onda, sem dúvida. Ele diria: é simples, basta investigar o processo que constituiu aquele sujeito, isolando as variáveis que o atravessaram: família, cidade, cultura, aspectos biológicos, e o que mais couber nesse esforço de cognição científica. É que processo, para o Sr. Palomar, remete a *processamento* (BARROS e KASTRUP, 2020), uma ação da ciência cognitivista, cujas linhas genealógicas remontam ao método analítico de raciocínio elaborado por Descartes a partir do século XVI. Mesmo assim, esses questionamentos semeiam outros que começam germinar e brotam em seu pensamento. Antes de qualquer passo maior do que as pernas, cabe apresentar a geometria fractal a Palomar.

3. Palomar e algumas pistas sobre a fractalização dos fenômenos

Para a cartografia, não há desejo de “dar conta do fenômeno”, o que não quer dizer que não busca-se a construção de novas ferramentas de análise para o acompanhamento dessas transformações. A geometria fractal é um desses exemplos, sendo um dos conceitos contrabandeados² das ciências exatas para a filosofia da diferença. Entretanto, onde está a geometria fractal? O que isso teria a ver com a discussão sobre a produção e pulsação da subjetividade no campo social? Palomar estava analisando as ondas: não lhe cai bem este “salto” do estudo sobre as ondas para a subjetividade assim, de uma hora para a outra. Realiza um curto respiro... pausa na teoria.

Para tranquilizar-se diante dessa inquietude, Palomar tem uma ideia. Quer tentar um último recurso antes de desistir de sua leitura da onda, antes de entrar em qualquer debate sobre subjetividades, “psicologismos e filosofismos”. Tira do bolso seu celular, ferozmente subjetivado pela tecnologia em 2023, com uma máquina fotográfica encravada no aparelho digna de ficção científica se pensada há vinte anos atrás, mas que em 2023 não causa nenhum estranhamento. Eis sua ideia: capturar uma imagem da onda, distante apenas 1 metro da beira da praia, com o que coubesse no campo de visão da máquina, “congelando” o tempo e o espaço em uma fotografia. Após toda essa viagem pela cartografia, sua aposta é de que, ao congelar a maldita onda que tanto lhe dava nos nervos, ele conseguiria ao menos apaziguar alguns questionamentos:

O ato de medir a onda interfere em sua natureza? Afinal, sou eu quem crio a onda, ou é a onda quem me cria? Sou eu quem subjetivo a onda, ou é a onda quem me subjetiva?

Congelar a imagem, levá-la para casa, abri-la em seu computador e analisá-la minuciosamente era sua última estratégia para se tranquilizar diante desses questionamentos e dar por vencida sua tarefa. Uma imagem estática seria suficiente para realizar suas medições, não? Sequer estaria perto da onda... algo

² A ideia de contrabando aqui utilizada vem do documentário A LINHA IMAGINÁRIA (2014), que cartografa a vida na fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Um habitante da fronteira responde ao ser questionado sobre o contrabando: “O que pensas do contrabando? [...] O contrabando? Eu, na minha vida intrauterina já fui feito com matéria sintetizada contrabandeada, que minha mãe ingeria. Eu não gosto de falar assim de mim... sou contrabando, somos assim.” Ou seja, o contrabando deixa de ser somente uma característica que desvia o ser de sua suposta essência, e se torna constituinte de um ser inteiramente novo. O contrabando, nesse sentido, é uma condição existencial.

há de acontecer. Para o avanço da neurastenia de Palomar, não. Para piorar, a Lagoa dos Patos, na Praia do Laranjal, estava calma no dia que foi fotografar. A onda, em sua foto, parecia ter perdido sua dimensão do movimento, restando uma fronteira da água com a areia bem delimitada. Só parecia. Ele traça, em branco, uma primeira medição possível dessa fronteira.



Figura 3: primeira foto e medição da onda.

Fonte: do autor

Prossegue sua leitura. Pensa como melhorar sua medição, sobre quais aspectos da onda atacar. Decide fazer a medição da água com a areia através da mudança da umidade que marca a tonalidade das areias, ou seja, calcular a fronteira entre a areia úmida e a seca (até onde chegou e marcou seu território). Primeiro perrengue³: a linha que se cria na fronteira entre os dois compostos (água

³ No dicionário (MICHAELIS, 2023), perrengue é um adjetivo que remete a um cavalo com manqueira crônica, ou àquele que se acovarda, é lento ou é teimoso. No dia-a-dia e no sentido que quero dar ao texto, utiliza-se perrengue para descrever uma situação de difícil e custosa solução.

e areia, e ainda a diferença entre as areias úmidas e secas) é irregular. Qual régua utilizar? Ora, seria necessário refazer o esboço da linha branca que ele fez em sua primeira grande imagem. Assim o faz, mas com um primeiro *zoom* sobre a imagem, recortando-a em um retângulo menor. Vejamos o primeiro teste, com a linha vermelha:



Figura 4: segunda foto e medição da onda.

Fonte: do autor.

O resultado é um pouco diferente, e parece que a linha havia aumentado em comparação com a branca. Além disso, não estava satisfeito, pois percebia que havia algumas porções da fronteira incapazes de serem contempladas pelas linhas traçadas, já que não havia mais pixels no monitor. Na verdade, Palomar sabia que toda medição digital passa por esse procedimento: ao se unir várias das menores unidades de medição do computador, os pixels, forma-se uma linha, uma curva, uma imagem. Já pensa em nova estratégia para vencer este problema: refaz seu recorte escolhido para medição, aproximando a imagem e dando mais um *zoom*, visto que seu celular de centena de megapixels ainda permitia tal aproximação.



Figura 5: terceira foto e medição da onda.

Fonte: do autor.

Estranha o novo resultado... seria necessário mais um zoom? Decide ampliar um pouco mais. Um pouco mais. Um pouco mais... até que a imagem vira um borrão, e os limites agora são os pixels da foto tirada com o celular, e não mais do computador. Intui que, caso desejasse e tivesse uma câmera especial, poderia estender este zoom ao infinito, jamais atingindo sua meta de encontrar uma medida definitiva para aquela fronteira. Calcula em seu software de medição e obtém as seguintes medidas em pixel de cada linha da figura 5: a linha branca, de sua primeira medição feita na primeira foto, resulta 2877px. A linha vermelha, sua segunda medição, 2994px. A linha amarela dá um resultado ainda maior: 3244px. Ou seja, quanto maior o zoom, maior seriam os detalhes que sua linha abarcaria, aumentando seu comprimento. O resultado da medição dessa fronteira eventualmente se aproximaria da seção de uma curva logarítmica que aproxima um resultado com pouca (mas ainda presente) variação, nos vários e infinitos

números depois da vírgula. Este seria um limite possível no mundo da abstração matemática; o outro limite seria o do mundo material, até que se chegasse à escala dos átomos constituintes de cada elemento. Palomar descobre aquilo que Mandelbrot (1982) vem a chamar pela primeira vez, em 1975, de fractal.

Em artigo publicado em 1967, Mandelbrot (1967) procura um método para calcular o tamanho da costa da Grã-Bretanha. Estuda algumas medições realizadas por antigos matemáticos mobilizados especialmente por problemas de divisão de terras nos períodos colonial e imperial, e consecutivamente nas grandes guerras mundiais, já que para dividir as terras e distribuir as tropas taticamente, era necessário conhecer as fronteiras. Porém, a cada medição obtinha-se resultados diferentes: a divisa entre Espanha e Portugal podia variar entre 987 km a 1214 km. À medida que a escala de medição diminuía, a extensão da fronteira só aumentava, tendo como limite a ferramenta de medição material disponível: quem medisse a fronteira de um balão a 10 km de altura obteria um resultado; quem o fizesse caminhando e medindo por pés, obteria um maior. Assim sucessivamente, até que se conseguisse medir os átomos que compõem cada encontro entre duas terras, ou entre terra e água. Os matemáticos se viam diante do mesmo problema de Palomar, e Mandelbrot propõe abordar essa confusão numerante por uma estatística de auto-similaridade, através do que chama de *dimensão fracionária*, que 8 anos depois se tornaria o conceito fractal, resultado de seu encontro com um dicionário latim unindo o adjetivo *fractus* (quebrado, fraturado) e o verbo *frangere* (quebrar, destroçar, frangir). Com os avanços da matemática aplicada do cálculo diferencial no século XX, Mandelbrot, trabalhando à época na IBM (*International Business Machine*, pioneira na invenção dos primeiros computadores), une o poder das equações diferenciais com a tecnologia de computação gráfica para “ver” melhor essas figuras e decretar a existência da geometria fractal. Abaixo, vemos a primeira imagem gerada por computador e uma contemporânea do Conjunto de Mandelbrot, um fractal gerado através da recursão de uma simples equação operando no plano dos números complexos cria uma imagem com infinitos detalhes em seus limites que não dissipam-se ao infinito.

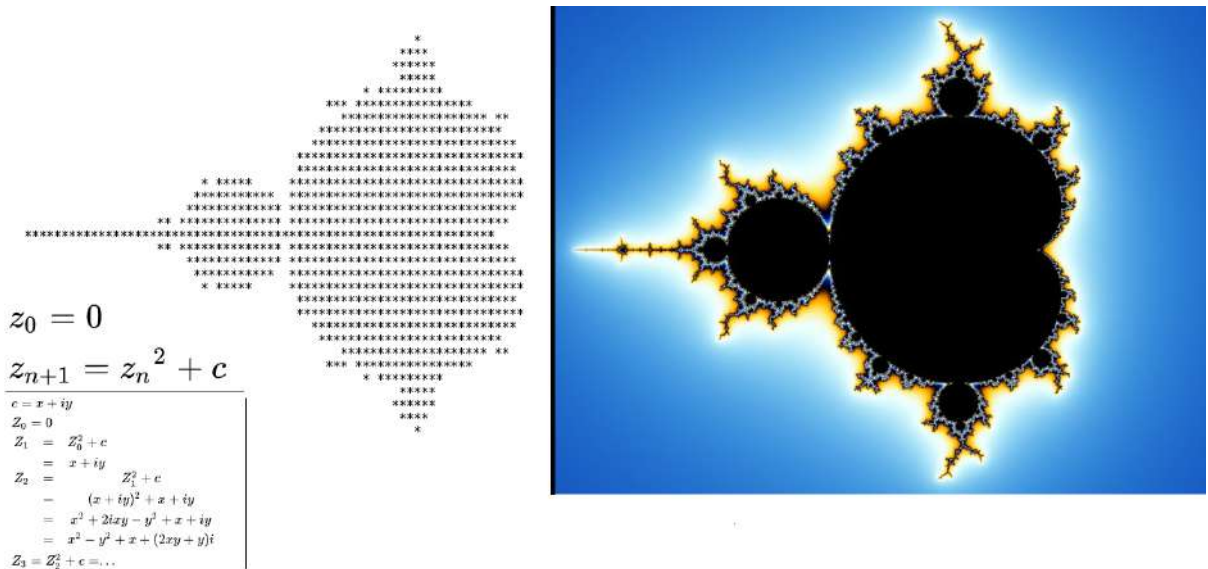


Figura 6: Conjunto de Mandelbrot
 Fonte: Wikipedia (https://pt.wikipedia.org/wiki/Conjunto_de_Mandelbrot)

Apesar do inegável pioneirismo tecnológico de Mandelbrot, os primeiros fractais podem ser resgatados aquém de seus estudos. Gleick (1989), ao contextualizar a criação do neologismo *fractal*, defende que devemos ponderar a creditação exclusiva ao autor francês. Como exemplo, traz algumas figuras que já carregavam consigo marcas características do que se chama “monstros matemáticos” e “casos patológicos” (descrições que instigam imediatamente o estudante de psicologia) nas matemática (ASSIS et. al, 2008). É o exemplo do Conjunto de Cantor (que leva seu nome em homenagem a seu “inventor”, Georg Cantor, do século XIX), ou da Curva de Koch (de autoria do matemático Helge von Koch, publicada em 1906 em estudo sobre questões acerca da teoria de planos curvos):

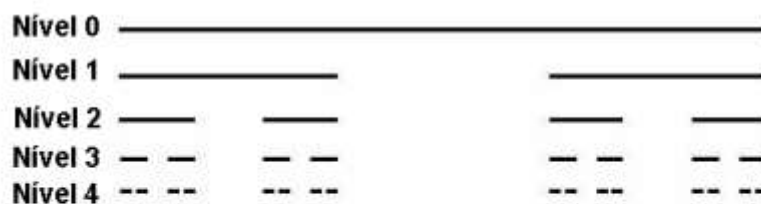


Figura 6 - Cinco primeiros níveis de construção do Conjunto de Cantor. A dimensão fractal do Conjunto de Cantor é $D = \log(2)/\log(3) \simeq 0.630$.

Figura 7: iteração do fractal de Cantor.

Fonte: Assis et. al, 2008, p. 6

$$S_n = S_{n-1} + \frac{S_{n-1}}{3} = \left(\frac{4}{3}\right)^n. \quad (1)$$

Assim, no limite de um número infinito de níveis, tem-se o seguinte resultado

$$\lim_{n \rightarrow \infty} S_n = \infty. \quad (2)$$

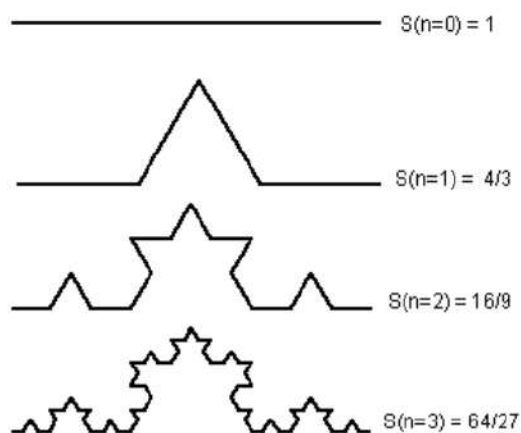


Figura 5 - Os quatro primeiros níveis para a construção da Curva de Koch e seus correspondentes comprimentos.

Figura 8: iteração da Curva de Koch.

Fonte: Assis et. al, 2008, p. 5.

Pelo menos na matemática, há uma relação entre algo aberrante e algo fractal. Na geometria euclidiana as dimensões são sempre inteiras: um ponto possui zero dimensões, a linha uma, o plano duas e o espaço três. A manipulação das três dimensões permite a criação de linhas retas, polígonos em uma superfície ou figuras mais elaboradas com volume, sempre regulares e finitas. A geometria euclidiana está para a regularidade assim como a geometria fractal (não-euclidiana) está para as irregularidades. Essa afirmação fica nítida quando percebemos que, no limite = infinito das iterações dos fractais de 1) Cantor e 2) Koch, teremos, respectivamente, 1) uma figura com um número de pontos infinitos, denominados de poeira de Cantor, e um comprimento que tende a zero; e 2) uma figura que na verdade trata-se de uma linha de comprimento infinito e de superfície que tende a zero. Estes fractais gerados matematicamente são denominados de auto-similares. Há também os fractais encontrados na natureza, atravessados pelas surpresas que podem surgir em suas construções. Alguns possuem forte semelhança independente da escala visualizada, outros já mudam completamente de natureza no decorrer de sua evolução a partir de pequenas mudanças nas

condições iniciais – esta é, inclusive, a definição de *caos* para este caldo teórico matemático (GLEICK, 1989).

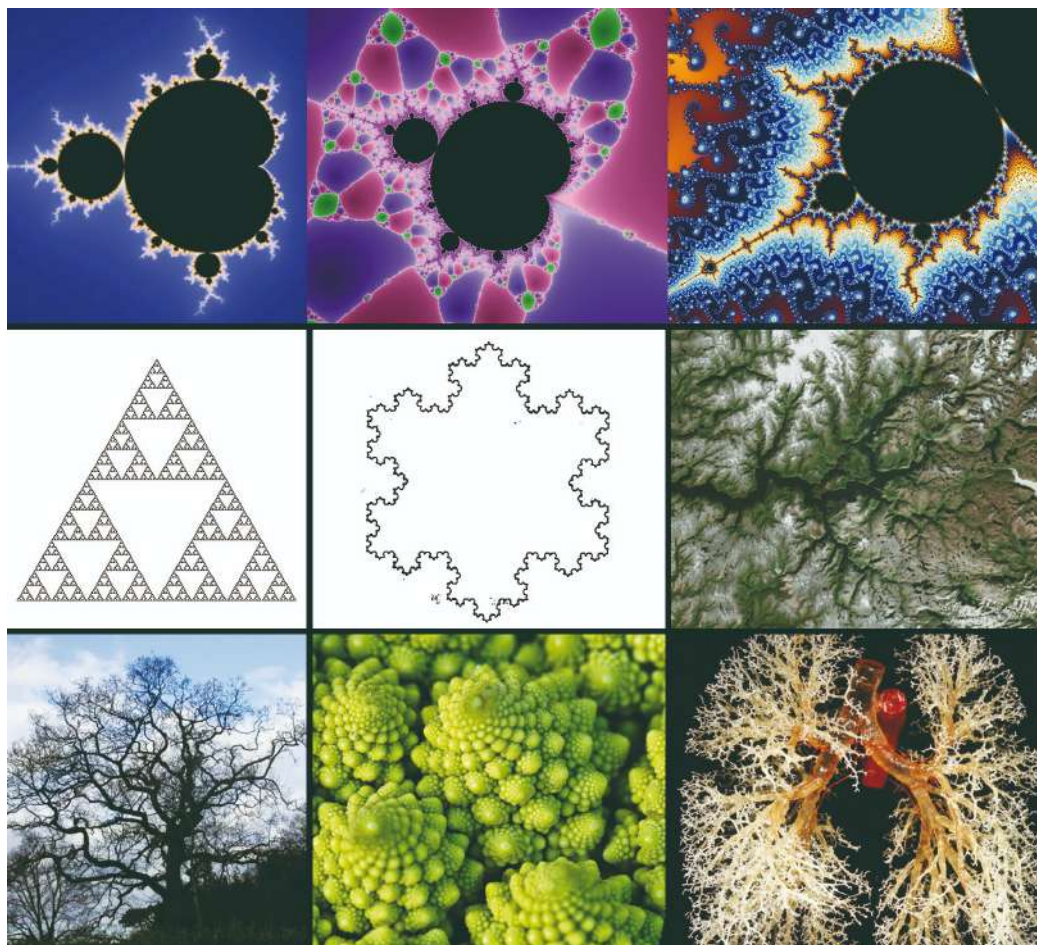


Figura 9: compilado de objetos fractais.

Fonte: do autor, a partir de imagens livres de direitos autorais, obtidas na internet.

Palomar fica intrigado com essas imagens. Percebe que todo o universo ao seu redor é constituído de objetos fractais. Lê o que Assis et. al (2008, p. 5) escrevem: “Uma curva deste tipo, devido à sua complexidade infinita, contém um número de infinitas “dobras” que, se ampliadas, continuam aparecendo indefinidamente.”, e em seguida Gleick (1989, p. 94, grifo do autor): “Para a imaginação, um fractal é uma maneira de ver o infinito.”, e percebe o quanto seu pensamento sobre a onda deixa de lhe satisfazer, aos poucos. Percebe-se capaz de esboçar características gerais dos fractais, que encadeiam-se umas nas outras:

- 1) Os objetos fractais possuem uma simetria de escala, ou seja, a forma de organização da figura tende a se repetir independente da escala de visualização. Nos ditos fractais ideais (ASSIS et. al, 2008), aqueles

marcados por uma equação determinista, há a repetição do mesmo em diferentes escalas (como o de Koch). Já nos fractais apreendidos na natureza ou mesmo fractais aleatórios matemáticos, como o Conjunto de Mandelbrot, que trabalha com números irracionais, podem haver mudanças na natureza do que se repete. Entretanto, essa mudança é sempre em um *continuum*: ela sempre se faz na extremidade de uma linha – em que várias linhas compõem um plano sempre em vias atualização a cada iteração e recursão⁴ da equação, que, ao transformar a própria equação, rearranja também as novas organizações possíveis daquela estrutura;

- 2) A partir dessa simetria de escala, o fractal está sempre "deslizando" nele mesmo, demonstrando uma complexidade infinita a partir de uma direcionalização. Cada atualização a partir da direção tomada do objeto fractal pode ser entendida como uma dobra. No caso da curva de Koch, é nítida a “dobra” feita na linha. Já na poeira de Cantor, a dobra pode ser mais difícil de ser abstraída. O importante é reparar que a dobra é sempre dobra de uma dobra anterior, *ad infinitum*, até que se perca o “fio” direcional do fractal ou que, no caso dos fractais na natureza, seja encontrado o limite da matéria;
- 3) Essa complexidade infinita instiga o pensamento a sair de sua zona de conforto, para tentar conceber uma dimensão irregular, ou uma dimensão que comporte irregularidades e fraturas. Tal subversão de uma concepção de dimensão euclidiana tradicional implica em uma inexistência de uma dimensão superior ou inferior ao "estado atual" do fractal. O fractal se constrói sempre na superfície que lhe é própria, em seu *infinito interno* (MANDELBROT, 1982). Este infinito interno, por sua vez, só se permite atualizar quando há o atrito entre os elementos que sofrerão o atrito na figura gerada pela recursividade, e esse atrito cria algo novo, sem “perder-se”. Ao exercício de navegar pelo infinito interno do fractal,

⁴ Recursão e iteração são termos muito utilizados na Ciência da Computação, possuindo significados parecidos. Um exemplo clássico para entendê-los, além dos fractais, é calcular um número fatorial. Para calcular $4!$, há dois caminhos. O primeiro, recursivo: deve-se multiplicar 4 (n) pelo seu imediato anterior (n-1, nesse caso, 3), e repetir o processo, convocando a novamente a função até que o n-1 = 1; ou seja, teremos $4 \times 3 \times 2 \times 1 = 24$. Na iteração, o processo se dá partindo de 1, multiplicando por +1 até que o termo auxiliar atinja n; teremos, assim, $1 \times 2 \times 3 \times 4 = 24$, efetuando primeiro o 1×2 , depois este resultado vezes 3, depois este resultado vezes 4 (atingindo n e encerrando a função).

percorrendo uma borda/fronteira com consistência suficiente para que o processo não se despedace é que darei o nome de fractalização.



Figura 10: visibilizando as direcionalidades da fractalização – musgos Selaginella.

Fonte: Kate – Forest Bathing Artist. Conta no instagram: @garden_and_cosmos. Kate disponibilizou a utilização de suas imagens em meu TCC, dando os devidos créditos.

O ponto a ser demonstrado aqui é que a fractalização sempre é “fractalização de fractalização”, dobra de outra dobra, podendo por vezes criar vetores de direcionalização centrífugos, expansivos. Ainda assim, está se falando de direções. Essa informação será importante quando chegar a hora de discutir sobre a transformação de *territórios existenciais*, em que será fundamental diferenciar dimensionalização (transversalização de dimensões) de direcionalização.

Palomar pensa, após conjurar as três características: fractalização não é o mesmo que fragmentação. Pelo contrário, viu, com os exemplos matemáticos, que apesar da simplicidade de criação dos objetos fractais, há uma complexidade trazida por eles ao nosso pensamento, sendo necessário um esforço para

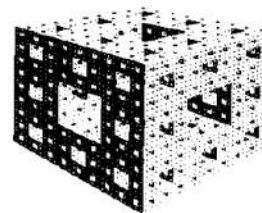
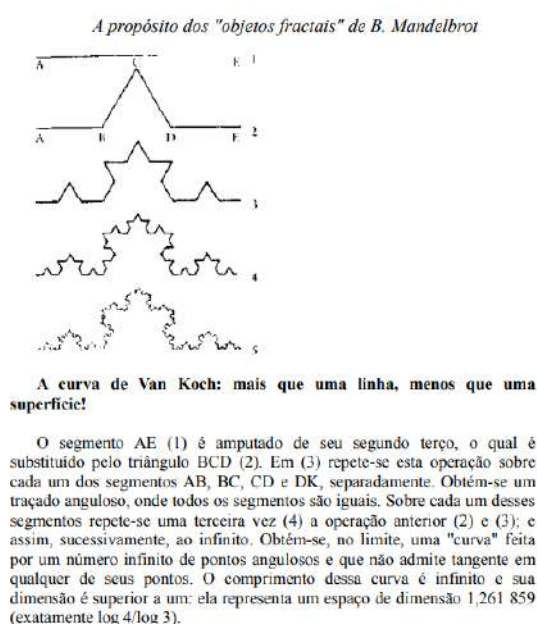
apreender o irregular, o paradoxal, o infinitamente pequeno em constante conversa com o infinitamente grande sem que se perca (sem que se despedace, se fragmente) a direcionalidade do fenômeno. Já os exemplos da natureza trazem a possibilidade de criação de algo novo, como uma “floresta” de musgos, a partir da repetição de individualizações organizadas coletivamente. Ele se dá conta de que tal complexidade demanda um exercício no pensamento, muito diferente do que almejava com as ondas. Ao ver as ondas, sua vontade era de reduzir a onda à menor unidade de medida possível, para apreendê-la em qualquer finitude que pudesse apresentar. Foi percebendo, entretanto, que quanto mais direcionava o pensamento ao elemento de fractalização a partir de sua medição, mais surpresas lhe vinham.

Conclui: só conseguimos apreender a fractalização quando habitamos, no pensamento sobre o objeto, a fronteira daquilo que se fractaliza. Habitar uma fronteira, com um limite ao infinito, sempre na borda do “atrito” que a linha proporciona a cada “regra” da iteração ou recursão daquele fenômeno: fractalização. Por enquanto, Palomar ainda se prende nessa frase: “pensamento sobre o objeto”. Logo ele será confrontado novamente sobre isso.

Finalizando este subcapítulo, este momento torna-se oportuno para retornar à Figura 1 deste trabalho, onde há a primeira aparição da geometria fractal na filosofia da diferença, em Mil Platôs, volume 5, na página 209, quando Deleuze e Guattari propõem modelos de entendimento acerca do embate da máquina de guerra, nômade, *versus* os espaços instituídos pelo Estado, sedentário. Passar por esse território conceitual pode ser exaustivo, mas penso ser o diferencial na construção da discussão teórica proposta neste trabalho.

A problemática, neste platô, é de como criar modelos que subvertem relações entre formas e forças de modo a reduzi-las em dois polos, como macro x micro, social x psíquico, mente x corpo, dentro x fora, etc. Acabam lançando mão de outro dualismo no lugar, que chamam de *espaço liso* e *espaço estriado*. Entretanto, seu objetivo é “atingir um processo que se recusa todo modelo. [Os dualismos são] o inimigo necessário, o móvel que não paramos de deslocar.” (DELEUZE e GUATTARI, 1980c, p. 42). Ao vermos um dualismo em sua obra, já podemos intuir: um “polo” não para de intervir no outro, de transformar (n)o outro, e é somente através de um que o outro se desenvolve, formando antes um “caldo” do que uma dualidade. No espaço estriado é onde temos a referência para realizar um

progresso, mas é no espaço liso que há a abertura para a produção do novo, e o que era liso logo se torna estriado, e o “novo” estriado permite a passagem de um “novo” liso. Deleuze e Guattari propõem cinco modelos para pensar essa relação entre o espaço liso e o espaço estriado, que constituem a realidade dos fenômenos: o modelo tecnológico, musical, marítimo, físico, e o que nos interessa aqui, o matemático.



A esponja de Sierpinsky: mais que uma superfície, menos que um volume!

A lei de esvaziamento desse cubo é intuitiva, apreensível num simples golpe de vista: cada buraco quadrado está rodeado por oito buracos com um terço de sua dimensão: esses oito buracos estão rodeados por outros oito buracos, também um terço menores. E assim, sucessivamente, indefinidamente. O desenhista não pôde representar a infinidade de buracos cada vez mais minúsculos para além da quarta ordem, mas é evidente que esse cubo acaba sendo infinitamente oco, seu volume total tende a zero, ao passo que a superfície total lateral dos esvaziamentos cresce ao infinito. A dimensão desse "espaço" é 2,7268. Está, pois, "compreendido" entre uma superfície (de dimensão 2) e um volume (de dimensão 3). O "tapete de Sierpinsky" é uma das faces desse cubo, enquanto os esvaziamentos são quadrados e a dimensão dessa "superfície" é de 1,26 1 8. (Reproduzido de *Studies in Geometry*, de Leonard Blumenthal e Karl Mayer, Freeman and Company, 1970).

Figura 11: primeira utilização da geometria fractal por Deleuze e Guattari.

Fonte: DELEUZE e GUATTARI, 1980c, p. 210.

Complementam que os movimentos brownianos, a turbulência e as abóbadas celestes são outros exemplos de objetos fractais. Em seguida, listam seis características do espaço liso, capazes de diferenciá-lo do espaço estriado. Pontuarei tais características, relacionando com as três recém conjuradas por Palomar há pouco. Estes seis pontos descritos por Deleuze e Guattari podem ser entendidos como suas primeiras interpretações e sínteses explicitadas da geometria fractal em suas obras. A partir daí será possível, inclusive, retornar às obras anteriores dos autores, com outro olhar, percebendo possíveis novas colagens e relações entre os conceitos. É uma das apostas feitas neste TCC.

Apesar da calma que Palomar definitivamente não pode proporcionar, adentro este momento de revisão teórico-conceitual com coragem. Ponto “1) será chamado estriado ou métrico todo conjunto que possuir um número inteiro de dimensões, e onde se possam assinalar direções constantes” (DELEUZE e GUATTARI, 1980c, p. 209). Aqui, temos o espaço estriado enquanto o que há de euclidiano ou do que há de “medível” em um primeiro olhar nos fenômenos. É o que capta nossa atenção pela sua regularidade, extensividade e entendimento sem que se caia em paradoxos. “2) o espaço liso não métrico se constitui por construção de uma linha de dimensão fracionária superior a 1, de uma superfície de dimensão fracionária superior a 2” (DELEUZE e GUATTARI, 1980c, p. 209). O intuito dos autores é reforçar as características paradoxais e subversivas de uma geometria não-euclidiana dos objetos fractais, conforme já pontuado neste capítulo.

3) o número fracionário de dimensões é o índice de um espaço propriamente direcional (com variação contínua de direção, sem tangente);
4) o espaço liso se define desde logo pelo fato de não possuir dimensão suplementar àquela que o percorre ou nele se inscreve: nesse sentido, é uma multiplicidade plana, por exemplo uma linha, que, enquanto tal, preenche um plano. (DELEUZE e GUATTARI, 1980c, p. 209).

Nestes dois pontos, os autores reforçam a importância da direcionalidade na fractalização, concluindo o mesmo que Palomar sintetiza em seu item 3, sobre o infinito interno do fractal. O fato do espaço liso não possuir dimensão suplementar ao que ele percorre e se inscreve quer dizer que todo e qualquer movimento, independente de quais elementos heterogêneos ele evoque para constituir determinado fenômeno, sempre acontece em um plano⁵ de imanência. Trata-se de uma recusa a sentidos ocultos, a forças transcendentais, a qualquer hierarquização de intensidades que compõem a realidade. O macro e o micro compõem o mesmo plano, e o próprio plano passa a ser “caracterizado” pelo que o ocupa. Essa relação é pontuada no item: “5) o próprio espaço e o que ocupa o espaço tendem a identificar-se, ter a mesma potência” (DELEUZE e GUATTARI, 1980c, p. 209). Concretizando o modelo matemático do espaço liso x espaço estriado, temos o

⁵ Deleuze e Guattari trabalham este plano em “O que é a filosofia?”, quando pensam no plano de criação de conceitos. Novamente, aparece o fractal: “É esta natureza fractal que faz do planômeno um infinito sempre diferente de toda superfície ou volume determinável como conceito. Cada movimento percorre todo o plano, fazendo um retorno imediato sobre si mesmo, cada um se dobrando, mas também dobrando outros ou deixando-se dobrar, engendrando retroações, conexões, proliferações, na fractalização desta infinidade infinitamente redobrada (curvatura variável do plano).” (DELEUZE e GUATTARI, 1991, p. 55)

item 6 que expõe a natureza deste movimento infinito entre os dois espaços, o movimento do devir:

6) um tal espaço liso, amorfo, se constitui por acumulação de vizinhanças, e cada acumulação define uma zona de indiscernibilidade própria ao "devir" (mais que uma linha e menos que uma superfície, menos que um volume e mais que uma superfície). (DELEUZE e GUATTARI, 1980c, p. 209).

O devir não é jamais uma simples repetição do mesmo: "Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos." (DELEUZE e PARNET, 1997, p. 66), tampouco é o caos aleatório. Como sintetiza Hur:

A esquizoanálise opera com outra lógica do ser, do sentido, que não se restringe ao instituído, formatado e identitário. [...] [O ser] É visto enquanto fluxo, variação contínua e multiplicidade. [...] O ser não é tomado em sua finitude, mas sim pela infinitude de possibilidades e multiplicidades, não apenas pelo que é, senão no que pode devir. (HUR, 2022, p. 87).

O devir, assim como a filosofia da diferença serão discutidos no próximo capítulo. Por ora, ele pode ser entendido como o movimento gerado pelo encontro entre diferentes fluxos, cada um com sua variação singular, que instauram em sua fronteirização uma nova configuração, alisando e estriando o espaço. Ou seja, temos o espaço liso das intensidades, das irregularidades e daquilo que a diferença engendra; mas, para agirmos com a diferença no mundo, para fomentar novos modos de existência e incentivar os já existentes, é necessário um "céu para fixar a terra, para englobá-la relativamente (ou totalmente)" (LAPOUJADE, 2015, p. 62), assim como a fractalização parte de um espaço previamente estriado para realizar seu progresso no espaço liso, como se déssemos um *zoom* infinito na fronteira dos mundos em núpcias do devir.

Dobras, ver o infinito, limite ao infinito, espaço liso e estriado, devir... esses conceitos parecem ainda não auxiliar a vontade de Palomar de ler "uma" onda. É que Palomar carrega, através do pensamento, a lógica da reconhecimento, pautada em uma imagem do pensamento em que conhecer um fenômeno é apreender aquilo que lhe permanece idêntico ao longo do tempo, sem transformações. O que a matemática e os fractais convocam do pensamento de Palomar parece não ser tanto o "objeto" que se cria, mas o processo que convoca sua criação, seu processo de fractalização. Pensar o "objeto" fractal ainda remete a uma dinâmica da existência do ser, e os caminhos indicam a busca da aproximação do conceito à lógica das transformações, do devir. Apreender um processo de fractalização antes

de um fractal (mudança de substantivo descritivo para substantivo que remete a uma ação) parece lhe demandar outra lógica do pensamento, longe de um mecanismo engessado. Deleuze e Guattari chegam a atribuir uma relação íntima entre a fractalização e o devir. Mas como pensar a existência e os encontros a partir da diferença? O que afinal seria o “pensamento”? E qual seria sua relação com os fenômenos? Novamente, convoco Deleuze para entender melhor essas questões.

4. O pensamento, a diferença, a repetição e a fractalização

*Y al regresar el mismo decorado
Pero con un guión totalmente distinto
Las mismas caras, los mismos caminos
Ahora todo es igual pero nada es lo mismo
Ahora todo es igual pero nada es lo mismo
Todo parece igual pero todo es distinto
Ahora todo es igual nada será lo mismo
Todo parece igual ahora todo es distinto
(LÓPEZ, 2016. Música: Patagonia)*

Temos uma geometria não-euclidiana capaz de criar imagens que desafiam os clássicos parâmetros de Euclides. Imagens, objetos, planos que permitem entender os fenômenos da natureza, ao passo que expressam suas contradições, paradoxos, propondo maneiras de repetir e diferenciar a partir de propriedades fractais. Deleuze e Guattari utilizam esta geometria para propor um dualismo que nega qualquer dualismo. Um dos objetivos deste trabalho retorna aqui: Como pensar sobre este paradoxo? Ou melhor: como pensar sobre isso? Devemos pensar sobre o próprio pensamento, algo que tradicionalmente, na história da filosofia, é embasado em parâmetros euclidianos. O pensamento conforme trabalhado por Deleuze vai por outro caminho, o do cálculo diferencial, do infinitesimal e das geometrias não-euclidianas. Este será o objetivo deste capítulo: acompanhar o trabalho de Deleuze sobre a história do pensamento ocidental, entendendo como ele pode nos ser útil para cartografar a geometria fractal na filosofia da diferença e na esquizoanálise, e paralelamente pensar se há e qual é o lugar da geometria fractal em obras como *Diferença e Repetição*, visto que foi publicada antes da invenção do neologismo fractal.

Para Deleuze, a filosofia ocidental estaria marcada pelo primado da identidade. Herdado de Platão, “O primado da identidade, seja qual for a maneira pela qual esta é concebida, define o mundo da representação” (DELEUZE, 1968, p. 13). Tal filosofia seria a da representação, em que pensamento estaria fadado a reproduzir objetos ao ponto de aproximá-los de suas supostas essências. O que se aproximasse da essência, seria uma boa cópia, bela e moral. O que foge disso seria um simulacro, sem direito a passagem e deixado de lado. Nesse sentido, Deleuze diferencia pensamento ao ato de pensar.

No senso comum, o pensamento estaria marcado por uma imagem do pensamento, que serve como um fundamento capaz de direcionar as *faculdades* (a

memória, os sentidos e o julgamento) no encontro com o objeto. Este pensamento, o da reconhecimento, acontece quando as faculdades concordam e criam o objeto a partir da busca por sua essência, usando da repetição para a busca da identidade imóvel do que se observa. Com o exemplo da onda de Palomar, é como se todos seus sentidos, já “viciados”, buscassem uma concordância e uma estabilidade, tanto no fenômeno quanto em seus próprios movimentos no pensamento, a fim de encontrar e enquadrar a tal “uma onda” que lhe interessava fazer a leitura. A fronteira da onda com a areia, entretanto, o provocou a algo diferente, graças às características fractais e de fractalização de tal encontro, como discutido no capítulo anterior. O zoom infinito que ele tentou dar na onda “congelada” lhe forçaram a um movimento: da mesma forma que as ondas se movimentavam fora da imagem congelada. A imagem congelada, portanto, foi a última busca atrás de uma essência que gerasse uma identidade, somente para perceber que o percurso para se realizar tal busca é, em si, uma movimentação. Uma movimentação de onda dentro da própria onda congelada, um devir no que parecia fixo e imóvel. Evidente que não se trata do mesmo movimento, o da onda batendo na água e o de percorrer e tentar medir a fronteira na imagem congelada. A questão é que em ambos os casos há uma apreensão da transformação imanente aos movimentos aberrantes (LAPOUJADE, 2015) dos fenômenos. Para apreender esses movimentos que criam “más cópias” do objeto seria necessário repensar o que se entende ordinariamente por pensamento.

Como percebe Palomar em suas experiências, “Há no mundo algo que força a pensar. Esse algo é o objeto de um *encontro* fundamental e não de uma reconhecimento” (DELEUZE, 1968, p. 191). O ato de pensar, por sua vez, seria o pensamento que se permite apreender a diferença sem tentar enquadrá-la a uma *imagem do pensamento*, sendo que “é sobre essa imagem que cada um sabe, que se presume que cada um saiba o que significa pensar” (DELEUZE, 1968, p. 183). Mas o que seria, então, o pensamento para Deleuze? Uma forma de responder isso é entendendo o que é primeiro no ato de pensar.

Deleuze dirá que o “primeiro no pensamento é o arrombamento, a violência, é o inimigo, e nada que supõe a filosofia” (DELEUZE, 1968, p. 191). Essa violência é causada, pois nos deparamos com a diferença em si que compõem os fenômenos. Todo ato de pensar seria, portanto, um ato de criação e não de simples reconhecimento, no sentido de que para “criar” o objeto no pensamento devemos

movimentar as faculdades a fim de produzir algo novo. É importante salientar que até mesmo o pensamento da reconhecimento passa por este esforço, ainda que esteja amparado por uma imagem consolidada capaz de “amenizar” tal arrombamento, fazendo com que as faculdades concordem hegemonicamente o que se cria no ato de pensar. É importante ressaltar aqui a inevitabilidade do encontro com a representação e da existência de um pensamento cognitivo. Podemos sintetizar que, a partir de Diferença e Repetição (DELEUZE, 2018), o problema não está na representação em si, mas na maneira em como ela é utilizada, isto é, enquanto uma repetição do mesmo (configurando a lógica da representação e da reconhecimento) ou enquanto uma repetição que gere a diferença (utilizando da representação enquanto um elemento que permita a passagem da diferença – lógica da diferença). Podemos problematizar e ir um pouco além de Deleuze, ao pensar sobre a importância de se ter um espaço com a mínima consistência para que o pensamento possa fluir, seja em suas repetições ou diferenciações. Ursula Le Guin (2021) nos auxilia a pensar sobre essa consistência, defendendo que o processo civilizatório passa por como efetuar o arrebatamento (por exemplo, de uma fruta) e, posteriormente, concretizando a etapa mais importante do processo comunitário, em como armazená-la em um recipiente, ou uma cesta. Como o pensamento da diferença pode ser potencializado, a partir da cesta de pensamentos que dá consistência para sua propagação no mundo? Com Le Guin, podemos pensar que simultaneamente ao processo de violência há a suavidade de acomodar o que se diferenciou. O problema aparece quando a reconhecimento domina o funcionamento do pensamento. Com isso, acaba se criando e proliferando no pensamento representações submissas às imagens. Um pensamento sem imagens, que não concorde com o objeto e reconheça a violência como instauradora do ato de pensar formaria

As condições de uma verdadeira crítica e de uma verdadeira criação [...]: destruição da imagem de um pensamento que pressupõe a si próprio, gênese do ato de pensar no próprio pensamento. (DELEUZE, 1968, p. 191).

Os conceitos surgem como possibilidades de dar conta deste caos violento que a diferença provoca nos encontros, e que convoca simultaneamente a uma suavização e acomodação para que não perca consistência. A gênese do ato de pensar é, ao mesmo tempo, arrebatamento e suavização ao acomodar. Espaço liso da novidade e espaço estriado que dá chão e céu ao arrebatado. Como discutido,

um conceito é usado de forma singular para resolver problemas sempre singulares. Isso diz de uma impossibilidade de neutralidade do conceito, e o mesmo deve ser pensado com a fractalização. Quer dizer, há na dominação do pensamento da reconhecimento criticado por Deleuze um movimento a partir da repetição do mesmo. É possível entender que há, aí, uma fractalização, mas com uma forma de lidar com a diferença específica e indesejada, crucificando-a: “é sempre em relação a uma identidade concebida, a uma analogia julgada, a uma oposição imaginada, a uma similitude percebida que a diferença se torna objeto de representação” (DELEUZE, 1968, p. 190), demonstrando a impotência deste pensamento em pensar a diferença em si mesma, e também incapaz de conceber outra concepção da repetição para além de algo que repete o mesmo. Os conceitos não são morais, é necessário usá-los e dobrar o mundo a partir de seus usos. O mesmo deve ser feito com a *fractalização*.

A dimensão do movimento e da transformação da geometria fractal que passa a ser de interesse de Palomar, e não sua analogia representacional enquanto estrutura, como se fosse possível identificar “isto na onda é fractal, isto não é”, ou mesmo “isto na psicologia é fractal, isto não é; isto na subjetividade é fractal, isto não é”. A repetição, assim, deve ser posta a trabalhar para o pensamento da diferença, passando a ser entendida como “a potência da diferença e da diferenciação: seja porque ela condensa as singularidades, seja porque ela precipita ou desacelera os tempos, seja porque faz os espaços variar.” (DELEUZE, 1968, p. 290). Repete-se para criar uma dobra, a partir do que recém foi dobrado, redobrado. Foi assim que Deleuze identificou no movimento barroco uma utilização singular da ideia da repetição como geradora da diferença, e não como simples reprodução predominantemente cognitiva. Diz Deleuze, em seus estudos articulando Leibniz e o barroco: "Sempre existe uma dobra na dobra, como também uma caverna na caverna. A menor unidade da matéria, o menor elemento, é a dobra, não o ponto, que nunca é uma parte, e sim uma simples extremidade da linha" (DELEUZE, 2007, p. 13).

Deleuze faz um movimento parecido com o cálculo diferencial em Diferença e Repetição, ao dizer que

O mundo ‘se faz’ enquanto Deus calcula; não haveria mundo se o cálculo fosse exato. O mundo é sempre assimilável a um ‘resto’, e o real no mundo só pode ser pensado em termos de **números fracionários ou até mesmo incomensuráveis**. (DELEUZE, 1968, p. 297. Grifo do autor)

Como discutido nos trabalhos de Hélio Rebello Cardoso Júnior (CARDOSO JÚNIOR, 1996), Deleuze buscará no cálculo a potência das equações que precisam ser atualizadas ao passo em que se analisa a variação local e instantânea das velocidades e acelerações em relação ao tempo em pontos da curva. No mesmo parágrafo, Deleuze descreve um fenômeno como algo composto de um sinal-signo, e formula a seguinte proposição que suscita uma dúvida para “levantar uma pulga atrás da orelha” neste ponto da cartografia, para quem sabe discuti-la futuramente: teria Deleuze reescrito tal frase utilizando a geometria fractal caso Mandelbrot já tivesse gerado suas imagens pelo computador?

Todo fenômeno é composto, porque, além de as duas séries que o ladeiam serem heterogêneas, cada uma é por sua vez composta de termos heterogêneos, contidos em séries heterogêneas, que formam subfenômenos. (DELEUZE, 1968, p. 297).

Ora, é isso! Pensa Palomar: se a menor unidade da matéria é uma dobra, a onda é uma dobra de dobras. Se uma dobra se faz por outra dobra, esta é sempre o resto daquela, o inexato a ser calculado novamente, para imediatamente dar espaço a outra inexatidão. Por isso a impossibilidade de realizar qualquer medição convencional sobre ela, já que o que Palomar apreende como “uma onda” expressava era sempre uma extremidade de uma linha, em um eterno vai e vem entre o espaço liso e o espaço estriado. Nunca um ponto, um plano ou um volume, mas sempre um continuum resultante de toda uma memória que cada linha que compunha cada onda trazia consigo. Mesmo assim, cada onda era diferente de outra onda, e cada conjunto de onda mais diferente ainda, o que lhe mostrou que apesar da semelhança entre elas sempre havia um elemento criador, disjuntivo, irregular. Repete-se, a partir das dobras e redobras, elementos que dão consistência ao que entende como onda – tais elementos parecem percorrer toda a extremidade da linha até emergir à superfície da realidade, sendo condensados no presente. A natureza, percebe Palomar, é dotada de uma memória criadora. Tal memória criadora dá passagem ao que Bergson chama de duração, um progresso contínuo do passado que rói o porvir, inchando ao avançar.

Por isso, pensar torna-se um ato de violência. Pensar é ser violento com o que está dado, com o que está instituído. Pensar a partir da diferença é sempre um ato de criação, utilizando da memória para instituir algo novo no lugar. Pensar o impensável, imaginar o inimaginável, desfazer-se das imagens do pensamento. Simultaneamente, suavemente acomodando o que antes era inimaginável,

permitindo um corpo consistente para seguir o processo. Após alguns insights de Palomar, acrescento: medir o imensurável, através da fractalização. Eis que Palomar percebe que medir o imensurável, com todos os paradoxos que a fractalização possibilita, é, na verdade, acompanhar o desabrochar de uma superfície, que não cessa de conectar elementos heterogêneos (de naturezas distintas) para criar sempre algo novo, criando uma multiplicidade ao invés de uma relação Uno x Todo. A essa nova imagem do pensamento, muito mais flexível, Deleuze e Guattari nomeiam rizoma: uma raiz subterrânea horizontal – ao invés da imagem da árvore que remete a uma hierarquia entre os fenômenos – que liga os elementos por uma lógica das intensidades, entendendo que não existe jamais “um” fenômeno, mas sempre uma multiplicidade que se agenciam e transformam os territórios do e no pensamento ao ponto que se conectam com outras multiplicidades, dobrando e redobrando as realidades (DELEUZE e GUATTARI, 1980a).

No caso das ondas de Palomar, cada choque entre as dobras que as ondas criavam formava uma nova fronteira para ser analisada. A análise passa a ser feita sempre na borda, pois a extremidade da linha que se fractaliza nada mais é que o acompanhamento de uma fronteira. Ou melhor, de uma multiplicidade de fronteiras, distribuindo a terra ao passo que se a percorre.

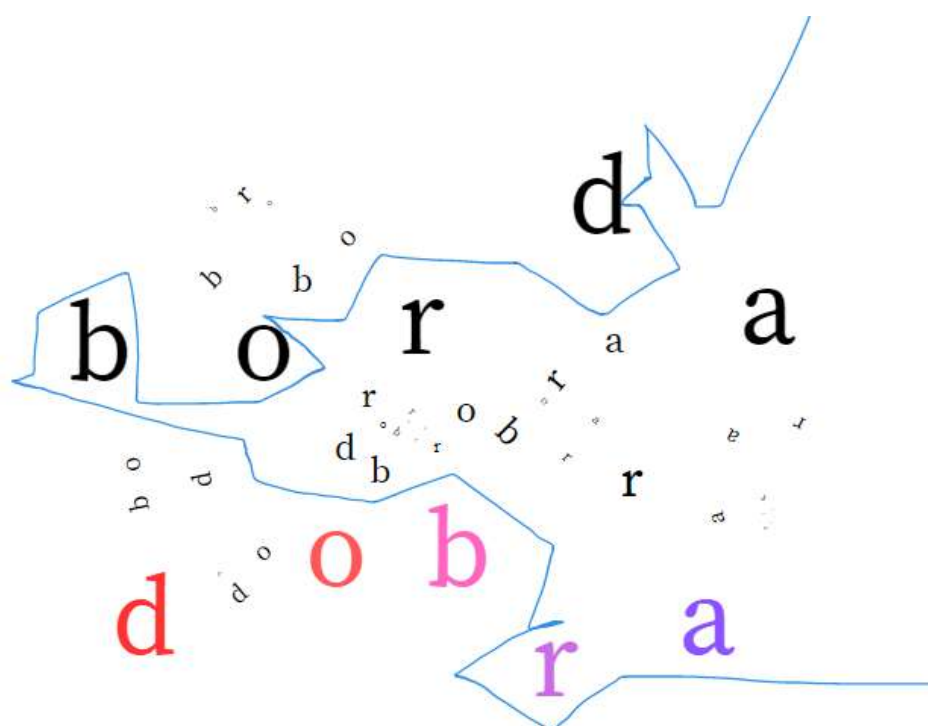


Figura 12: a borda é a dobra, e as dobras criam bordas.

Fonte: do autor.

Essa multiplicidade se manifesta pelo que Deleuze chamará de intensidade no pensamento. Na lógica das intensidades, o que retorna com a repetição não é meramente um padrão, mas sim as forças ativas, que tem potência para retornar, sendo que o “que repete não é o mesmo, mas sim a diferença. Só retorna o extremo, o excessivo, o desigual” (HUR, 2022, p. 60). Essas intensidades, agenciamentos de elementos heterogêneos (ondas de ondas, dobras de dobras), fractalizam-se, impossibilitando a redução dos dados obtidos daquilo que estamos acompanhando a categorias amplas e generalistas, fazendo o pensador trafegar nas zonas de um contínuo de intensidades (HUR, 2022). No campo da produção social, vemos isso acontecendo o tempo todo. Como diz Lévy,

Corpos, culturas, artifícios, linguagens, significações, narrações... o empírico torna-se transcendental e o transcendental faz advir um mundo empírico. “Isso” se dobra e se redobra em transcendental e empírico. A dobra é o acontecimento, a bifurcação que faz ser. Cada dobra, ação-dobra ou paixão-dobra, é o surgimento de uma singularidade, o começo de um mundo. A proliferação ontológica é irreduzível a uma ou outra camada particular dos estratos; igualmente irreduzível a qualquer dobra-mestra como aquela do ser e dos entes, da infraestrutura e da superestrutura, do determinante x e do determinado y. (LÉVY, 2003, p. 27).

Deleuze e Guattari concluem, ao se encharcarem dessa lógica das intensidades, que o sujeito e o objeto não são uma boa forma de aproximar-se do pensamento, visto que “Pensar não é um fio estendido entre um sujeito e um objeto, nem uma revolução em torno do outro. Pensar se faz antes na relação entre território e a terra.” (DELEUZE e GUATTARI, 1991, p. 103), exigindo uma criação de meios para o desenvolvimento daquilo que está sempre em vias de se atualizar e diferenciar. Em suma, quando processos de fractalização se conectam através da lógica das intensidades e rizomática, temos o que a filosofia da diferença entende por território, através da dinâmica dos *ritornelos*, cujas conceituações serão discutidas e experienciadas por Palomar em seguida ao discutir sobre a cartografia. Ou seja, quando as faculdades do pensamento são postas à prova de pensar o impensável, o pensamento se vê diante de uma multiplicidade de fractalizações, e não somente “uma” fractalização. Não mais “um” espaço liso x espaço estriado, mas uma multiplicidade de espaços lisos e estriados, cada um com sua direcionalidade (fractalização auto-referencial), que em conexão e agenciamento uns com os outros devem dimensionais mais que puramente direcionais, criando,

finalmente, territórios. O próximo passo é entender como estes conceitos se aplicam na apreensão da produção do desejo e de suas pulsações no social.

Nova pausa na teoria. Palomar quer entender este último parágrafo com outra experiência. Sua medição da foto congelada não funcionou, mas o fez embarcar em uma jornada teórico-conceitual povoada de intensidades. O fez pensar sobre a criação de um conceito, e que seus usos sempre envolvem uma dimensão ética e política, pois dizem da criação da realidade e de territórios que permitam (ou não) a passagem da diferença. Percebe que não há como fugir da criação do fenômeno quando está implicado em sua transformação, dissolvendo os polos de sujeito e objeto, passando à lógica da rizomatização e da multiplicidade que operam através do complexo movimento fractalizante do espaço liso e espaço estriado, que se dobram, desdobram e redobram, conectando-se a outros tantos processos de fractalização. Decide voltar ao mar, mas dessa vez fará diferente. Agora, Palomar pensa que encharcar-se no território não é adentrar suas profundezas, mas fazer emergir o que antes era profundidade para a “flor da pele”.

Palomar entra na água. Pisa os pés na areia, sente a água batendo no corpo. Percebe a complexidade do novo território: a distância entre seu pé e a água que bate na cintura. O choque de temperatura da cintura para baixo. A areia movediça que lhe empurra para o centro da terra, afogando seus pés. O refluxo da maré, impondo-lhe a inércia do corpo-água. Tudo isso, que antes jazia em seus pensamentos ancorados em fundamentos e idealizações (em imagens do pensamento), transforma-se em puro campo de imanência e superfície de contato e de encontro com a diferença. Agora, Palomar tem de se haver com as dobras e novas bordas que tais encontros geram, cada um com seus caminhos de fractalização próprios, mas interconectados por ritornelos, cada um expandindo as bordas e fronteiras aos limites que suas existências sustentam. Chegou a hora de entender a potência da cartografia enquanto método para acompanhar as transformações destes territórios.

5. Palomar e o método da cartografia

O atual capítulo terá três momentos. O primeiro fará uma breve genealogia do modo de pesquisar nas ciências humanas, a partir da influência cartesiana. A ideia é evidenciar como as bases filosóficas ocidentais marcam uma maneira de pesquisar e apreender o mundo no âmbito das ciências, e como isso acaba também criando o sujeito moderno – refletido em Palomar. No segundo momento, o método da cartografia será apresentado como uma proposta que vai na contramão dessa maneira neutra, isolada, universalista e cartesiana de pesquisa. O pensamento da diferença, conforme capítulo anterior, é útil para atravessar e conceber um método que complexifica e propõe alternativas aos modelos hegemônicos de pesquisa, mostrando que toda pesquisa é também intervenção e inevitavelmente produção de subjetividade. O terceiro momento aproximará a utilização da cartografia com os últimos trabalhos de Guattari, hipertrofiando uma concepção de cartografia articulada a uma ontologia fractal. Guattari chama tais cartografias de cartografias esquizoanalíticas. Essa articulação será feita primeiramente entendendo como Guattari utiliza e concebe tal ontologia fractal. Em seguida, como o afeto pode ser pensado como combustível dessa ontologia, proporcionando um meio de trabalho ético-estético-político por entre os territórios existenciais. Os capítulos anteriores (fractalização dos fenômenos e no pensamento da diferença) servirão como bagagens para um aprofundar nessa complexificação conceitual proposta por Guattari, trazendo consistência a esses conceitos-ferramentas operadores dos processos de subjetivação.

O *cogito* cartesiano, além de carimbar a história da filosofia sendo um dos principais responsáveis pelo nascimento da ciência moderna, também acabou influenciando o nascimento da psicologia enquanto a ciência que conhecemos hoje. Deleuze explicita a imagem do pensamento predominante no ocidente, influenciada pela pretensão cartesiana, que dá *fundamentação* aos encontros com os fenômenos. Para Descartes,

Conhecer é conhecer clara e distintamente. Não há necessidade de grandes argumentações para verificar a simplificação do mundo neste princípio. A razão, neste caso, é um tribunal de sentenças últimas, claras e distintas. (BERTICELLI, 2006, p. 29).

Para entender abordar um fenômeno a partir de seu método, Descartes postula alguns preceitos constitutivos. Um deles descreve perfeitamente as ações pretendidas por Sr. Palomar: “dividir cada uma das dificuldades que examinasse

em tantas parcelas quantas fosse possível e necessário para melhor resolvê-las” (DESCARTES, 1996, p. 23), partindo dos aspectos mais simples e fáceis de serem trabalhados para progredir no conhecimento, com o objetivo final de apreender por completo todos os cantos e facetas daquela parcela de realidade. Descartes utiliza-se de um reducionismo metódico de lógica matemática-geométrica para execução de seu método:

Essas longas cadeias de razões, tão simples e fáceis, de que os geômetras costumam servir-se para chegar às suas mais difíceis demonstrações, levaram-me a imaginar que todas as coisas que podem cair sob o conhecimento dos homens encadeiam-se da mesma maneira, e que, com a única condição de nos abstermos de aceitar por verdadeira alguma que não o seja, e de observarmos sempre a ordem necessária para deduzi-las umas das outras, não pode haver nenhuma tão afastada que não acabemos por chegar a ela e nem tão escondida que não a descubramos. (DESCARTES, 196, p. 23-24).

Berticelli (2006, p. 30) investiga essa travessia de Descartes e sua tentativa de redução dos fenômenos à lógica matemática, concluindo que este esforço metodológico cartesiano⁶ “é o berço generativo do *eu* moderno, o *eu* produto da razão, o *eu* centrado em si mesmo, que se produz a si mesmo na razão.”. Assim está situado o sujeito moderno: um sujeito em que seu corpo é separado de sua alma, mente, espírito, e, por consequência, um sujeito que tem como bússola o distanciamento de seus objetos de estudo, para o exercício de uma “razão” mais nítida e certa, com menos chance de “sujar” qualquer experimento com algum resquício de sua subjetividade. É o que Deleuze visa destituir e apontar a inconsistência de tal método com sua filosofia da diferença.

Mas a psicologia não foge de tal imagem do pensamento hegemônica, de tal subjetivação cartesiana, vindo a desenvolver suas teorias estudando o sujeito a partir de uma unidade sintética. Há uma tendência da busca por um centro da consciência, da busca de padrões de personalidade, da busca por regularidades, previsibilidades. A subjetividade, portanto, seria um fenômeno individual dos sujeitos, próxima dos conceitos de personalidade, identidade, self, sendo cada indivíduo proprietário primordial dessas instâncias, cujos limites são bem definidos, como Sr. Palomar gostaria que as ondas fossem.

Para essa lógica, cabe a concepção de que se uma inteligência sobre-humana fosse capaz de computar todas as variáveis, forças e movimento

⁶ Adjetivo que refere Descartes como criador, assim se utiliza na psicologia, por exemplo, “freudiano” de Freud e “deleuzeano” de Deleuze.

dos corpos do universo, ela poderia prever com exatidão o passado, presente e futuro de todo o universo. Este seria o cálice sagrado da matemática determinística. Tal “inteligência” já foi imaginada, e leva o nome de *demônio de Laplace*, concebida como um exercício mental pelo matemático Pierre Simon Laplace (matemático do século XVIII). Alio-me a Bergson (2019) e Prigogine (2011) que criticam essa perspectiva ao argumentar que tal demônio só seria possível de ser alcançado se o tempo for tratado enquanto uma variável isolada no conjunto de equações. Bergson, por outro lado, defende que o tempo ou é tratado como uma variável que sempre possibilita a invenção do novo, ou então não possui validade nenhuma. Nesse sentido, o futuro seria algo sempre marcado por uma estabilidade sempre em potencial de desestabilização, sendo “jorro efetivo de novidade imprevisível” (apud PRIGOGINE, 2011, p. 63). Nesse sentido, é possível afirmar que Deleuze e seu pensamento da diferença e sua relação com o tempo enquanto potência criadora é fielmente bergsoniano.

A grande questão é que, ao longo dos séculos, a legitimação e perpetuação de tais práxis acabou influenciando na criação e transformação do próprio objeto de estudo, neste caso, a subjetividade, a partir de referenciais teóricos lógico-matemáticos, a exemplo do cartesiano. Palomar, em seus primeiros encontros com a onda, foi com o objetivo de reduzir a onda à menor unidade, entretanto com suas experiências percebeu que a menor unidade da onda era, na verdade, uma dobra. Uma menor unidade que não era uma unidade, e sim uma multiplicidade. Da mesma maneira, o desejo e a subjetividade, ou qualquer outro objeto de estudo das ciências humanas, não respeita nenhuma lógica determinista capaz de ser enquadrada por tal práxis. É que “as potências da vida produzem incessantemente novas lógicas que nos submetem à irracionalidade delas.” (LAPOUJADE, 2015, p. 14).

Se ora falamos de matemática, ora de psicologia e ora de filosofia, é porque é impossível pensá-las separadamente ao traçar suas genealogias. Como visto neste breve resgate histórico da influência de Descartes na criação da psicologia, existe uma determinada forma de enxergar os fenômenos a partir da lógica cartesiana, perpetuando também determinada ontologia, ou seja, determinada forma de se apreender o *ser* das coisas. A partir desta colocação, a cartografia enquanto método na psicologia (e demais ciências que se proporem a utilizá-la) surge justamente como alternativa na concepção dos fenômenos, partindo de

ontologias outras e, ponto crucial deste trabalho, a partir de matemáticas outras. Como coloca Freitas (2016, p. 1, tradução do autor): “Por conta de diferentes práticas matemáticas serem alinhadas com diferentes ontologias, importa qual tipo de matemática trazemos para as teorias sociais”. Assim fez Deleuze com o cálculo, como já apontado brevemente no subcapítulo anterior, ao dizer que a produção do fenômeno sempre produz e deixa um resto, que acaba criando o real.

Resto, processo, criação de realidades. Tem a ver com cartografia? O que seria a cartografia, afinal? É mais potente pensar em *como* funciona a cartografia, e não tanto o que ela seria (seguindo o mesmo movimento feito com o conceito de fractalização). Diferentemente da concepção de processo a partir de processamento, que remete ao pensamento dominado pela reconhecimento criticado por Deleuze, na cartografia o processo é entendido a partir de uma ideia de *processualidade*, remetendo ao pensamento da diferença e ao que ele tem a oferecer para auxiliar na complexificação dos fenômenos.

Quando tem início uma pesquisa cujo objetivo é a investigação de processos de produção de subjetividade, já há, na maioria das vezes, um processo em curso. [...] Isso acontece não apenas porque o momento presente carrega uma história anterior, mas também porque o próprio território presente é portador de uma espessura processual. (BARROS e KASTRUP, p. 58, 2020).

Na cartografia, opera-se uma inversão do *metá-hódos* (metodologia, onde as metas são traçadas antes do caminhar), e aposta-se em um *hódos-metá*, em que a investigação da realidade deve ser feita através de um acompanhamento de percursos, implicação nos processos de produção de subjetividade, sempre situados em um espaço e um tempo, não havendo certezas prévias sobre o que encontraremos nas terras que pisamos nossos pés. Trata-se de uma metodologia para o imprevisível, para o que não se contenta ao racional. Sendo um método baseado na filosofia da diferença de Deleuze, talvez seja possível estender as palavras de Lapoujade (2015, p. 13), em que “Assim se estabelece uma primeira definição da filosofia de Deleuze: ela se apresenta como uma *lógica irracional dos movimentos aberrantes*” para a cartografia: um método para acompanhamento dessa lógica irracional à qual pertence os movimentos de criação, produção e transformações da subjetividade.

5.1. A cartografia: um método entre a produção de subjetividade

Em tempo, não mais se fala de subjetividade, mas sim em processos de subjetivação, fenômenos em constante e imprevisível movimento. Como consequência, temos uma subjetividade não mais interiorizada a um sujeito, mas construída coletivamente a partir de complexos embates dos planos das forças e das formas que compõem a realidade, dobrando e redobrando, alisando e estriando. É um método de pesquisa que traça um plano de experiência, acompanhando e analisando os efeitos (sobre o objeto, pesquisador e produção de conhecimento) do próprio percurso da investigação, que se transforma a cada passo dado.

“Assim, a análise é ilimitada, porque ilimitado é o movimento de simulação: nunca se chega a um porto de embarque, ponto de origem, terra natal. Nem a um porto de desembarque, porto final, terra prometida.” (ROLNIK, 2006, p. 76). É ilimitada, mas não quer dizer que seja infinita. Pelo contrário, a cartografia e a análise são sempre finitas, visto que o desejo, enquanto aquilo que se analisa, cria novos mundos que em algum momento se transformarão em outros. Acompanhar estes movimentos do desejo ao passo em que os corpos envolvidos se encontram e agenciam novos territórios, movimentando-se energeticamente (produzindo intensidades) e semioticamente (produzindo sentidos), eis a tarefa do cartógrafo. Ao dizer que “O processo de produção do desejo é o de uma energética semiótica” (ROLNIK, 2006, p. 37), Rolnik evidencia que o próprio acompanhamento dos processos de produção do desejo é, ele mesmo, produção desejante, produção de subjetividade.

Para criar uma imagem das ideias criadas por Suely Rolnik, retomo o conceito de ritornelo e a entrada de Palomar na água. Quando Palomar faz sua primeira análise, há uma direcionalidade em seu pensamento e em seu encontro com o mar. Ele tenta realizar sua medição, e o que varia é o espaço de mar a ser medido, o que seria levado em conta na onda, entre outras variações, mas que marcavam uma direção. É como se me coubesse a descrição de minha escrita à forma como digito em meu teclado: disponho meus dedos sobre as teclas, aciono por vezes o polegar para dar “espaço”, com maior utilização dos dedos indicador médio e anelar. Outra direção poderia ser a forma com que me localizo em meu quarto: sento no canto direito esquerdo do cômodo quadrado, virado ao fim da

parede da esquerda e de lado para a janela com vista para a rua, com minha estante de livros atrás de mim. As direções até coexistem, mas não se misturam, formulando uma descrição que remete a do método tradicional científico. Assim como Palomar percebe o choque de temperatura em seu corpo, o movimento das marés, suas outras formas de relacionar-se com os fluxos que lhe atravessam, eu também percebo que a estante de livros atrás de mim não é qualquer estante, já que ela guarda os livros que utilizo para meu TCC, diferentemente dos livros que estão na sala de estar. Percebo que meus dedos afetam minha digitação, pois um dia antes de escrever este parágrafo tive um treino de vôlei cujas boladas machucaram. Quer dizer, não são mais simplesmente descrições que acompanham fractalizações direcionais. Os encontros gerados pelo meu corpo com ele mesmo, de meus dedos com o teclado, de minhas ideias com este trabalho, de Palomar com a temperatura da água e do movimento do mar, acabam deixando nítido o caráter energético e semiótico dos encontros entre tais corpos (corpos de corpos, máquinas de máquinas). As direções que só coexistiam passam a se misturar, a devir algo, fazendo com que os encontros gerem territórios com uma multiplicidade dimensional:

Precisamente, há território a partir do momento em que componentes de meios param de ser direcionais para devirem dimensionais, quando eles param de ser funcionais para devirem expressivos. (DELEUZE e GUATTARI, 1980b, p. 127).

O território passa a ser mais que um espaço físico: como Palomar já desconfiava, são territórios existenciais, indissociáveis dos territórios do pensamento, da política, da ética, da economia, da cultura, atravessados por relações de poder, por atravessadores sociais, corporais e incorporais. São territórios de horizonte movediço, fractal, que permite a passagem dessa “lógica irracional da vida” descrita por Lapoujade. A busca por uma filosofia capaz de lidar com os movimentos aberrantes, para Lapoujade, é a grande tarefa de Deleuze e Guattari (LAPOUJADE, 2015). Pode-se concluir, daí, que a mesma tarefa cabe à cartografia, à esquizoanálise e à psicologia: quais são os seus movimentos aberrantes? Como eles operam na realidade? Como distribuem as terras e formam territórios? Quais fundamentos e imagens do pensamento os capturam, extinguindo suas produções da diferença?

Remontar para além do fundamento não quer dizer explorar as profundezas do Ser, mas sim percorrer suas superfícies – isto é, *traçar um plano*. As noções de “plano de imanência” [...] são invocadas, são

descritas de modo inteiramente deleuziano, mas pouca coisa é explicada se não se percebe que elas são, cada uma à sua maneira, inseparáveis da questão do fundamento – isto é, da questão *quid juris?* (LAPOUJADE, 2015, p. 36).

Visando “enxergar” o conceito de plano de imanência, Jaques (2013) utiliza a imagem do mapa da internet (figura 13), desenvolvido pelo The Opte Project.

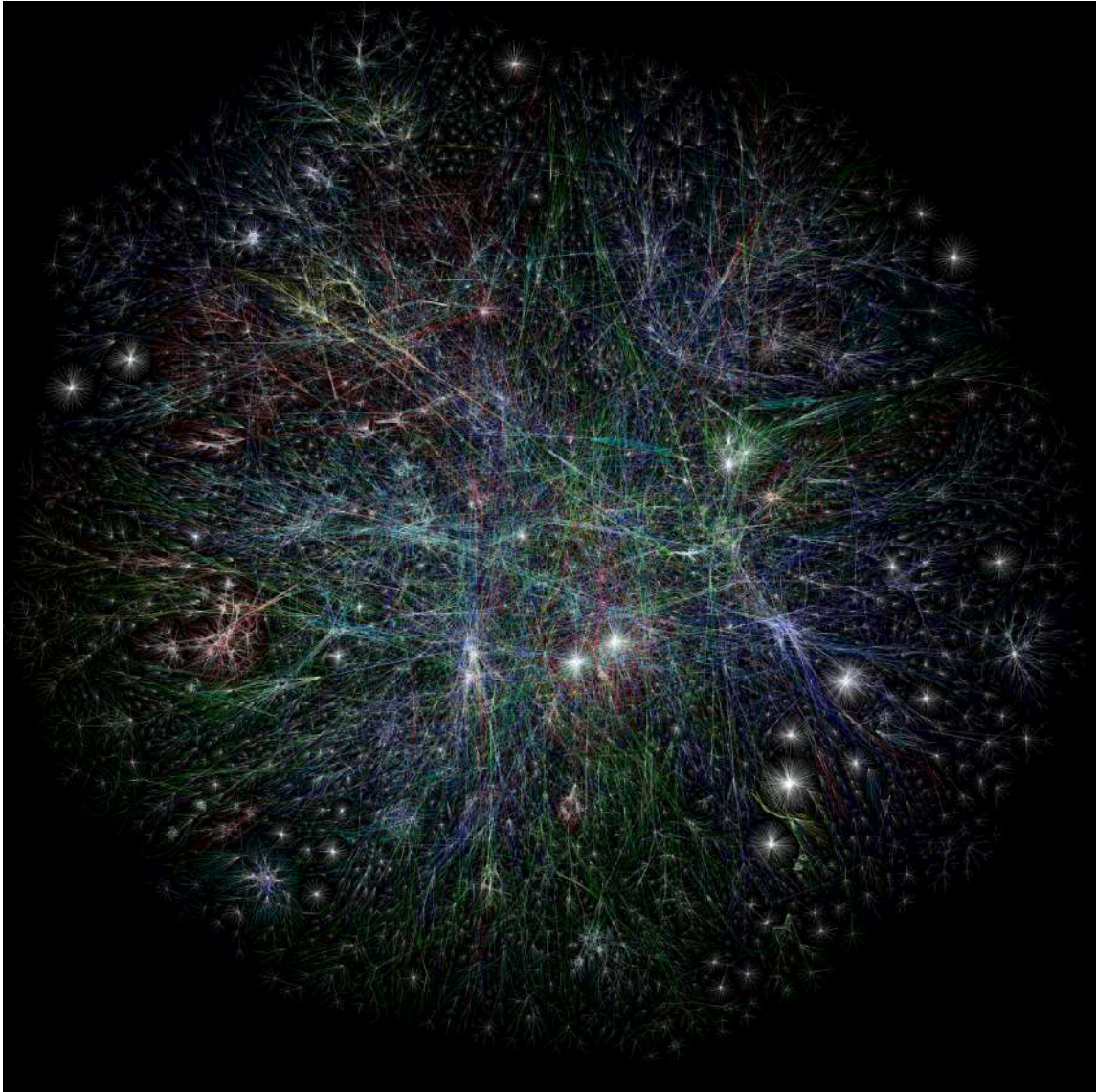


Figura 13: visualização do mapa da internet de 2003.

Fonte: Barrett Lyon – OPTe Project (<https://www.opte.org/the-internet>).

“O plano de imanência é um mar ou multiplicidade de singularidades selvagens perpetuamente atualizando virtualidades que facilitam a atualização de ainda mais virtualidades” (JAQUES, 2013, p. 71, tradução do autor). Trata-se de uma visualização da internet entendendo-a como uma rede de redes, onde é

mapeada as formas com que as redes se conectam umas às outras, formando ilhas, continentes, estradas e ligações entre as internet. Cada cor remete a um grande conjunto de redes, de cada continente do mundo. Cada recorte (*zoom in* ou *zoom out*) do mapa proporcionará uma apreensão das fractalizações de maneiras diferentes. No início do trabalho, a imagem metodológica utilizada para pensar uma ontologia fractal era a onda; agora, pensamos sobre a internet. Se observada enquanto uma imagem com propriedades fractais puramente direcionais, não há território existencial neste mapa da internet – os componentes de meio apontam somente direções. Mas basta adicionar as cores às linhas, diferenciando qual linha é de qual parte do mundo, que temos uma dimensionalização. É possível ir além: o que faz com que uma rede se comunique mais com a outra? Qual rede entre elas é formada, e por quem passa a ser acessada? Outros mapas poderiam ser sobrepostos a este: mapas sobre os conteúdos da internet acessados, sobre quem acessa, como acessa, com qual aparelho tecnológico... até mesmo linhas de quem não tem acesso à internet podem ser transversalizadas. Analisar essas linhas mostram por onde os fluxos passam, e, pensando já na esquizoanálise, podemos ter algumas dicas de onde os processos desejantes passam, com que velocidades, sob que circunstâncias, constituindo planos de imanência ao passo que se os percorre: o início de uma cartografia. Mapas que possuem propriedades fractais de complexidade infinita, semelhanças em diferentes escalas, mas que acima de tudo convocam o pensamento a pensar suas composições a partir do devir e não do ser. Pensar sobre as dobras que se dão em cada fronteira entre as redes, ou entre os territórios. O movimento passa a ser “visível”, mesmo em uma imagem estática. As palavras “enxergar” e “visível” estão em parênteses nesta passagem pois, quando falo de cartografia, o intuito é deixar cada vez mais evidente que não são somente os sentidos da visão que estão em jogo. Pensando na internet, o próprio *mouse* e teclado que compõem a visualização deste mapa pelo monitor já ativam outros sentidos corporais.

Dessa maneira, antes de qualquer fundamento, há componentes de vida em irrupções aberrantes que povoam o mapa. A cartografia, como síntese dessa forma de apreender a vida a partir da imanência, do devir e da diferença, trata de construir uma nova terra para distribuir o pensamento e os modos de vida. Lapoujade complementa com as seguintes questões: “Como distribuir a terra ou o solo? A quem pertence a terra? Quem decide sobre sua distribuição ou sua

partilha? E de que terra se fala?” (LAPOUJADE, 2015, p. 40). O ritornelo, enquanto movimento triplo, recíproco e simultâneo de *territorialização*, *desterritorialização* e *reterritorialização* é para a terra o mesmo que o sem-fundo é para o pensamento (LAPOUJADE, 2015), ou seja, ambos têm a mesma potência de violência sobre o que insiste em codificar, em instituir, em organizar. O pensamento, podendo distribuir a terra de outras maneiras, possibilita a criação de novos mundos. Por isso, a questão *com que direito? (quid juris?)* é central na leitura de Lapoujade. Com que direito os movimentos aberrantes do imprevisível da vida e do desejo habitam e povoam as terras que não cessam de serem criadas, transformadas, destruídas, reconstruídas, povoadas?

Palomar formula suas perguntas finais após passar pelo primeiro arco de sua travessia neste trabalho: “com que direito os movimentos aberrantes emergentes em meus encontros com as ondas do mar se fractalizam e distribuem a terra? Como estes territórios se fractalizam e se conectam entre si, que multiplicidades são essas? Como essas distribuições da terra acabam nos subjetivando? Quais processos de fractalização estão sendo fomentados no meio disso tudo? Como funciona a fractalização dos processos desejantes fascistas, ou mesmo dos capitalísticos?” A saída para essas perguntas, por hora, parece insistir na mesma pista: acompanhar suas fronteiras, delimitando suas bordas, redobrando suas dobras, dobrando-se junto, encharcando-se de território e des/reterritorializando as superfícies fractais a cada passo dado, apreendendo e germinando desvios nos ritornelos que compõem os fenômenos.

Ainda não satisfeito, como bem cabe ao seu carisma, Palomar decide botar no papel o que experienciou até aqui, para ver se alguma pista dos próximos movimentos se esboçam. Decide montar um esquema, que chama de dispositivo. Um dispositivo para enxergar de outra forma o que foi trabalhado até aqui. Um dispositivo que traduzido por uma imagem, mas seria uma imagem suficiente para dar conta da complexidade dos fenômenos e de suas insistentes subversões a qualquer imagem do pensamento? Será esta imagem suficiente para potencializar um pensamento sem imagens?

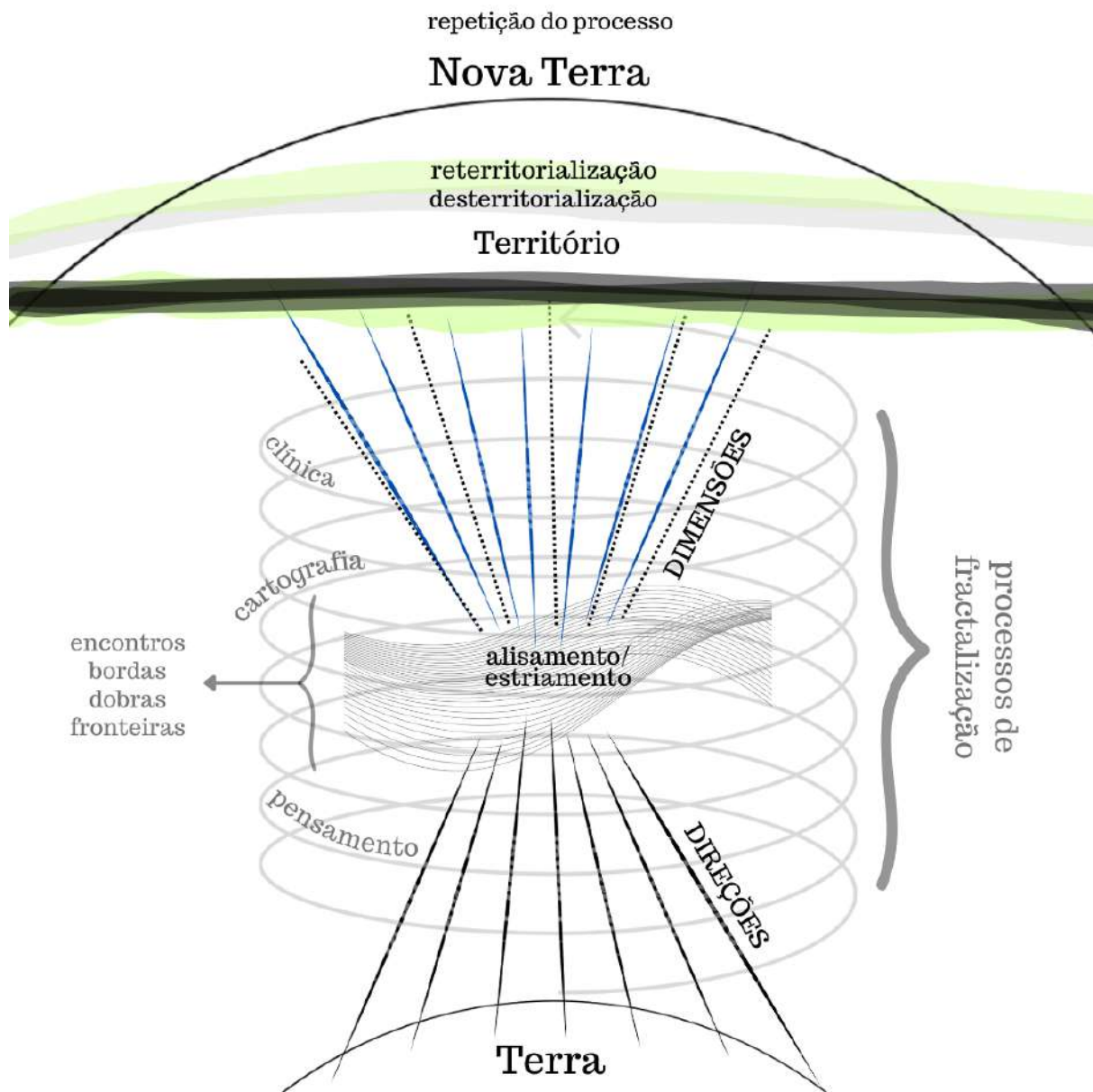


Figura 14: dispositivo sobre a apreensão dos fenômenos.

Fonte: do autor.

No início do processo, a terra. É seu ponto de partida, sua “origem”. Da terra surgem as linhas de intensidade do desejo. Ao passo que essas linhas se encontram, se chocam, se cruzam e se violentam, elas perdem o caráter puramente direcional, próprio à fractalização de “um” fenômeno, e compõem um território, dimensionalizando-se rizomaticamente. O pensamento, assim como a cartografia, acompanha esses processos no vai e vêm entre o caos e a ordem habitando estas fronteirizações geradas pelos encontros, tentando apreender o

movimento do devir gerado pelas núpcias entre os distintos processos de fractalização em jogo, investindo em uma percepção háptica⁷ (HUR, 2022), como no exemplo do mapa da internet comentado na figura 13. Na figura 14, esse vai e vêm entre caos e ordem é representado pelo grafismo da espiral, podendo também ser entendido como um processo “caosmótico”, conforme trabalhado por Guattari (1982) em *Caosmose*⁸. A criação de um território remete imediatamente a uma desterritorialização de um território recém habitado, reterritorializado em uma nova terra para se habitar. Em ritornelo, este processo se repete indefinidamente.

Esse objeto-sujeito do desejo, como os atratores estranhos da teoria do caos, serve de ponto de ancoradouro no interior de um espaço de fase (aqui, um Universo de referência) sem ser jamais idêntico a si mesmo, em fuga permanente sobre uma linha fractal. Aqui não seria necessário apenas evocar uma geometria fractal, mas também uma ontologia fractal. É o próprio ser que transmuda, germina, se transfigura. Os objetos da arte do desejo são apreendidos em territórios existenciais que são ao mesmo tempo corpo próprio, eu, corpo materno, espaço vivido, ritornelos da língua materna, rostos familiares, narrativa familiar, étnica... (GUATTARI, 1992, p. 110).

Mas, como bem trabalhado pelos teóricos da cartografia, não há origem nem ponto de partida. Ou seja, dentro de cada linha que compõe cada parte do processo, existe todo o dispositivo repetindo-se, ou melhor, fractalizando-se. A concepção do processo dentro de cada parte do processo parece ser fundamental desde o início, mas que parecia difícil de ser concebida no início do trabalho sem o percurso teórico conceitual feito até aqui. Na próxima parte do trabalho, pretendo defender este passo além da concepção da fractalização dos fenômenos: a ontologia fractal trazida por Guattari em suas últimas obras. Abaixo, encerrando este capítulo, um primeiro esboço que tenta sintetizar a ontologia fractal discutida até aqui, que passou pela imagem-onda e pelo estudo inicial da cartografia. A ideia é seguir discutindo-a, agora aproximando-a da ontologia fractal de Guattari, aquela utilizada em suas *Cartografias Esquizoanalíticas*.

⁷ Hur (2022) descreve a percepção háptica como uma sensibilidade sinestésica envolvendo a multiplicidade sensorial de nossos corpos para apreender os movimentos, os fluxos, as vibrações, e não só as figuras e contornos estabelecidos a priori.

⁸ Além de *Caosmose*, Guattari trabalhará com esses conceitos em seu livro *Cartographies Schizoanalytics* (GUATTARI, 2012). Com excessão de um capítulo publicado em formato de artigo de tradução (GUATTARI, 2019), o livro ainda não possui tradução para português, e será explorado com alguns trechos traduzidos livremente por mim para o aprofundamento da ontologia fractal articulada à esquizoanálise.

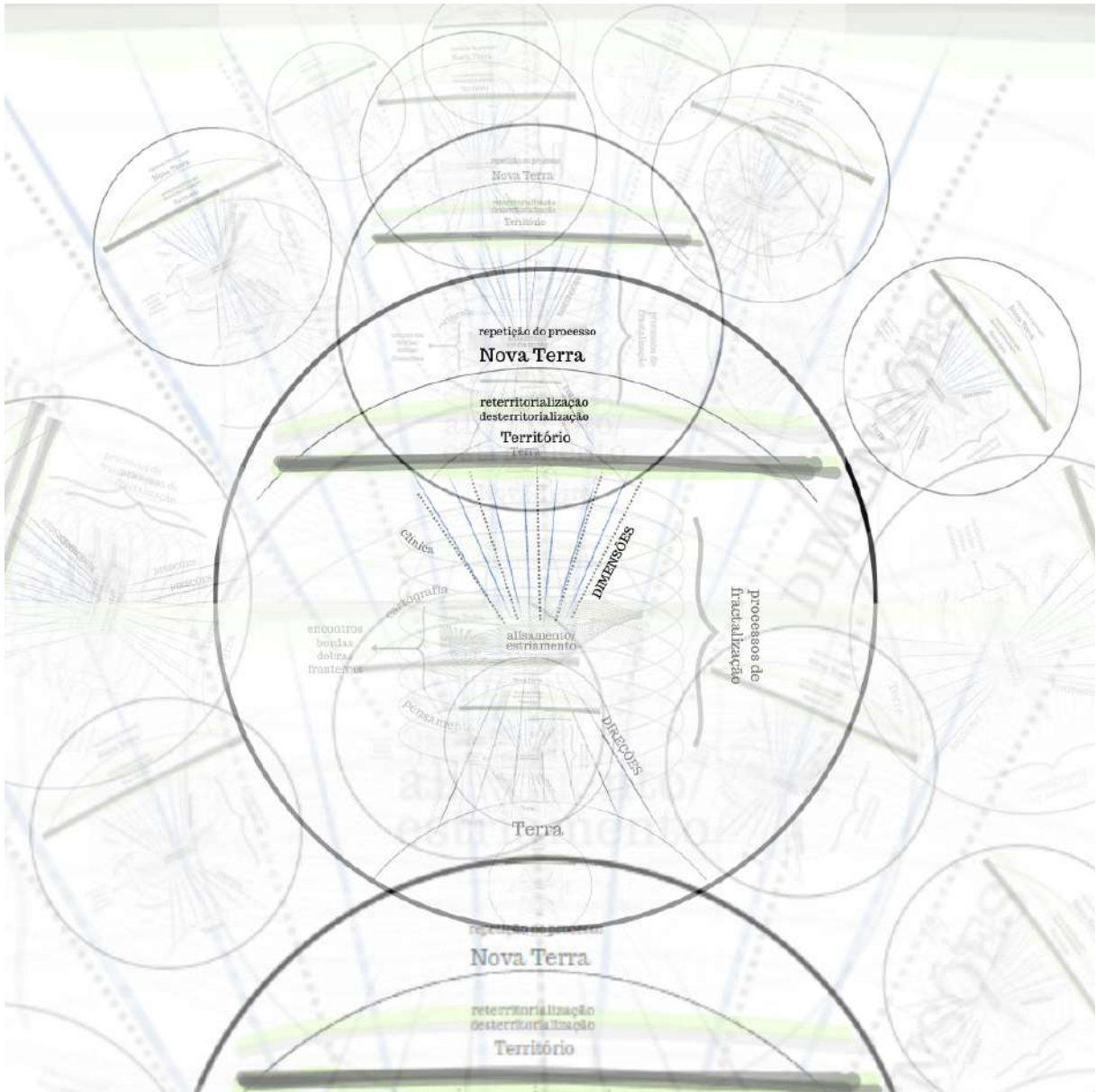


Figura 15: primeira imagem de uma ontologia fractal.

Fonte: do autor.

5.2. Cartografias esquizoanalíticas e a ontologia fractal

Na citação de Guattari evocada ao final do último capítulo temos a primeira aparição da *ontologia fractal*. Este conceito não aparecerá com frequência em suas outras obras, mas é uma importante linha de entrada para compreender sua proposta teórica “autônoma” frente à histórica parceria com Deleuze – ainda entendendo a indiscutível presença polifônica das ideias de seus trabalhos em conjunto, e mesmo das ideias do Deleuze da época de *Diferença e Repetição*. Acontece que, em seus últimos escritos, em especial nas obras *Cartografias*

Esquizoanalíticas (GUATTARI, 2012) e Caosmose (GUATTARI, 1992), Guattari investe na criação de um universo teórico espetacular, sintetizando seus esforços desde as épocas da sua atuação na clínica psiquiátrica La Borde, com suas inspirações e críticas frente a psicanálise estruturalista, passando por suas viagens com Deleuze e até chegar em suas obras de única autoria, em que se utiliza demasiadamente de conceitos da matemática e de complexos diagramas. Foi até aí que este trabalho chegou, adentrando o território de Caosmose.

Nestes capítulos finais do TCC, o objetivo será investigar o que Guattari quis dizer com a tal da ontologia fractal e como isso reverbera na esquizoanálise, propondo as cartografias esquizoanalíticas. Para isso, trabalharei em torno de uma sequência de passagens em que a geometria fractal é evocada nos livros Caosmose (GUATTARI, 1992) e Cartografias Esquizoanalíticas (GUATTARI, 2012 e 2019). Entretanto, tal tarefa não se limita unicamente a este livro, já que para cartografar a articulação feita por Guattari com a geometria fractal é necessário retomar algumas concepções sobre os estratos da terra, os agenciamentos maquínicos, e como isso traz uma concepção atualizada da esquizoanálise. Quer dizer, se até aqui transitamos pela filosofia da diferença, pela matemática e pela cartografia, agora será feito um mergulho concentrado na esquizoanálise. Ainda que a esquizoanálise estivesse presente no capítulo 2, uma de suas dimensões de maior potência não foi plenamente discutida: sua relação crítica e inventiva diante da psicanálise e toda uma inovadora *maquinaria* teórico-prática para pensar a produção de subjetividade para além do Complexo de Édipo ou além de qualquer fundamento. Será feito o seguinte trajeto: em um primeiro momento, discutirei sobre os estratos, os agenciamentos maquínicos e como estes concorrem para a criação de territórios e ritornelos, para chegar em um entendimento da ontologia fractal neste contexto. Em contraste à imagem-onda utilizada até aqui, a imagem-cidade será adotada para seguir com o procedimento metodológico de cartografar o conceito.

O que vimos até aqui – a geometria fractal e suas primeiras aparições em Mil Platôs, o pensamento da diferença de Deleuze e a cartografia, servem como bagagem para o leitor e, como não poderia faltar, para Palomar atravessar novamente a discussão. Inclusive, Palomar talvez se perca novamente diante de novos conceitos. Talvez se irrite, sofra com o não entendimento de uma ou outra parte. Mas sem dúvida se sentirá *um pouco* mais seguro com o que já

experienciou. Fato é que agora ele não está mais na praia, e sim no topo de seu terraço, em sua casa na cidade.

Do alto de seu terraço, Palomar observa a cidade. Vê a calçada, e logo percebe que são calçadas entre calçadas. Para seu vizinho que atravessa a rua, a calçada tem a função de ancoradouro de uma breve travessia entre duas faces da rua. Para a senhora que caminha a passos lentos manietando seus netos para que não atravessem a rua, a calçada é a referência de limite para o corpo do outro, que outrora foi o limite a ser ultrapassado por si mesma em sua juventude. Para o carro e seu motorista que espera o sinal abrir, há uma relação de interdito absoluto: nessa configuração, o motorista jamais pode se permitir experimentar seu corpo-carro sobre a calçada. Corpo-carro? Palomar percebe que está em pleno ato de pensar. Segue seus raciocínios irracionais. Se o motorista estacionar a alguns centímetros do meio-fio, sair do carro e dar dois passos, a realidade é totalmente diferente e a calçada torna-se terra fértil para alguma outra coisa. Já o chaveiro em seu pequeno *trailer* estacionado mais adiante funciona de outra maneira, trabalhando com pequenos pedaços de metal que, diante de um padrão de curvas insculpido em seu corpo, tem o poder de abrir a propriedade privada, uma das maiores invenções do ser humano. Quanto poder, pensa Palomar! Mas logo se confunde ao observar a agência bancária, algumas quadras adiante, e ver a figura de um homem, atirado no meio-fio, trajando por sobre suas roupas um cobertor de lã, ao ponto de confundir se aquilo é uma grande roupagem ou uma coberta para o corpo. Se antes Palomar pensava: é a onda que me subjetiva, ou é eu quem subjetivo a onda? Agora pensamos: é a calçada e a rua que os subjetiva, ou são eles quem subjetivam as calçadas e as ruas? Não dá muita atenção para o homem, e segue sua observação.

Percebe outros tipos de vida que ali transitam. Formigas trafegando entre os craquelados dos ladrilhos, aranhas tecendo teias nas arestas dos portões, possíveis ratos pelos bueiros subterrâneos, tantos corpos invisíveis, tantas formas de vida que acabam compondo um ecossistema mais complexo que aquele que passa na TV, em seus documentários que gosta de assistir sobre a fauna e flora da floresta amazônica. Ao menos essa complexidade era o que lhe atingia naquele momento, já que não conseguia parar de pensar sobre essas maneiras de compor as formas e forças de vida que ali habitavam. Formas, forças e fluxos, pois cada um desses elementos heterogêneos, quando percebidos em seu pensamento,

expressam uma energética-semiótica diferente. Material cartográfico. Lembra-se de sua entrada ao mar e de como isso mudou completamente suas análises. Lembra-se que sempre se parte de uma terra, e que os processos de dimensionalização dos componentes de meios compõem um território existencial. Não está mais diante de um mar, mas sim um mar de vidas humanas e inumanas e sulcos urbanos. Naquele momento, seu território existencial envolvia seu terraço. Pensa em quem todos que estão lá embaixo.

Nada de tudo isto pode ser visto por quem move os seus pés ou as suas rodas sobre as calçadas da cidade. E inversamente, cá de cima tem-se a impressão de que a verdadeira crosta terrestre é esta, desigual mas compacta, mesmo se é sulcada por fracturas que não se sabe quão profundas são, ravinas ou poços ou crateras, cujas orlas em perspectiva parecem estar próximas umas das outras como escamas de uma pinha, e não nos ocorre nem sequer perguntar que coisa escondem lá no fundo, porque já tanta e tão rica e variada é a vista que se tem em superfície, que chega e que sobra para saturar a mente de informações e de significados. Assim, pensam os pássaros, ou pelo menos assim pensa o Senhor Palomar. “Só depois de ter conhecido a superfície das coisas – conclui – nos podemos aventurar o que está por baixo. Mas a superfície das coisas é inesgotável”. (CALVINO, 1994, p. 33).

Retomando Lapoujade, remontar para além do fundamento é sempre navegar por sua superfície fractalizada. Por isso, a tarefa torna-se inesgotável, como conclui Palomar. Sua observação do telhado explicita o quanto as subjetividades envolvidas na cena estão em movimento e se relacionam de maneiras impensáveis umas com as outras – até que devêm pensáveis, se acomodam na cesta do pensamento. Sua microanálise já age a partir da diferença, e, como na foto da onda, percebe que até a mais imóvel das expressões se movimenta de alguma maneira. Guattari nos auxilia com uma definição provisória de subjetividade:

No ponto em que nos encontramos, a definição provisória mais englobante que eu proporia da subjetividade é: “o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como *território existencial* autorreferencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva”. (GUATTARI, 1992, p. 19).

Quando Guattari diz que a subjetividade se faz coletiva, não quer dizer com isso que ela seja exclusivamente social (GUATTARI, 1992). Assim o faz, negando novamente qualquer relação de construção reducionista dicotômica entre sujeito/social. Tampouco é fabricada exclusivamente pelos matemas do inconsciente ou das fases psicogenéticas como postulado pela psicanálise estruturalista. A subjetividade é fabricada também

nas grandes máquinas sociais, mass-mediáticas, linguísticas, que não podem ser qualificadas de humanas. Assim, um certo equilíbrio deve ser encontrado entre as descobertas estruturalistas, que certamente não são negligenciáveis, e sua gestão pragmática, de maneira a não naufragar no abandonismo social pós-moderno. (GUATTARI, 1992, p. 20).

Para repensar os processos de produção de subjetividade, Deleuze e Guattari tiveram de redefinir a noção de inconsciente, ampliando-a e reposicionando-a frente à psicanálise. Foi o que fizeram exaustivamente nas séries *Capitalismo e Esquizofrenia* (*O Anti-Édipo* e *Mil Platôs*), conferindo ao inconsciente uma natureza de multiplicidade. O inconsciente, não mais se reduzindo a entidades intrapsíquicas ou significantes linguísticos, passa a envolver “as diversas dimensões semióticas e pragmáticas relativas a uma multidão de territórios existenciais, de sistemas maquínicos e de universos incorporais.” (GUATTARI, 2022, p. 256). O inconsciente deixa de ser teatro familiar e passa a ser usina, fábrica, produção de produção, constante ligação e corte de fluxos de energia. Ironizando o Isso (id) da segunda tópica freudiana, os autores abrem *O Anti-Édipo* da seguinte maneira:

Isso funciona em toda parte: às vezes sem parar, outras vezes descontinuamente. Isso respira, isso aquece, isso come. Isso caga, isso fode. Mas que erro ter dito o isso. Há tão somente máquinas, em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões. Uma máquina-órgão é conectada a uma máquina-fonte: esta emite um fluxo que a outra corta. O seio é uma máquina que produz leite, e a boca, uma máquina acoplada a ela. (DELEUZE e GUATTARI, 1972, p. 11).

A partir daí a esquizoanálise ganha uma autonomia conceitual, instaurando um plano de composição teórico-prática articulado ao da filosofia da diferença, mas permitindo-se problematizar e refletir sobre outra concepção de inconsciente, como se mostra. Este inconsciente esquizoanalítico não é uma reificação ou glamourização dos processos psicopatológicos psicóticos, como a esquizofrenia, mas uma abertura e aproximação de “todas as variedades possíveis de esquizos subjetivas – do amor, da infância, da arte...” (GUATTARI, 2022, p. 256). No lugar dos complexos freudianos, entram em cena os agenciamentos maquínicos enquanto “*locus* de transformações internas e de transferências entre níveis pré-pessoais [...] e pós-pessoais, que hoje em dia poderiam ser globalmente qualificados como midiáticos” (GUATTARI, 2022, p. 256). A noção de agenciamento quer destituir a ideia dominante de humanidade e de humanidade *a priori*, como deseja o humanismo moderno.

Pois bem, os agenciamentos maquínicos articulam diferentes elementos e enunciam a realidade, criando-a ao passo que a expressam. É como a descrição da onda de Palomar, em que as maneiras de observar a onda acabam subjetivando Palomar, e vice-versa. Poderíamos realizar uma análise da produção de subjetividade através de um prisma psicopatológico psicanalítico, destrinchando sua estrutura psíquica atravessada por uma neurose obsessiva, mas não foi o que fiz até aqui. Sistemas de representação, de organização do pensamento, marcados por uma história da filosofia ocidental atravessam Palomar. Em seguida, em seu terraço, percebem-se algumas nuances do capitalismo que atravessa as relações compostas dos encontros entre-calçadas.

A unidade real mínima não é a palavra, a ideia ou o conceito; nem o significante, mas o agenciamento. É sempre um agenciamento que produz os enunciados. Os enunciados não têm por causa um sujeito que agiria como sujeito da enunciação, principalmente porque eles não se referem aos sujeitos como sujeitos do enunciado. O enunciado é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, as populações, as multiplicidades, os territórios, os devires, os afetos, os acontecimentos. (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 65).

O agenciamento sempre articula elementos heterogêneos: a calçada, a percepção sobre a calçada, o homem atirado no meio-fio, a avó e seus netos, o terraço. Cada composição maquínica pode ser iterada *ad infinitum*: o cobertor do homem no meio-fio é feito de lã, cujas ovelhas são criadas em adjacência à cabeças de gado, que futuramente serão abatidas por uma multinacional da indústria de carnes. Se na passagem acima de Deleuze e Parnet a unidade mínima é o agenciamento, é porque ele expressa seu movimento do devir a partir de suas dobras – a menor unidade da matéria, como já discutido neste trabalho. A ligação entre tais elementos heterogêneos não é hierárquica nem arbórea, estabelecendo ligações diretas; sua relação é rizomática, sempre deslizando pelas margens e fronteiras do campo social.

Ainda não quero ir tão longe: voltemos à subjetividade, ao que lhe é anterior, e à esquizoanálise, para em seguida criar um entendimento sobre os modos de funcionamento dos agenciamentos maquínicos e onde funcionam os processos de fractalização, a partir das experiências de Palomar. Mas mantenhamos a imagem-cidade viva em nosso pensamento, em atrito e na fronteira com os conceitos e teoria, ao passo que avançamos.

Na primeira observação de Palomar, o que estava em jogo eram as ondas. Não há dúvida de que as ondas definitivamente não são formadas do mesmo "tipo"

de coisas que uma pessoa. Deleuze e Guattari, em *Mil Platôs*, definem o conceito de estrato. A estratificação “consiste em formar matérias diversas, a fazer entrar multiplicidades moleculares em conjuntos molares estruturados que as codificam.” (LAPOUJADE, 2015, p. 207). Três grandes estratos da Terra são definidos: o estrato geológico, o estrato orgânico, e o estrato antropomórfico (ou aloplástico). Cada “coisa” pertencente a cada estrato dança com sua “invariância relativa de sua organização, mas tal invariância varia segundo os estratos” (LAPOUJADE, 2015, p. 210), diferenciando-se a partir de sua relação intrínseca entre seu conteúdo e sua expressão. Para o estrato geológico, o exemplo é o do cristal: “O que o cristal repete em seu crescimento é a estrutura da camada precedente.” (LAPOUJADE, 2015, p. 210). Evidenciando a similaridade entre a expressão e o conteúdo, a estrutura do cristal é a expressão macroscópica de uma ordem metaestável microscópica, o que define um tipo de repetição próprio ao estrato geológico. O mesmo acontece com as ondas, conforme descobriu Palomar em suas observações. As micro-ondas e as macro-ondas possuíam uma relação de ampliação umas com as outras, característica de fractalização a partir de uma quase perfeita homotetia⁹, cuja “perfeição matemática” de completa simetria de escala só é desviada pela dose caótica da natureza criadora. Os cardumes de peixes, a invasão de camarões em específicas épocas do ano, a migração das tartarugas, ou mesmo o desenvolvimento das algas marinhas irão afetar o balançar das ondas. Mas este já seria outro estrato, o orgânico.

No estrato orgânico a expressão “se libera relativamente do conteúdo das matérias formadas. [...] Trata-se sempre de exprimir uma invariância, mas a expressão não é mais amplificação [...], é reprodução” (LAPOUJADE, 2015, p. 211). O exemplo dado é o da genética, em que poderão haver modificações, aumentando a possibilidade de atingir limiares de desterritorialização: mutações genéticas, por exemplo, ou adaptações (evolucionismo) que se dão em contato com o exterior (ambiente). Mas ainda aqui a expressão é dependente do espaço e das substâncias formadas.

É no estado antropomorfo (ou aloplástico) que há uma grande virada. A nova forma de expressão, a linguagem, “se desprende das substâncias formadas,

⁹ A homotetia é uma ação/propriedade geométrica em que uma figura sofre aumento ou diminuição de tamanho, mantendo suas outras características de forma e ângulos. Em outras palavras, é uma atualização da visualização da figura em outra escala.

dos conteúdos, e se torna um código capaz de traduzir tudo, de repetir tudo.” (LAPOUJADE, 2015, p. 211). Reencontra-se a dupla articulação conteúdo/expressão, mas neste estrato

os conteúdos se *ordenam* e compõem corpos sociais, mas do outro, as expressões *organizam* os corpos através de seus “atos” enunciativos. Desde *Lógica do Sentido*, sabe-se que a linguagem não é separável dos corpos que fala. Ela não dá forma aos corpos (os corpos têm sua forma própria); transforma-os corporalmente através do sentido que lhes atribui. (LAPOUJADE, 2015, p. 220).

Lapoujade ainda complementa que “A linguagem não só codifica, mas está sempre desterritorializando e reterritorializando os corpos sociais.” (LAPOUJADE, 2015, p. 220). Daí vem a pretensão não-estruturalista: a linguagem não é fechada sobre si mesma. Por isso o investimento pesado dos autores em uma “filosofia das multiplicidades”. Os estratos não podem ser pensados separadamente, tampouco a ideia de um sobreposto ao outro é suficiente. Os estratos transbordam entre si, o geológico invade o antropomórfico e o orgânico. Vejamos Palomar: a terra usada para criação de ovelhas que dá a lã para o cobertor do homem no meio-fio é atravessada pela criação extensiva de gado; o gado, por sua vez, sofre alterações genéticas para que engorde mais rápido, o que também afeta a plantação do pasto que o alimenta. A devastação das terras para essa criação instaura uma monocultura, esterilizando o solo e sendo fator contribuinte para queimadas em áreas vulneráveis. Todas essas maquinações são agenciadas entre os estratos, o que faz com que “os agenciamentos continuam pertencendo aos estratos, pelo menos por um aspecto”, formando a primeira divisão de todo agenciamento: “por um lado, agenciamento maquínico, por outro, e ao mesmo tempo, agenciamento de enunciação”. (DELEUZE e GUATTARI, 1980c, p. 233). Em cada caso, os agenciamentos, operando entre os estratos já “estratificados”, são criados através da criação do território, por meio dos ritmos que são dados aos fragmentos heterogêneos descodificados de todo tipo – encarnando ritornelos dos mais diversos.

Estes ritornelos repetem o que já está estratificado, mas também possuem vetores de desterritorialização. Esta é a outra face do agenciamento, que o arrasta e o transborda para outros agenciamentos, podendo vir a constituir novos estratos. No exemplo do homem que morava na calçada de onde Palomar observava, é possível identificar estratos bem definidos: a pedra da calçada, o funcionamento biológico dos humanos e dos animais na cena, os aspectos cognitivos envolvidos

na observação, o clima de frio que pairava. Mas vejamos: até o frio faz agenciamento! Até o frio é máquina capaz de compor um território, e de, a partir de novo agenciamento, desterritorializá-lo em seguida. Vitor Ramil pensa a estética do frio (RAMIL, 2015), e em uma canção nos conta a história de Joaquim¹⁰, um pelotense exímio inventor de aviões cujas ideias são barradas pelos órgãos da aviação nacional.



Figura 16: Joaquim, Elda e o avião “Cidade de Pelotas”.

Fonte: CAZARRÉ, 2018.

Expulso de colégios em sua infância e adolescência, Joaquim reformou uma pequena oficina e levou para lá “seus livros, seus projetos / Sua cama e muitas roupas de lã / Sempre com frio, fazia de tudo / Pra matar esse inimigo invisível” (RAMIL, 1987). Um dia, em dezembro de 1937, foi preso após ser visto pela última vez gritando na rua: “Ao porco tirano e sua lei hedionda / Nosso cuspe e o nosso desprezo!” (RAMIL, 1987). Segundo De Peres (2009), esta é uma referência que Ramil evoca para falar dos autores, intelectuais, políticos e artistas perseguidos politicamente pelo governo Vargas. Na prisão, Joaquim projetaria sua maior obra:

¹⁰ A música é construída na mesma melodia da canção Joey, de Bob Dylan e Jacques Levy.

um avião. Saiu da prisão enquanto o mundo ardia na Segunda Guerra Mundial, e os guardas queimaram todos seus projetos. “Ele apenas riu e se foi”. De volta em Pelotas, finalmente construiu seu avião e sobrevoou a praia do Laranjal. Eventualmente, Joaquim da Costa Fonseca Filho, o Joquim, foi com sua companheira, Elda Neutzling Fonseca, ao Rio de Janeiro solicitar a Salgado Filho, ministro da Aeronáutica em 1943, uma licença para construir mais e mais aviões. A viagem durou treze horas e teve quatro escalas. Passou em todos os testes e entrevistas, mas sua licença nunca chegou. Com sucessivas decepções, Joquim entrou em profunda crise depressiva, para em seguida voltar com “a força triplicada, por tudo que passou”. Deflagrou campanhas e protestos contra os poderosos, até que foi alvejado por homens estranhos:

Os assassinos fugiram num carro
Que como eles nunca se encontrou
Joquim cambaleou ferido alguns instantes
E acabou caído no meio-fio
Ao amigo que veio ajudá-lo, falou
Me dê apenas mais um tiro por favor
Olha pra mim, não há nada mais triste
Que um homem morrendo de frio...
Joquim
Joquim
Nau da loucura no mar das idéias
Joquim
Joquim
Quem eram esses canalhas que vieram acabar contigo?
(RAMIL, 1987)

O homem da história de Palomar que jazia na rua é Joquim. O cobertor, naquele momento, é uma entrada em seu território. Não evoco Joquim enquanto personagem conceitual para exaltar a meritocracia e seu esforço em construir aviões, tampouco para colocá-lo em um patamar de figura a ser seguida. Ao se encontrar com Palomar, Joquim nos envolve, em meio a imagem-cidade, em uma experimentação direta com uma ontologia fractal. Seus aviões e suas invenções estão ali, de alguma maneira, condensadas no presente após uma longa história de guerra e de denúncia contra os poderosos donos das patentes dos aviões. Alguém morre, alguém mata – e, como canta Vitor Ramil, não há nada mais triste que um homem morrendo de frio. É Joquim quem está prestes a morrer; mas o que está prestes a morrer com ele? Ou ainda, o que nos expressa, em nossa cartografia, seu processo de morte?

Escutam-se barulhos abafados, como fortes batidas de punho cerrado sobre uma mesa. Até descer de seu terraço, Palomar não entendeu direito o que estava

acontecendo, mas percebendo o rebuliço e se aproximando do homem, entende que tiros foram disparados. Tiros silenciados de dentro de um carro que passou, alvejando Joaquim. Quando vai tentar ajudá-lo recebe o pedido: me dê apenas mais um tiro por favor. O motor do avião fractalizado na pólvora do revólver. Os poderosos fractalizados no frio, o frio fractalizando uma resistência. Palomar inaugura um novo refrão, uma nova forma de repetir diferenças no ritornelo. Afinal, Joaquim, quem eram esses canalhas que vieram acabar contigo?

A morte – ou o que é expresso pela vitalidade na morte – de Joaquim é a morte de qualquer transcendência da linguagem sobre os outros estratos; do Complexo de Édipo sobre a constituição humana; de qualquer princípio de individuação sobre a multiplicidade da vida. A subjetividade se dá no meio entre este “enrosco”. Passa, de lá para cá, transformando corpos através de transformações incorporais geradas pelos agenciamentos coletivos de enunciação. Tais transformações desembocam, a partir da expressão um sistema semiótico, um regime de signos, e do conteúdo, um sistema pragmático, de ações e de paixões (DELEUZE e GUATTARI, 1980c). O corpo segue corpo, mas morre de frio. Palomar segue Palomar, mas agora conta a história de Joaquim. A pólvora segue sendo uma composição de materiais químicos, e o disparo do tiro uma reação físico-química – face do agenciamento que trabalha dentro dos estratos –, mas o assassinato de Joaquim e encontro com Palomar é agenciamento de enunciação que cria novos universos, inaugura novos estratos, transbordando-os.



Figura 17: transbordamento dos estratos.

Fonte: ESCHER, Day and Night, 1938.

Já é possível experimentar uma outra concepção de subjetividade, dessa vez junto de Rolnik:

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação ou de semiotização não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, ou seja, sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagem e de valor, modos de memorização e de produção de idéias, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos e assim por diante). (ROLNIK e GUATTARI, 2005, p. 39)

A partir dessas conceituações e desse complexo arsenal teórico, temos condições de pensar em como a esquizoanálise fará a análise do desejo. Como diz Hur, “a esquizoanálise mostra que o desejo, tal como a força, o devir, transita, passa. Não é substância que se limita a uma pessoa, grupo, ou objeto” (HUR, 2022, p. 64). É por isso que ao desejo nada falta, ele é usina, produção do real. Dessa maneira, a questão acerca de *quem subjetiva quem* perde a funcionalidade em uma análise, tornando-se um falso problema. O que passa a ser a questão é *como* funcionam essas conexões, conjunções e disjunções entre os fluxos maquínicos, e como eles se agenciam transversalmente uns com os outros, produzindo o desejo e sendo produzido por ele. A subjetividade acaba sendo um resultado residual da produção, deixando a nós somente um rastro de sua passagem e de seu movimento. Estes rastros e restos são pistas importantíssimas na cartografia.

Somos puramente funcionalistas: o que nos interessa é como alguma coisa anda, funciona, qual é a máquina. Ora, o significado ainda pertence ao domínio da questão “o que isso quer dizer”?, é esta questão mesma enquanto questão interdita. Mas para nós o inconsciente não quer dizer nada, a linguagem tampouco. O que explica o fracasso do funcionalismo é que tentaram instaurá-lo em domínios que não são os seus – grandes conjuntos estruturados: estes não podem formar-se, não podem ser formados da mesma maneira que funcionam. Em compensação, o funcionalismo impera no mundo das micromultiplicidades, das micromáquinas, das máquinas desejanças, das formações moleculares. [...] O inconsciente é um micro-inconsciente, ele é molecular, a esquizoanálise é uma microanálise. A única questão é como isso funciona, com intensidades, fluxos, processos, objetos parciais, todas as coisas que não querem dizer nada. (GUATTARI, 1992, p. 33).

Para dar conta deste funcionalismo, aposta-se em um construtivismo conceitual a partir do que os fluxos, processos e intensidades convocam. É dessa maneira que comecei o trabalho, e retomo aqui, para finalmente provocar a *ontologia fractal*. Ao questionar sobre como se dão as estratificações, os agenciamentos, a composição de territórios existenciais a partir dos ritornelos, que produzem rochas, cristais, organismos vivos, homens, “e, entre os homens, ora índios, ora déspotas, ora capitalistas, ora nômades, músicos etc.”, sempre “se está lidando com [...] dobragens e linhas.” (LAPOUJADE, 2015, p. 206).

A ontologia, enquanto estudo do ser e de sua multiplicidade existencial, toma uma conotação muito mais abrangente a partir dessa maquinaria conceitual da filosofia da diferença e esquizoanálise. Em primeira instância, como já trabalhado nos outros capítulos, o ser se manifesta em seu devir e em sua constante mutação. Agora, com este estudo sobre os estratos, agenciamentos maquínicos, enunciações e produção de subjetividade, o ser passa a ser apreendido no duplo processo de auto-referência territorial – dentro de seus estratos, protegido em seus territórios – e, por outro lado, de seu processo de desterritorialização e transversalidade entre os agenciamentos, que transbordam os estratos – cada um agregando mais e mais elementos heterogêneos para os novos territórios. Esse jogo, essa dinâmica, esse andamento, essa produção do que envolve a realidade, esse ritornelo, é convocado por Guattari a ser pensado em termos de uma *ontologia fractal*. Retomo: “Aqui não seria necessário apenas evocar uma geometria fractal, mas também uma ontologia fractal. É o próprio ser que transmuda, germina, se transfigura.” (GUATTARI, 1992, p. 110). Ao mesmo tempo que se transfigura, se esforça para reter uma memória estroboscópica do que dura (no sentido bergsoniano de duração) em sua auto-referenciação territorial:

É aqui que eu gostaria de apresentar essa outra ideia de uma tomada de consistência fractal. Na realidade, a unidade do objeto é apenas o movimento de subjetivação. Nada é dado em si mesmo. A consistência só é obtida por um perpétuo vôo, como uma fuga mais adiante de um para-si, que conquista um Território existencial ao mesmo tempo que o perde, se esforçando para, no entanto, reter uma memória estroboscópica dele. (GUATTARI, 2019, p. 384)¹¹.

Isso quer dizer que não basta perguntar o que se repete, ou como se repete – como cada território e fronteiras são fractalizadas. Tampouco se trata do clichê “a

¹¹ Esta referência de Guattari é uma tradução realizada por Cristina Thorstenberg Ribas do livro *Cartografias Esquizoanalíticas*, capítulo “Ritornelos e Afetos Existenciais”, publicada pela autora em formato de artigo.

sociedade é o reflexo do indivíduo, e vice-versa”. Acredito que o que Guattari pretende ao utilizar a geometria fractal não é montar um modelo destes processos de singularização do ser a partir dos preceitos e algoritmos de tal geometria. Trata-se de captar a potência que tal geometria instiga no pensamento, como discutido no capítulo 4, que auxilia a pensar sobre a existência de tantos “sistemas energéticos, tantos modos de temporalização e de espacialização quanto sistemas autopoieticos, que afirmam suas próprias ordenadas, ao mesmo tempo em que posicionam sua própria existência.” (GUATTARI, 1992, p. 82). Cada território terá sua forma de se auto-posicionar existencialmente – função de tomada de consistência fractal – ao mesmo tempo que se abrirá e se conectará a outros agenciamentos, compondo ritornelos com novos horizontes móveis, não subjugados a um enquadramento gestáltico, a um fundamento, a um estruturalismo de qualquer espécie. Pelo contrário, sempre transitará entre novos planos de imanência fractais, que fará novos territórios, e que poderá se desterritorializar de outras formas... e assim consecutivamente.

Surge novamente a problemática dos dualismos, evocada em tantos dos conceitos de Deleuze e Guattari. O espaço liso e o espaço estriado, o pensamento da diferença e o pensamento da representação, a violência e a suavidade no pensamento, a fractalização dos agenciamentos “para dentro” e a desterritorialização transversal ou absoluta... são dualidades que desafiam qualquer polarização: “os dois mundos – das territorialidades contingentes e das transversais, fractais e desterritorializadas entidades – se sobrepõem e interpenetram? Isso seria muito simples!” (GUATTARI, 2012, p. 136, tradução do autor). Ou seja, é preciso entender como as repetições e fractalizações se abrem e se articulam a outros universos de referência, de que natureza é essa articulação e como são estes universos virtuais com potencial (ou não) de se atualizarem. Aprender a heterogênese destes territórios, quer dizer, quais os diferentes componentes que interagem e são agenciados a fim de dar movimento ao território desta ou daquela forma, com este ou aquele ritmo, com estas ou aquelas músicas, com estas ou aquelas emoções, sentimentos, morais, percepções, formas de pensar, de agir, de ser. Passamos a falar da ontologia fractal em uma práxis esquizoanalítica. Percebe-se as mínimas unidades que compõem as subjetividades, os fragmentos que a compõem, mas como estes fragmentos são móveis, nunca há subjetividade, e sim subjetivação. Não são partes de um todo,

como na relação Uno x Todo; são tribos que povoam planos em vias de fractalização, sempre em diferentes tipos de movimento, a depender do que está em jogo (heterogeneidade). A cartografia esquizoanalítica entra especificamente aí:

Nessas condições, a que se reduz a práxis analítica? Trata-se essencialmente de um trabalho de discernibilização e de intensificação dos componentes de subjetivação, de um trabalho de heterogênesse. E, ao mesmo tempo, de singularização de passagem ao ser e, conseqüentemente, de necessitação e de irreversibilização; trata-se então, simetricamente, de homogênesse territorial. Esse trabalho não é situado sob a égide de um corpus científico, mas sob a de catalisadores existenciais iguais em direito. (GUATTARI, 1992, p. 77).

Guattari deixa explícito aqui o que entende por uma cartografia esquizoanalítica. Por um lado, apreende-se os diferentes elementos que compõem o ser: sua heterogênesse. Mas, simultaneamente, sempre se parte de um chão para investigar os processos de pulsação do desejo no campo social, e, ao adentrá-lo, deve-se ter a prudência de não perdê-lo em práticas que adotem o caos pelo caos, a experimentação sem bordas, desterritorialização absoluta. Com isso, sempre se cria um novo território. *Cartografar é traçar um território*. A cartografia esquizoanalítica, a partir desse estudo sobre os processos de fractalização, diz de um construtivismo radical, amparado na rigorosidade e urgência do choque com o real.

À guisa de uma conclusão, nas cartografias esquizoanalíticas de Guattari a fractalização parece funcionar em duas situações. A primeira situação diz da fractalização que ocorre no território. Tudo corre bem, com ritornelo operando “intraterritorialmente”, até que algo acontece: um ritornelo se articula a outro.

Essa conclusão pode inferir que existem dois tipos de esquizoanálise: uma intraterritorial, e outra transterritorial. Dividir o olhar dessa maneira seria somente mais uma forma de dicotomização em nossa produção científica. Seria, em outras palavras, voltar ao problema da subjetividade individual x coletiva, mente x corpo, etc. Mas como já discutido, a ontologia fractal é evocada para mostrar que mesmo nos processos de fractalização intraterritoriais (processo de simetrização intrínseca), o objeto desterritorializado (movimento de subjetivação) sempre encontra ecos e reverberações para fora do território, sendo justamente essa nova leitura das dualidades – auxiliada pela primeira aparição dos objetos fractais, na discussão sobre espaço liso x espaço estriado – que caracteriza o território existencial (dimensionalização a partir dos componentes de meio).

Novamente, o problema agora para as cartografias esquizoanalíticas é o de entender este duplo processo que compõe os territórios. Para entender isso, faço uma síntese de dois momentos perceptíveis no processo de fractalização na composição dos ritornelos.

A primeira que evoca a categoria dos Universos de Referência, e trata da homogeneidade territorial, da consistência e da consolidação do território. É uma repetição mais próxima de uma homotetia fractal, ainda que tal homotetia completa seja impossível, visto que até no mais intenso dos buracos negros desejantes é possível haver uma fagulha de heterogeneidade – já que até mesmo os circuitos mais fechados são constituídos por elementos heterogêneos, o que permite uma ressingularização através de microfissuras nos universos de referência. Nesses casos, não se repete o mesmo, mas se cai em um círculo em que a complexidade do território é achatada, vítima de uma força centrípeta, forças microfascistas ou forças capitalísticas – cabe a nós cartografar. A homogeneidade aqui pode ser aproximada à *memória estroboscópica* que Guattari diz restar no processo de tomada de consistência fractal do território. Em suma, é o que “fica para trás” mas “empurra sem parar” no embate entre o espaço liso e espaço estriado, entre a violência gerada pela diferença no pensamento e a suavidade ao acomodar o que se arrebatou.

O segundo modo de fractalização diz de um eixo transversal que é traçado entre agenciamentos e que, através da *acontecimentalização* dos ritornelos (como no exemplo de Guattari sobre Proust¹²) e da formação de hecceidades, se abre para o mundo e para outras formas de povoar os territórios. É uma transversalização através de brechas nos ritornelos.

“Uma” subjetividade pode ser encontrada quando localizamos pontos de passagem entre essas duas dimensões e modos de fractalização: esta é a minha, a sua, a nossa subjetividade. “A subjetivação é uma interseção de pontos de vista enunciativos atuais e virtuais.” (GUATTARI, 2019, p. 394). As áreas psi tradicionais estariam satisfeitas aí. De fato, olhando para esses pontos de interseção já temos um tremendo material de análise, mas métodos como as cartografias esquizoanalíticas mostram como este ponto, se acompanhado seu movimento, é –

¹² Guattari (1992) dá o exemplo da transversalidade dos ritornelos em Proust, e como isso auxilia a pensar o Afeto enquanto uma força pré-pessoal elementar para se trabalhar na clínica, capaz de transitar entre territórios, articulando ritornelos e criando hecceidades. Esta passagem sobre o Afeto será trabalhada no próximo e último subcapítulo.

para usar uma expressão de Lapoujade (2015) – *de direito* uma ponte. Ponte que se fractaliza entre o fora, num eixo extrínseco e trans-monádico; e simultaneamente fractaliza para dentro, numa tomada de ser intrínseca ao território. Acontece que ao passo que as duas dinâmicas se desenrolam, dentro e fora não fazem mais sentido no limite da borda que as conecta, tal como nos objetos fractais. As “duas esquizoanálises” que comentei anteriormente dão espaço à uma esquizoanálise de ontologia fractal. O “uma” esquizoanálise, agora, passa a dizer de uma prática capaz de olhar para essa multiplicidade ontológica que compõe os processos de subjetivação, auxiliada em partes pela geometria fractal para que possamos pensar sobre isso.

Lembremos de quando Palomar começa a perceber a composição de sua rua e vizinhança. Pensando nisso, Guattari nos diz que:

A partir do momento que tais disposições cênicas, ou disposições de territorialização, ainda quando decidem persistir por conta própria, começam a transbordar fora do meu ambiente imediato e invocar procedimentos memoriais e cognitivos, eu me vejo tributário de uma Agenciamento de enunciação com múltiplas cabeças. A subjetivação individuada que, em mim, se permite falar na primeira pessoa já não é nada mais do que a interseção flutuante, o “terminal” consciencial desses diversos componentes de temporalização. (GUATTARI, 2019, p. 386).

Temos nessa passagem uma síntese deste subcapítulo: a produção de subjetividade a partir dos agenciamentos de enunciação que fazem transbordar os estratos. Qualquer tentativa de apreender uma forma de subjetividade é, na verdade, uma tentativa de enquadrá-la e retirá-la de sua posição de “terminal” que transita por componentes de temporalização. Também entra, nessa passagem, a questão do *tempo*, pouco explorada neste TCC, mas que terá uma breve passagem nestes momentos finais de discussão.

O ponto que quero trazer aqui, encerrando este subcapítulo, é que Guattari irá teorizar acerca destes dispositivos para cartografar os processos de subjetivação insistindo na ideia de ritornelo. Para tal, fará uma reinterpretação de um conceito caro para todas as áreas *psi*: o afeto. Foi o afeto que mobilizou este trabalho, e dentro do trabalho, fractalmente, foi o afeto de Palomar que possibilitou navegar pelos usos dos conceitos. Apesar de haverem outras reverberações nos campos teóricos aqui investigados, o afeto será nosso último conceito a ser explorado devido a sua capacidade de ser trabalhado, algo que podemos “manusear”. Palomar satiriza: do afeto viemos, ao afeto voltaremos.

5.3. Afeto, o combustível da ontologia fractal

A escolha da palavra *combustível* é minha, não constando no trabalho de Guattari menção a esta palavra. Saindo de uma concepção estritamente química, penso que um combustível é um fluxo que desencadeia a diferenciação de determinado sistema a partir do seu uso. Mas, assim como fez Guattari com o afeto, gostaria de retirar o combustível de um estrato unicamente antropocênico, e recolocá-lo sob o olhar de uma ontologia fractal. A gasolina que abastece o ônibus, a água que dá energia na hidrelétrica. Em seguida, o ônibus levará milhões de pessoas por dia para lugares e afazeres diferentes. Como o ônibus, as rodovias que os levam por entre o urbanismo da cidade, ou posteriormente a arquitetura dos diferentes locais de trabalho para propagar machismos, racismos ou outros tipos de violência? O próprio Sol, enquanto combustível para a singular organização do sistema solar, provendo à Terra a distância exata e condições para o surgimento de diferentes tipos de vida. Vamos além: o buraco negro no centro de nossa galáxia, fotografado recentemente, é combustível tanto para nossa curiosidade Palomarística, quanto para a organização de toda uma galáxia em seu entorno. Para Palomar, já foi combustível a onda e a curiosidade específica de padronização. Já foi combustível o encontro na cidade. Em cada situação, o afeto é combustível a ser trabalhado, agenciado, matéria viva para transformar as realidades, dependendo de suas composições e usos, evidenciando a ontologia fractal.

Vejamos então, para Guattari, o que é o afeto. Ele “não é modo algum o correlato passivo da enunciação, mas seu motor” (GUATTARI, 2019, p. 385), e assim o faz grudando “tanto na subjetividade de seu enunciador quanto ao de seu destinatário e, ao fazê-lo, desqualifica a dicotomia enunciativa: locutor-auditor.” (GUATTARI, 2019, p. 383). Ou seja, Guattari quer retirar do afeto qualquer concepção instintual, transcendental, até mesmo pulsional (reservada ao inconsciente psicanalítico), e posicioná-lo na ontologia fractal. O afeto não é uma coisa “do além”, mas sim um combustível imanente dos encontros. Logo, podemos e devemos trabalhar com o afeto. Gostaria de propor ao leitor um pequeno esforço para guardar em suas cestas do pensamento o que foi trabalhado até aqui: a geometria fractal – os espaços lisos e estriados – o pensamento – o pensamento da diferença e suas dobras – a cartografia e os movimentos aberrantes – a

cartografia esquizoanalítica sob uma hipertrofia da ontologia fractal. Neste capítulo, o afeto conceituado por Guattari nos fará retomar toda essa bagagem construída.

Pode-se experienciar o afeto a partir de um *eu* ou de uma subjetividade intrapessoal, mas acredito que Guattari quer dizer que estes terminais subjetivos são o equivalente a um espaço estriado, estriado por inúmeros agenciamentos coletivos de enunciação simultaneamente – através de uma relação de alteridade fractal *entre* os territórios. Combustível que transita e transborda nos diferentes estratos.

O afeto é assim, essencialmente, uma categoria pré-pessoal, estabelecendo-se “antes” da circunscrição de identidades, e que se manifesta por transferências não localizáveis do ponto de vista de sua origem e de seu destino. (GUATTARI, 2019, p. 384).

Transferências não localizáveis em origem e destino: já podemos inferir que Guattari irá acionar o conceito de fractalização. A novidade, nesse caso, é que o afeto evidencia ainda mais a dimensão criativa, ética, política e estética dos processos de fractalização. O campo psi tradicionalmente procura quantificar o afeto, ou então caracterizá-lo a um estado passivamente sofrido. Indo em contramão dessa concepção, Guattari coloca o afeto enquanto “o locus de um trabalho, de um práxis potencial” (GUATTARI, 2019, p. 392), dependente de duas dimensões conjuntas:

1 Um processo de dissimetriação extrínseca, que polariza uma intencionalidade em direção a campos de valor não discursivo (ou Universos de referência); esta “eticização” da subjetividade é correlativo de uma historicização e de uma singularização de sua trajetória existencial. (GUATTARI, 2019, p. 393).

Pensemos em Palomar. Nesta primeira dimensão, o afeto diz de uma tomada de consistência a partir de Universos de referência. Na imagem-onda, a referência de Palomar dizia de enunciados capazes de reduzir uma onda a sua menor unidade, para dissecá-la e, a partir daí, universalizar seu conhecimento para todos os outros fenômenos do mundo. Ou seja, havia uma ética naquele movimento de subjetivação, que envolvia observar fenômenos à distância, sem se envolver; tentar compreendê-los cartesianamente; encontrar regularidades para criar um modelo universalista... entre outros combustíveis que poderíamos descrever em imagens, poemas, músicas, sons. Enfim, quantos cenários forem possíveis de se apreender em uma tarefa cartográfica a partir de percepções hápticas. A segunda dimensão diz de

2 Um processo de simetriação intrínseca, evocando não apenas realização estética de Bakhtin, mas também a fractalização de Benoit Mandelbrot, e que consiste em conferir ao afeto uma consistência de um objeto desterritorializado e uma autonomização enunciativa auto-existencializante. (GUATTARI, 2019, p. 393).

Acredito que este ponto equivale a uma aposta da esquizoanálise na autonomia do afeto e da experimentação através dele para a criação de novos Universos de referência. Se a primeira dimensão fala sobre o percurso que o afeto faz *a partir* e *para* Universos de referência que interferem em sua produção, esta dimensão diz da capacidade do afeto de inaugurar um próprio Universo de referência em seu movimento, *entre* as referências. Um combustível pode explodir, resfriar e congelar, assim como pode fazer movimentar sensivelmente. Neste trabalho, apostei na experiência de Palomar. Palomar observou as ondas. Não demorou muito para conhecer a geometria fractal e adentrar o mar, encharcando o mar com novos afetos, e se encharcando de novas referências. Depois, experienciamos sua mutação subjetiva na cidade, e por fim ao encontrar Joaquim e explodir/implodir os territórios em heterogêneses. Isso quer dizer que até mesmo no mais cartesiano ou no mais positivista modo de subjetivação, haverá o afeto operando. Por mais que este modo se esforce para “anular” a potência do afeto, haverá algum movimento aberrante que evidenciará o movimento ético de criação de um mundo. É preciso cartografá-lo.

Na prática psi, não largamos mão da técnica, da ciência, de um conhecimento prévio que nos prepare para os encontros. Ainda assim, apostamos na capacidade do objeto desterritorializado (do movimento da subjetividade que estamos encarando, seja ela individual, coletiva, grupal... enfim, fractal) de se auto-organizar, criar seu próprio projeto ético territorial. Em outras palavras, permitir que o afeto aí inaugure, como num alisamento do espaço e do tempo¹³, novas formas de fractalização para concorrer com as demais.

Juntemos essas duas dimensões do afeto ao movimento de territorialização, desterritorialização e reterritorialização do ritornelo, e temos o que Guattari chama de *reiteração desterritorializante*. Talvez este seja somente um pseudônimo que

¹³ Esta é uma entrada para uma discussão sobre o alisamento e o estriamento do próprio tempo, assunto que daria, no mínimo, outro capítulo, quem sabe até outro TCC. Por ora, basta-nos entender que cada dinâmica instaurada entre as duas dimensões e os dois eixos do afeto e dos ritornelos criam ontologias fractais que também dizem de modos de experimentar o tempo, ou os tempos. Para aprofundamentos neste tema, há a obra de Pelbart e Prado Jr (1996) e o artigo de Hur (2013).

Guattari dá ao ritornelo, agora com a novidade do afeto. O autor complementa ainda mais esse plano conceitual, dizendo que o ritornelo é igualmente efetuado ao longo de dois eixos: um sincrônico e um diacrônico¹⁴. Esta reiteração desterritorializante é igualmente efetuada ao longo de dois eixos sincrônico e diacrônico, não mais localizáveis nem separáveis em coordenadas extensivas (ou seja, como Palomar pretendia com as ondas, enquadrando-as a um plano cartesiano sob diferentes fatores, numa lógica hierárquica), mas sim entrelaçadas em ordenações intensivas (ou seja, seguindo a lógica rizomática das intensidades e da experiência do afeto, que precede qualquer formação de identidade, de eu, de subjetividade). Os eixos são:

1 Ordenações intencionais de acordo com as quais cada território afetivo é o objeto de uma fractalização [...]. Eu entendo por isso que é por uma tensão incipiente, um “trabalho em progresso” permanente, que se renova, que adquire consistência, a “tomada de ser” do afeto; nenhuma de suas divisões, mesmo que sejam infinitesimais, escapam dos procedimentos de homotetia existenciais realizados, fora dos registros de extensividade discursiva, pelos ritornelos sensíveis e problemáticos. Não são apenas todos os ângulos espaço-temporais da abordagem que serão explorados e subsumidos, mas o conjunto (ou a integralidade) de pontos de vista de escala. (GUATTARI, 2019, p. 394).

Na experimentação com a imagem-onda, a tomada de ser do afeto girava em torno da observação visual e do pensamento representacional. O corpo respondia a isso, fazendo com que Palomar fizesse sua observação parado, de longe. Das ações corporais, passando pela forma de pensar, até a apreensão do fenômeno e a própria onda: por todas os pontos de vista de escala que o afeto circulasse haveria um processo de fractalização que consistia um “ser”, um território existencial naquele processo de subjetivação protagonizado por Palomar.

Sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia (sistemas não antropológicos). Sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagem e de valor, modos de memorização e de produção de idéias, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos. Em outras

¹⁴ Sincronia e diacronia são conceitos utilizados nos estudos da linguística, muito utilizados por Guattari, que o faz com pouca preocupação de introduzir ao leitor que não é da área. São dois eixos no qual a linguística se constrói, sendo o sincrônico o eixo do estado atual, e o diacrônico o eixo das evoluções. Por exemplo: o primeiro eixo diz de uma linguagem como ela é hoje, sem ser de nosso interesse seu histórico de evolução e transformação. O segundo eixo diz de um estudo sobre o que se passou na história de uma linguagem e quais foram as contingências de suas transformações. Guattari diz que o ritornelo opera nos dois eixos simultaneamente e intensivamente, para em seguida especificar cada funcionamento.

palavras, todos os componentes que compõem um território existencial estão presentes fractalmente no ser, mesmo que no infinitesimalmente, naquele limite quase imperceptível.

Não de forma categorizável, mas de forma intensiva. Não através de pontos e retas, mas através de linhas e velocidades. Não através de identidades e subjetividades, mas através do afeto e de sua diferenciação, e do movimento desterritorializante reiterativo da subjetivação. O outro eixo deste movimento diz o seguinte:

2 Um eixo trans-monádico, ou eixo de transversalidade, que confere um caráter transitivista para a enunciação, fazendo-a derivar constantemente de uma Territorialidade existencial para outra, ao gerar, a partir desta, datas e durações singularizantes. (Mais uma vez o exemplo privilegiado aqui é o dos ritornelos proustianos). (GUATTARI, 2019, p. 394).

A derivação entre os territórios depende de ritmos e velocidades, frutos de intensidades. Na imagem-onda, a transversalidade que cortava os agenciamentos dos territórios habitados por dava voltas em si mesma, proporcionando uma rigidez territorial. Ainda assim, havia fractalização. Novamente – e por uma última vez – proponho um retorno às imagens fractais geradas pelo computador, para trazer novas imagens ao pensamento cartográfico esquizoanalítico que tento construir na finalização deste trabalho:

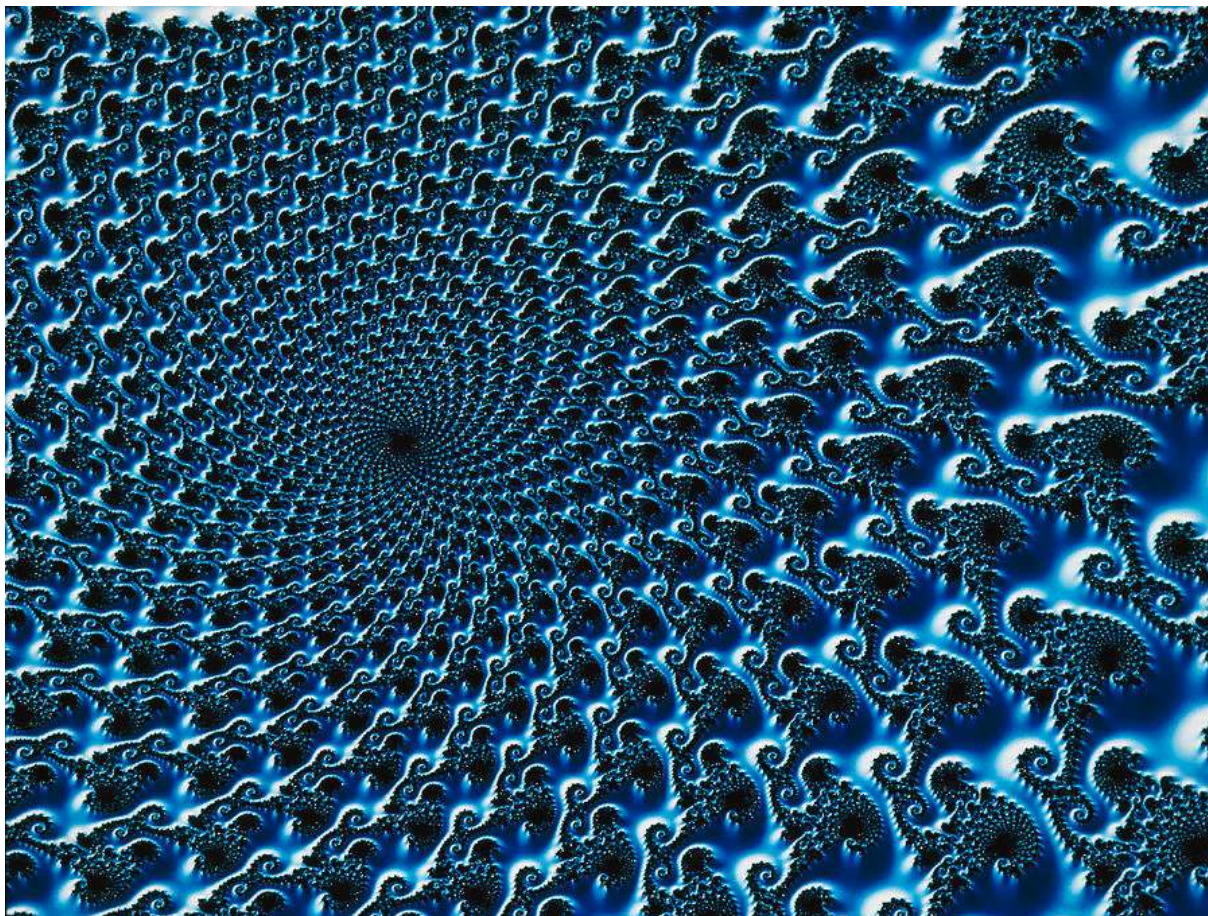


Figura 18: Palomar na imagem-onda, observando de fora.

Fonte: iteração via software do conjunto de Mandelbrot.

Vários componentes de meio podem ser pensados, além dos já citados referentes ao seu modo de pensar: o corpo marcado por uma masculinidade, a cor de pele, o lugar onde estava situada aquela praia, a poluição na água, a roupa que estava utilizando, o material da roupa, a maneira como a roupa foi fabricada. O que provocou a diferença? Foi sua visão? Sua vestimenta? Sua entrada no mar? Seu encontro com Joquim? Foram os Universos do mar, da calçada, dos aviões que passaram a compor suas referências? Tudo isso e nada disso especificamente, ao mesmo tempo. Cada um destes elementos heterogêneos e Universos de referência podem ser pensados como habitantes nas fronteiras dos objetos fractais da figura 18. Um pensamento sem imagens, potencializado através de uma imagem com infinitos fractais. O que percebemos, ao cartografar na imagem-onda, é que estes elementos atuam, em todas as escalas, para um processo de subjetivação homogeneizado (tanto espacialmente quanto temporalmente).

Quando Palomar entra na água, percebemos uma intensa modificação no ritornelo:

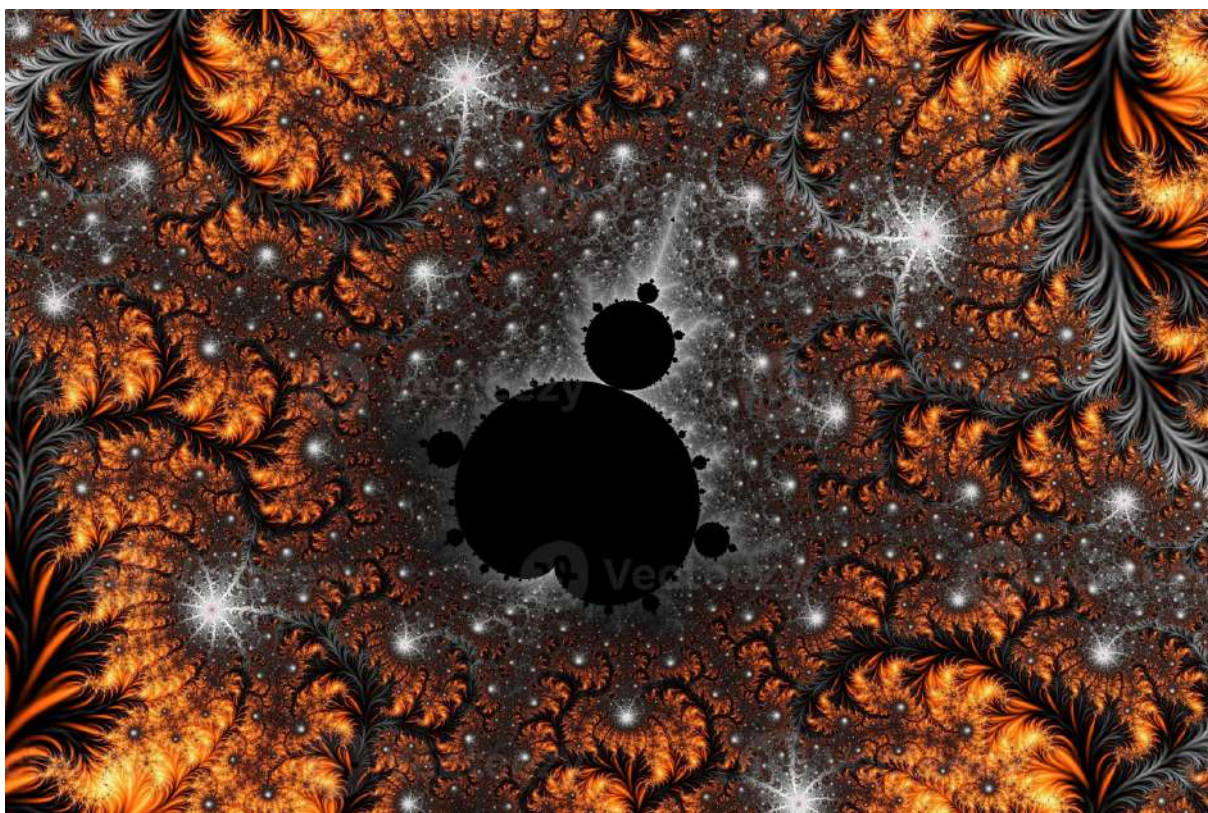


Figura 19: Palomar na imagem-onda, adentrando a água.

Fonte: iteração via software do conjunto de Mandelbrot.

Não sabíamos se Palomar iria ceder à ética de suas referências cartesianas, e o puxariam novamente para um movimento centrípeto (cardióide escuro ao centro do plano fractal da figura 18, sem bordas nem fronteiras). De qualquer maneira, apostamos no afeto e na experiência fronteiriça.

Avançamos para a imagem-cidade. Palomar, passado por algumas experiências, já olha para a cidade com outro olhar, atenção e pensamento. Já discutiu sobre a geometria fractal, sobre o pensamento da diferença e já tem uma ideia de que existe um método chamado cartografia. Olha para a cidade, mas ainda olha do topo de seu terraço:



Figura 20: Palomar na imagem-cidade, do topo do terraço.

Fonte: iteração via software do conjunto de Mandelbrot.

Apesar de estar no topo do terraço, vemos que há algumas intensidades e velocidades diferentes no centro do plano. São curiosidades, intuições, “pugas atrás da orelha” que passaram a compor a subjetivação de Palomar, devido à antigas atualizações. Sua descida à rua foi por curiosidade? Não sabemos. Fato é que, ao aproximar-se do homem estirado ao chão, coberto e com frio, o território foi radicalmente transformado. Os eixos trans-monádicos e transversais potencializam-se com uma intensidade que articulou o território até então protagonizado pela experiência de Palomar para a vida de Joaquim, um construtor de aviões taxado como comunista e assassinado por seu brilhantismo e ameaça aos órgãos responsáveis pela aviação na Pelotas do século passado. Todos estes agenciamentos enunciativos embalaram o ritornelo para um cenário completamente diferente:

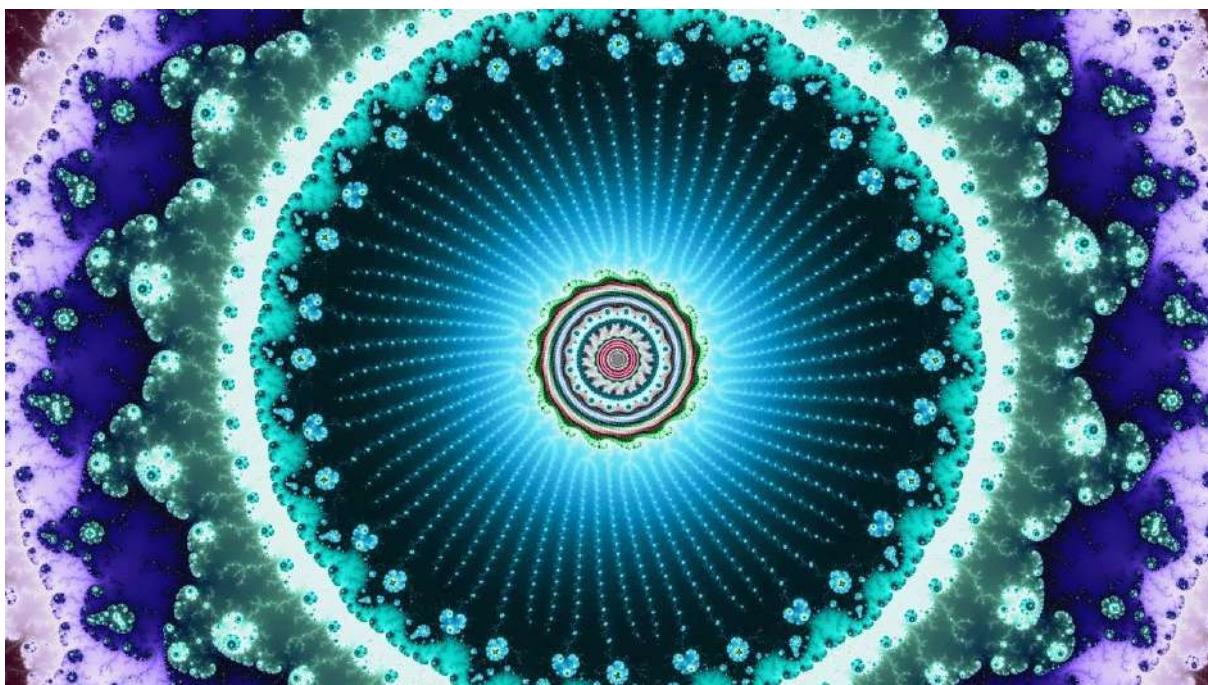


Figura 21: Palomar na imagem-cidade, no encontro com Joquim.

Fonte: iteração via software do conjunto de Mandelbrot.

Onde está Palomar? Onde está Joquim? Onde está a onda, o mar, a cidade, o avião? Um pouco em cada fronteira de cada objeto fractal em cada um dos planos, cada vez de maneira diferente. Ao mesmo tempo, mas nunca *no mesmo* tempo.

Retomo: na produção do desejo, não há origem nem fim, somente entre. As repetições e os movimentos aberrantes nos dão pistas a serem seguidas, mas somente isso, pistas. Essas pistas não são de alguém, não pertencem à uma (id)entidade. Tampouco a “um” território, a menos que entendamos o mesmo como uma multiplicidade fractal. Território que, ritmado por ritornelos, não cessa de trabalhar com os dois eixos simultaneamente. Os dois eixos descritos acima, junto das duas dimensões do afeto, são como um *upgrade* na ideia de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. São ferramentas conceituais, utilizando-se da geometria fractal, para criarmos novas imagens complexas de como se desenvolvem os “entres” de cada movimento territorial.

O afeto é integralmente *insight* e *outsight*, dentro e fora, paradoxo fractal. Não é um fator, não é sequer algo “multifatorial”, para usar um jargão científico. A concepção de fatores dizem de um pensamento representacional. Afeto é matéria desterritorializada de enunciação com a qual se pode trabalhar e dobrar. O afeto

mostrará o elemento analisador em cada situação. Mas este elemento afetivo, gérmen de novo mundo, não deve ser encarcerado, como um passarinho em uma gaiola, e sim ser liberado para um vôo estroboscópico para que possamos acompanhar sua trajetória – intra e transterrotorial. “Não no estilo dos psicanalistas tradicionais, isto é, dizer, à força das identificações modelizantes e das integrações simbólicas, mas distribuindo suas dimensões ético-estéticas através da mediação dos ritornelos” (GUATTARI, 2019, p. 395). Por isso, Guattari diz que a análise tem tudo a ganhar com a ampliação de seus meios de intervenção: com a palavra, mas também com a argila, vídeo, cinema, teatro, desenho, estruturas institucionais, interações familiares, etc.

De maneira sintética, tudo o que permite aguçar as facetas a-significantes dos ritornelos que encontra e de maneira que esteja em melhores condições de serem estimuladas suas funções catalíticas de cristalização de novos Universos de referência (função de fractalização). (GUATTARI, 2019, p. 396).

Pelos argumentos apresentados é que a cartografia renuncia ao paradigma cientificista, e situa-se num paradigma ético-estético-político, assumindo e implicando-se na criação de mundos para se habitar. Uma importante observação a ser feita aqui é que não existe território certo ou errado, melhor ou pior. As fractalizações e os ritornelos não dizem de moralizações sobre a vida, e os conceitos tampouco são morais por si só. Tratam-se de conceitos para nos auxiliar a apreender os movimentos do desejo, singularmente em cada situação.

Pierre Lévy dirá que toda essa maquinaria teórico-conceitual, que chama de plissê fractal, prolonga-se em duas direções. Primeiramente, para uma filosofia da significação:

o signo pode se dobrar de mil modos [...]. É o mesmo que dizer, com Félix Guattari, que existem tantas semióticas (de estilos de dobras significantes) quantos agenciamentos de enunciação. Músicas, cidades, rituais, tatuagens, signos plásticos ou cinematográficos, imagens infinitamente difratadas da rede midiática, máquinas de escrita em abismo dos softwares, imaginários plurissemióticos em ato, universos existenciais... (LÉVY, 2003 p. 35).

e secundamente numa ética,

Agindo efetiva ou empiricamente, fazemos emergir um horizonte de sentido historial, um imaginário instituinte, um universo existencial ou incorporal. Temos certamente de responder pelas conseqüências materiais de nossos atos, mas também pelas matrizes de significação que ajudamos a transmitir, consolidar, edificar e destruir. (LÉVY, 2003, p. 36).

Por fim, para adentrarmos as conclusões deste trabalho, Lévy (2003, p. 36) nos orienta com alguns questionamentos. Que atitudes mantemos com o

transmundo? Mantemos livre a possibilidade de emergência de novos agenciamentos de enunciação? Favorecemos ou restringimos a produtividade ontológica? Mantemos as dobras em seus acontecimentos e movimentos aberrantes, ou trabalhamos para endurecê-las em oposições, estratos pré-concebidos, substâncias? Escolhemos as individualizações sempre capazes de receber novas dobras ou as individualizações rígidas e fechadas?

Se a ontologia fractal enquanto um metamodelo nos auxilia a pensar em ferramentas e conceitos para experienciar o mundo e apreendê-lo em suas fractalizações, o afeto é nosso “ás na manga” com o qual podemos trabalhar efetivamente numa práxis: seja ela clínica, sob a égide dos campos psi, seja ela de arquitetos, urbanistas, historiadores, matemáticos, enfim, todos aqueles que reconhecerem a inseparabilidade e o vulcão ético-estético-político que há na fronteira entre pensar no mundo/agir no mundo.

6. Conclusão

Este trabalho foi um esforço para cartografar o conceito de fractal em diferentes disciplinas: na matemática, filosofia e psicologia. Para tal tarefa, apostei na experimentação conceitual através da criação de personagens conceituais, fractalizados na figura Palomar. A pesquisa se inicia com uma apresentação à geometria fractal, e logo adentro na sua primeira aparição na filosofia da diferença e esquizoanálise de Deleuze e Guattari. Em seguida, para “acomodar” esta nova maneira de perceber o mundo – uma primeira leitura de uma ontologia fractal, ainda prioritariamente embasada na matemática – discuto sobre o pensamento da diferença, e como esta discussão pode nos ajudar a repensar o ato de pensar, comumente tido como algo natural e bem estabelecido. “Como pensar sobre tudo isso?” foi a pergunta balizadora. Fazendo esta articulação, é visto que há no pensamento da diferença e na geometria fractal propriedades conectáveis, em que uma ajuda a pensar a outra, e, conseqüentemente, pensar sobre a produção da vida em toda sua complexidade.

A cartografia enquanto um método das ciências humanas é o terreno que ligou a ontologia fractal descrita até então à ontologia fractal utilizada nas cartografias esquizoanalíticas. Partindo de uma ontologia fractal para a apreensão de fenômenos como as ondas do mar, direcionei o trabalho rumo a uma ontologia fractal para a apreensão das produções de subjetividade e da circulação do desejo no campo social.

Se para Deleuze a vida biopsíquica “é uma questão de dimensões, de projeções, de eixos, de rotações, de dobras. Em que sentido, em qual sentido iremos? De que lado tudo vai pender, dobrar-se ou desdobrar-se?” (DELEUZE, 1969, p. 230), a aposta no aprofundamento e articulação da geometria fractal à esquizoanálise é justificada.

Ao sintetizar em 5 pontos o que foi trabalhado neste trabalho, acredito ter uma conclusão da cartografia do conceito de fractal e seus desdobramentos, mostrando que:

- 1) Todo fenômeno na natureza, por mais imóvel ou rígido que pareça, possui pelo menos uma linha evidenciando um infinito interno, capaz de ser acompanhado. Este acompanhamento, percebendo as pequenas ou grandes diferenças através da repetição própria de cada objeto fractal, é o que entendemos

como processo de fractalização. Para acompanhar estas linhas, é preciso manter-se sempre na fronteira do processo de fractalização, pois o próprio processo se desdobra na fronteira e a reinventa e a redistribui ao passo que se desenrola.

2) Para pensar sobre os processos de fractalização, foi feita uma aliança ao pensamento da diferença de Deleuze, já que as propriedades não-euclidianas da geometria fractal parecem servir para potencializar o pensamento na perspectiva da diferença. Os objetos fractais são imagens que desafiam a imagem do pensamento, com seus paradoxos de linhas infinitas e superfícies que tendem a zero; superfícies infinitas e volumes que tendem a zero; dimensões não-inteiras; tudo isso sem perder consistência e possibilitando a percepção de outros sentidos, muitas vezes paradoxais, sobre os fenômenos. Assim, se perdem os contornos bem definidos entre sujeito/objeto, individual/coletivo, dentro/fora, para dar espaço à lógica da diferença, como, por exemplo, dos espaços lisos e estriados.

3) A cartografia, sendo um método que acompanha a transformação de territórios e a produção de subjetividade, pode se beneficiar de tal maneira de ver o mundo, de tal complexidade ontológica. Na cartografia, a investigação da realidade deve ser feita através de um acompanhamento de percursos, implicação nos processos de produção de subjetividade, sempre situados em um espaço e um tempo. Este acompanhamento de percursos pode ser pensado como um acompanhamento de simultâneos processos de fractalização que, quando se conectam, deixam de ser puramente direcionais e passam a criar dimensões, configurando o que entendemos por territórios existenciais. Este processo de transformação dos territórios (des/re/territorialização) pode ser sintetizado no conceito de ritornelo.

4) Guattari dará um passo além com a utilização da geometria fractal na cartografia, nas cartografias esquizoanalíticas. Neste momento, a ontologia fractal passa a ser utilizada por ele diretamente como ferramenta conceitual para a apreensão dos processos de produção de subjetividade. A subjetividade, a partir da teoria dos estratos, máquinas e agenciamentos coletivos de enunciação, é entendida como um resíduo, um resultado de uma subjetivação. A subjetividade remete à lógica cartesiana/euclidiana, enquanto que a subjetivação remete à ontologia fractal. Isso quer dizer que qualquer indício de unidade imóvel do objeto é apenas uma característica de seu movimento de subjetivação – os processos de

fractalização, nessa subjetividade que parece fechada e homogênea, se esforçam para barrar os movimentos aberrantes. Uma das tarefas das cartografias esquizoanalíticas, então, seria a de discernibilizar e intensificar os componentes de subjetivação (humanos e não-humanos, linguísticos, geológicos, orgânicos, semióticos, econômicos, culturais, históricos, etc.) presentes nos territórios, compondo ritornelos. Acontece que, por estes componentes não serem “unidades”, e sim multiplicidades fractais, eles se repetem em várias escalas intraterritorialmente e transterritorialmente. Cada componente abre para pensar um mapa – cada mapa mostra sua consistência única (o frio de Joquim, a mensuração de Palomar) – não demora muito, percebemos a sobreposição possível dos mapas. É que não se trata necessariamente de uma sobreposição (euclidiana), e sim de uma fractalização (não-euclidiana, os novos mapas se conectam pelas bordas). O pensamento pode usufruir de uma nova geometria que não a tradicional euclidiana, para dar conta dos fluxos, irregularidades, quebras, fraturas, descontinuidades contínuas. Novamente, se perde qualquer dicotomização, e a subjetividade não é mais localizável em um sujeito ou em uma unidade, devendo ser cartografada, acompanhando as fronteiras que se estabelecem entre os agenciamentos enunciativos que não cessam de operar diversos modos de fractalização.

5) O afeto surge como a matéria desterritorializada ativa, capaz de ser trabalhada em uma análise, o combustível para transitar entre os territórios. Com isso, Guattari nos mostra que podemos aguçar processos de fractalização que intensifiquem a heterogênesse dos territórios existenciais. Há dois modos de fractalização utilizados por Guattari: um que auxilia a pensar sobre como o território se fractaliza intrinsecamente, gerando uma auto-consistência, e outra que auxilia a pensar como o território se conecta e agencia com outros territórios, formando passagens transversais que conferem temporalidades singulares à cada composição, gerando ritornelos sempre situacionais, mas que sempre arrastam consigo uma história e memória territorial. Novamente, se trata de entender que os dois modos de fractalização eles próprios se fractalizam, um à espreita do outro, nas fronteiras dos infinitos componentes de cada ontologia fractal.

Isso mostra como a ontologia fractal, quando hipertrofiada nas cartografias esquizoanalíticas, aproxima uma teoria sobre o desenrolar dos fenômenos com uma teoria sobre nossa implicação no que nos dispomos a pesquisar/intervir/cartografar. Se a ontologia fractal enquanto um metamodelo nos

auxilia a pensar em ferramentas e conceitos para experienciar o mundo e apreendê-lo em suas fractalizações, o afeto é nosso “ás na manga” com o qual podemos trabalhar efetivamente numa práxis que lide com a transformação de agenciamentos de enunciação. A fronteira entre o pensar sobre o mundo e agir sobre o mundo é uma fronteira fractal, em que uma coisa não para de aparecer na outra, compondo-as simultaneamente.

Quando Guattari é questionado sobre seu intenso uso de neologismos, abstrações e variedade de vocábulos emprestados de outras disciplinas, ele responde que forjou sua própria linguagem para enfrentar certas questões.

Forjar uma linguagem significa inventar palavras, palavras-chave, palavras-valise, no melhor dos casos, palavras-ferramentas capazes de abrir uma problemática, veiculá-la e articulá-la em diversos campos. (GUATTARI, 2022, p. 149)

De certa forma, foi nessa perspectiva que este trabalho apostou. Ao se investigar a aparição da geometria fractal na obra de Deleuze e Guattari, pretendi indicar *onde* estão tais aparições, e *como* as articulações conceituais foram feitas em cada situação. A cartografia, recheada de personagens conceituais, fez com que fosse possível a tentativa de experimentação dos conceitos, e não somente racionalizá-los ou sistematizá-los. Ainda assim, há pistas que não houve fôlego para serem seguidas, por limitações do trabalho. São pistas que podem ser seguidas em trabalhos futuros. Listo algumas:

1) A possível relação entre os processos de fractalização dos ritornelos com a distinção entre real e virtual, conforme pensado na filosofia da diferença.

2) A utilização de outras geometrias não-euclidianas, principalmente aquelas teorizadas por Gauss e Riemann. Por exemplo, Deleuze e Guattari utilizam estes matemáticos para pensar outras geometrias além da fractal em Mil Platôs, e aprofundam-se em aspectos lógico-matemáticos que auxiliam ainda mais a pensar em conceitos como o de multiplicidade, mas que não consegui abordar neste trabalho.

3) Intensificar a relação que foi rapidamente trabalhada nos últimos capítulos entre a ontologia fractal e o trabalho da psicologia, tanto em metodologias de pesquisa quanto em contextos de saúde, como a clínica. Penso na clínica do corpo-sem-órgãos e do esquizodrama, por exemplo.

4) Aprofundar os quatro funtores (Fluxos, Phylum, Universos de referência e Territórios existenciais) que Guattari utiliza durante todo o livro das

Cartografias Esquizoanalíticas (GUATTARI, 2015), entendendo ainda mais como ele utiliza o conceito de fractalização em cada um dos funtores de maneira diferente. Neste trabalho, só tive fôlego para abordar brevemente os Universos de referência e Territórios existenciais, sem adentrar nos diversos diagramas e dispositivos propostos por Guattari, em que os quatro funtores são postos em relação.

5) Sobre a utilização de referências eurocêtricas ou masculinas, que definitivamente dizem do modo de subjetivação que me atravessa e atravessa a construção de nossas pesquisas acadêmicas. Quais cartografias do conceito de fractal são possíveis em referenciais que não sejam brancos, eurocêtricos, falocentrados?

De toda forma, o território vai até onde consegue manter sua consistência. E não pode dar conta de tudo, como tanto quis Palomar. O trabalho tem que acabar. Palomar acaba sua jornada, assim como Joaquim, e tantos outros personagens conceituais que fractalmente foram enunciados aqui, ainda que infinitesimalmente, sem ganhar um nome.

“Se o tempo tem de se acabar, podemos descrevê-lo, instante a instante – pensa Palomar – e cada instante, ao ser descrito, dilata-se tanto que deixa de se lhe ver o fim” (CALVINO, 1994, p. 70), em um horizonte fractal, acrescento eu.

“Decide que vai se pôr a descrever cada instante da sua vida e que, enquanto não os tiver descrito a todos, deixará de pensar que está morto.

Naquele momento morre.”

(CALVINO, 1994, p. 70)

Em seu lugar, nascem e se fractalizam outros mil Palomares.

Algum, com sorte, psicólogo.

Referências

A LINHA IMAGINÁRIA. Dirigido por Cíntia Langie e Rafael Andreazza. Pelotas: Moviola Filmes, 2014. 26 minutos, Cor.

ASSIS, Thiago Albuquerque de et al. Geometria fractal: propriedades e características de fractais ideais. **Revista Brasileira de ensino de física**, v. 30, p. 2304.1-2304.10, 2008.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: **Pistas do método da cartografia.** Porto Alegre: Editora Sulina. 2020, p. 52-75.

BERGSON, H. **A evolução criadora.** São Paulo: Martins Fontes, 2019. Data de publicação original: 1907.

BERTICELLI, Ireno Antônio. **Epistemologia e educação da complexidade, auto-organização e caos.** Chapecó: Argos. 2006.

CALVINO, Italo. **Palomar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. A origem do conceito de multiplicidade segundo Gilles Deleuze. **Trans/Form/Ação**, v. 19, p. 151-161, 1996.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista digital do LAV.** Santa Maria, UFSM. Vol. 7, n. 2 (maio./ago. 2014), p. 65-76, 2014.

DA COSTA, Rogério; GONDAR, Josaida. As Pulsões. Entrevista com Felix Guattari. **Cadernos de Subjetividade**, n. 12, p. 7-13, 2010.

DELEUZE, Gilles. **A Dobra: Leibniz e o Barroco.** Campinas, SP: Papyrus, 1ª Edição, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. São Paulo: Brasiliense, 1968.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 4ª Reimpressão da 5ª Edição, 2015. Data da publicação original: 1969.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**, vol. 1. São Paulo: Editora34, 1980a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**, vol. 4. São Paulo: Editora34, 1980b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**, vol. 5. São Paulo: Editora34, 1980c.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**. São Paulo: Editora34, 1972.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1991.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Valencia: Pre-textos, 2004.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DE PERES, Sérgio Luiz Peres. Uma história de invenções: memória, narrativa e biografia em Joaquim Fonseca. **Revista Memória em Rede**, v. 1, n. 1, p. 97-104, 2009.

ESCHER, Maurits Cornelis. **Day and Night**. The M.C. Escher Company, 1938.

FREITAS, Elizabeth de. Calculating Matter and Recombinant Subjects: The Infinitesimal and the Fractal Fold. **Cultural Studies ↔ Critical Methodologies**, n. 16, p. 462-470, 2016.

GLEICK, James. **Caos: a criação de uma nova ciência**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de M. Bittencourt. São Paulo: Papyrus. 1989.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34. 1992.

GUATTARI, Félix. Entrevista sobre o anti-édipo. In DELEUZE, Gilles, **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992a

GUATTARI, Félix. **Os Anos de Inverno (1980-1985)**. São Paulo: N-1, 2022.

GUATTARI, Félix. **Ritornos e Afetos Existenciais**: Tradução: Cristina Thorstenberg Ribas. GIS-Gesto, Imagem e Som-Revista de Antropologia, v. 4, n. 1, p. 383-397, 2019.

GUATTARI, Félix. **Schizoanalytic Cartographies**. A&C Black, 2012.

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. **Kafka: por uma literatura menor**. Autêntica: 2018.

HUR, Domenico. **Esquizoanálise e Esquizodrama: clínica e política**. Campinas: Alínea Editora, 2022.

HUR, Domenico. Memória e tempo em Deleuze: multiplicidade e produção. Athenea Digital. **Revista de pensamiento e investigación social**, p. 179-190, 2013.

JAKES, William S. **Fractal ontology and anarchic selfhood: multiplicitous becomings**. 2013. Tese de Doutorado.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: N-1, 2015.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa de ficção**. São Paulo: N-1 edições, 2021.

LÉVY, Pierre. Plissê fractal. **Cadernos de Subjetividade**, n. 11, p. 23-38, 2003.

LÓPEZ, Xoel. **Patagonia**. Álbum: Paramales. Espanha: Esmerarte, 2016.

MANDELBROT, Benoit. How Long Is the Coast of Britain? Statistical Self-Similarity and Fractional Dimension. **Science**, v. 156, n. 3775, p. 636-638, 1967.

MANDELBROT, Benoit. **The fractal geometry of nature**. New York: Freeman, 1982.

MICHAELIS. *In*: **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Online**. 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/perrengue>>. Acesso em: 10/05/2023.

PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia. & ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Editora Sulina. 2020.

PELBART, Peter Pál; PRADO JR, Bento. **Tempo não-reconciliado: imagem de tempo em deleuze**. 1996.

POLIDORI, Maurício Couto. **Crescimento urbano e ambiente: um estudo exploratório sobre as transformações e o futuro da cidade**. 2005. Tese de doutorado.

POLIDORI, Miguel Delanoy; KREUTZ, José Ricardo. Fractal e rizoma: aproximações e relações entre os dois conceitos. **Anais CEG 2019 da UFPel**, Pelotas, 2019.

POLIDORI, Miguel Delanoy; KREUTZ, José Ricardo. Fractal, ritornelo e pensamento: articulações na filosofia da diferença. **Anais CIC 2021 da UFPel**, Pelotas, 2021.

POLIDORI, Miguel Delanoy; KREUTZ, José Ricardo. A atenção do cartógrafo e os processos de fractalização: uma cartografia teórico-conceitual. **Anais CIC 2022 da UFPel**, Pelotas, 2022.

POLIDORI, Miguel Delanoy; STONE, Anne; KREUTZ, José Ricardo. Resiliência como deformação: um conceito filosófico? Arquitetura, psicologia e máquinas desejanter. **Projectare: Revista de Arquitetura e Urbanismo**, v. 1, n. 10, 2020.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**. São Paulo: Unesp; 2011. Data de publicação original: 1996.

RAMIL, Vitor. A estética do frio. **CEP**, v. 96, p. 020-720, 2015.

RAMIL, Vitor. **Tango**. EMI – Odeon. LP. 1987.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2006.